De PASTOR *para* PASTOR

Como Enfrentar Os Problemas Do Ministério

ERWIN LUTZER

reação pública desfavorável. Nessas horas, ele necessita de um referencial de ação seguro, solidamente fundamentado em padrões bíblicos.

Respaldado por uma larga experiência pastoral, Erwin Lutzer escreveu este livro pensando em fornecer suporte e ajuda aos ministros de Deus. Oferece também conselhos práticos para lidar com situações difíceis, como:

- *divisões na igreja;*
- *estafa;*
- *expectativas da congregação;*
- *prioridades ministeriais;*
- *aconselhamento.*

De pastor para pastortem um objetivo muito mais elevado do que simplesmente dar respostas ou contribuir para a solução de problemas. Com sabedoria, Erwin Lutzer conduz os líderes pelo caminho do crescimento espiritual. Mostra que a busca sincera da sabedoria de Deus e a obediência à sua vontade são as chaves que abrem as portas para um ministério frutífero e bem-sucedido.

Erwin W. Lutzer é mestre em teologia pelo Seminário Teológico de Dallase pastor-titular da histórica Igreja Memorial Moody, em Chicago, Estados Unidos. Entre os vários livros que escreveu estão A *serpente do paraíso* (publicado pela Editora Vida) e *Seven reasons whyyou can trust the Bible [Sete razões para você confiar na Bíblia]* (Editora Vida).

ISBN 85-7367-543-8

9 788573 675436

Categoria: Ministério pastoral/Liderança CD

rsj



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lutzer, Erwin

De pastor para pastor : respostas concretas para os problemas e desafios do ministério / Erwin Lutzer ; tradução Josué Ribeiro. — São Paulo : Editora Vida, 2000.

Título original: Pastor to pastor.

Bibliografia.

isbn 85-7367-543-8

1. Clero - Ministério 2. Igreja cristã - Clero 3. Teologia pastoral I. Título.

$

S

si

§

'=54^

01-1719

CDD-253 *Tradução Josué Ribeiro*

índices para *catálogo* sistemático 1. Ministério pastoral : Cristianismo 253

vila

©1998, de Erwin Lutzer Título do original ■ *Pastor to pastor,* edição publicada pela Kregel Publications,

5umáno

(Grand Rapids, Michigan, EUA)

m

W

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por _QL

Rua Júlio de Castilhos, 280 Belenzinho, São Paulo, SP ***cep*** ■ 03059-000 *Telefax* ■ 0 xx 11 6096-6814 www.editoravida.com.br

Proibida a reprodução por quaisquer meios,

SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

Impresso no Brasil / *Printedin Brazil* •

Categoria ■ Ministério pastoral

Todas as citações bíblicas foram extraídas da *Nova versão'internacional* (NVI), ©2000, de Editora Vida, salvo indicação em contrário.

•

Gerência editorial ■ Reginaldo de Souza

Preparação de texto ■ Fabiani S. Medeiros *Revisão de provas* ■ Rosa Maria Ferreira *Diagramação* ■ Set-up Time Artes Gráficas *Capa* ■ Douglas Lucas *m*

EDITORA FILIADA A SOCIO

èc

■.UlfifS-QHMi

CBL

Câmara Brasileira do Livro

Onde traçar o limite?

9 Inveja 71 *Como lidar com o sucesso?*

10 Esgotamento 77 *Lenha molhada pode queimar?*

Qual é o plano de Cristo?

Prefácio à edição brasileira

Livros repletos de conselhos para pastores não são uma raridade. Muitos, portanto, questionariam se mais um livro seria necessário. Minha opinião é que este livro do pastor Erwin Lutzer não é mais um livro apenas, mas é um acréscimo valioso ao acervo da literatura evangélica para líderes de igrejas.

Erwin Lutzer pastoreia uma das mais famosas igrejas dos Estados Unidos, a Moody Memorial Church, em Chicago, com quatro mil membros. Liderar uma igreja como essa requer várias qualidades que este livro altamente recomenda.

Lutzer é escritor habilidoso, mas o grande beneficio da leitura deste livro será a maneira sábia em que problemas das igrejas podem ser superados e

solucionados. E problemas são o feijão-com-arroz do pastor, que tem de enfrentar o Diabo e sua mania de usar membros, pastores auxiliares e conselhos para minar o ministério do pastor titular.

O autor crê que existe um chamado específico para ministrar como líder de uma igreja. A importância de ter certeza de que Deus o chamou para cuidar de um rebanho é fundamental para manter o líder confiante. Mercenários no trabalho do Reino não são benquistos do Supremo Pastor. São os responsáveis por muitos estragos nas igrejas.

Um dos valores mais destacados deste livro é saber lidar com pessoas difíceis na igreja. Parece que as comunidades atraem pessoas complicadas, como o mel atrai formigas. O pastor precisa de muita habilidade e sabedoria, além de muita oração e paciência, para evitar desastres eclesiásticos.

Um exame detido dos títulos dos capítulos vai dar ao leitor uma excelente idéia da diversidade de temas que Lutzer aborda. Nenhum dos capítulos deixa de lado o elemento humano que mantém o interesse constante do leitor.

Sua maneira de avaliar o papel da psicologia no aconselhamento pastoral é excelente. Está certo dar à Bíblia a primazia. Sua discussão sobre o apelo após a mensagem levanta dúvidas que todo pastor e evangelista sério devem ter enfrentado.

Não será preciso dizer mais. Leia este livro. Fará muito bem para sua alma e seu ministério. Especialmente quero recomendar *De pastor para pastor* aos pastores jovens, em início de carreira. Ele os ajudará sobremaneira a escapar das muitas ciladas que estão à sua frente!

A Deus toda a glória!

Dr. Russell Shedd

- Apresentação
- O chamado para o ministério

- PI5 expectativa5 da congregação
- 2TJ
- Sobrevivendo ao5 conflitos
- 4
- Pregação
- Política
- Inveja
- Esgotamento
- P) igreja e o mundo
- Pldoração
- flpelos públicos
- Ojuízo de Deue
- Uma teologia maia amena, maie tolerante
- Fracasso
- 05 caídos
- A igreja
  - Apresentação
  - O chamado para o ministério
  - PI5 expectativa5 da congregação
  - Sobrevivendo ao5 conflitos
  - Pregação
  - Política
  - Inveja

- Esgotamento
- P) igreja e o mundo
- Pldoração
- flpelos públicos
- Ojuízo de Deue
- Uma teologia maia amena, maie tolerante
- Fracasso
- 05 caídos
- A igreja

Apresentação

Há muitos livros disponíveis com orientações que nos ajudam a enfrentar e resolver problemas pessoais e relacionados à ; igreja. Já li muitos e os julgo úteis de uma forma ou de outra.

Então, por que publicar mais um livro?

Porque este livro tem um objetivo muito mais elevado do que simplesmente dar respostas ou resolver problemas.

Crescimento espiritual: essa é a grande preocupação de Erwin Lutzer ao compartilhar suas descobertas com você. Seu objetivo não é apenas resolver os problemas da igreja, por mais importante que isso seja, mas desenvolver a vida espiritual do ministro e da congregação. Afinal, cada problema representa uma oportunidade para que o pastor e a igreja enfrentem a situação com transparência, buscando diligentemente a sabedoria de Deus e obedecendo a sua vontade com confiança. O resultado? O crescimento espiritual de todos!

Ainda outro elemento toma estes capítulos singulares: procedem do coração e da mente de um homem que é pastor, teólogo, professor e filósofo — homem com profundo desejo de presenciar o avivamento e a renovação da igreja. Erwin Lutzer recorre ao seu profundo saber e emdiüsmo, sem deixar de passar pela experiência. Não há aqui idéias elevadas como torres de marfim, fora da realidade, nem evasivas piedosas!

Não se apresse na leitura. Pare, pense, ore... e cresça!

O chamado para o ministério

Warren W. Wiersbe

Ser d que precisamos disso?

Suponhamos que Charles Spurgeon e Billy Graham tivessem escolhido outra carreira que não a de pregadores. Será que para Deus seria a mesma coisa?

Não creio. Embora tal idéia não seja popular em nossos dias, creio que Deus ainda chama indivíduos para ministérios específicos — principalmente para pregação e ensino da Palavra.

Nos últimos vinte anos, certos missionários têm afirmado não ser necessário um chamado específico. Cristo ordenou que pregássemos o evangelho; assim, se estamos preparados, temos de ir. Não podemos perder tempo aguardando um sinal do céu.

No livro *Como descobrir e fazer a vontade de Deus*, Garry Friesen ensina que Deus tem uma vontade soberana (seu plano geral) e uma vontade moral (suas diretrizes para a vida e para a fé), mas não tem planos individuais para o cristão que precisem ser descobertos.[1]

Ele pede que lembremos alguma vez em que foi difícil "descobrir a vontade de Deus" ao tomar alguma decisão em particular e explica a razão: estávamos procurando algo que não existia. Buscamos uma forma de direção que Deus nunca prometeu.

Friesen insiste em dizer que devemos tomar decisões com base na sabedoria. Devemos colher todas as informações possíveis, pesar os prós e os contras e tomar as decisões pela fé. Sem dúvida, uma parte importante desse processo consiste em consultar os que nos conhecem e ouvir a contribuição dessas pessoas.

Depois Friesen refere-se a todos os homens chamados por Deus nas Escrituras. Deus falou audivelmente com eles, por isso não tiveram dúvidas quanto à vontade dele. O Senhor falou diretamente ajeremias, dizendo que ele fora escolhido para um ministério específico (Jr 1.9,10). Entretanto, não age dessa forma em nossos dias, de modo que esses exemplos não nos servem. Devemos ser obedientes à vontade moral de Deus, mas depois disso as decisões são nossas. Qualquer decisão, dentre várias opções, será aprovada por Deus.

Há certa verdade nisso. Muitos de nós cresceram achando que precisam desvendar os conselhos secretos de Deus cada vez que têm de tomar uma decisão. Tentamos ler o diário divino, mas a tinta parecia borrada. Sua vontade era um mistério envolto em enigmas. Sem dúvida deveriamos ter ido adiante, tomando uma decisão razoável. Como disse certo pastor a um amigo: “Tenha um coração puro e então faça o que quiser”.

Também acreditávamos que o chamado para o ministério pressupunha uma experiência como a da “estrada de Damasco”. Sem isso, sentíamo-nos forçados a optar por uma vocação “secular”. Lembro-me de ter ouvido muitos jovens na faculdade teológica discutindo se tinham ou não o “chamado”. Muitos esperavam ter sido chamados, mas não tinham certeza.

Além de tudo, ressaltar o chamado para o ministério tende a exagerar a distinção entre clérigos e leigos. Todo crente é um ministro de Deus. Dizer que alguns cristãos são chamados para ministérios específicos enquanto outros parecem não ser é contradizer o ensino bíblico de que todo membro do corpo de Cristo é importante.

A posição de Friesen também explicaria por que algumas pessoas se sentem chamadas para ministérios para os quais estão malpreparadas. Falando claramente, foram enganadas. O que acreditavam ser uma direção do Espírito Santo não passava na verdade de palpite. Você já deve ter ouvido falar do homem que foi chamado para pregar, mas infelizmente não achou ninguém com chamado para ouvi-lo!

Certo homem, exausto aos quarenta anos de idade, concluiu que jamais fora chamado para o ministério; tinha-se tomado pregador apenas para agradar a mãe. Quando jovem, demonstrou grande talento para falar em público e

para o serviço na igreja, de modo que a mãe o incentivou a ser pastor. Aos quarenta anos, chegou à conclusão de que aquilo fora um erro.

Embora não saibamos tanto quanto gostaríamos sobre o "chamado", ainda assim creio que Deus chama algumas pessoas para além do chamado geral de todo crente. Há um chamado que consiste em mais do que ter talento para certo serviço ou ter um simples desejo de pregar ou ensinar. Charles Bridges tem razão, quando diz que o fracasso ministerial às vezes pode ser localizado "no próprio portal de entrada do trabalho".

J. Oswaid Sanders estava certo quando escreveu: "A natureza sobrenatural da igreja exige uma liderança que se erga acima do que é humano [...]. A maior necessidade da igreja, para que ela cumpra suas obrigações para com a presente geração, é uma liderança espiritual, sacrificial, plena de autoridade vinda do alto".[2] Spurgeon, Billy Graham e centenas de outros pregadores já declararam ter optado pelo ministério somente porque Deus os escolheu. Não sabemos se Timóteo recebeu um chamado audível. Mesmo assim, não posso imaginar Paulo dizendo a ele que podería abandonar o ministério, se desejasse, sem com isso rejeitar a vontade divina. Pelo contrário, Paulo o exortou a cumprir seu ministério. Quando Timóteo começou a se questionar sobre seu

'Liderança espiritual, São Paulo, Mundo Cristão, 1985, p. 12.

chamado, Paulo insistiu: "Por essa razão, tomo a lembrar-lhe que mantenha viva a chama do dom de Deus que está em você mediante a imposição das minhas mãos" (2Tm 1.6).

Não sei como alguém podería sobreviver no ministério acreditando ser tudo apenas uma questão de escolha. Alguns ministros raramente experimentam dois dias seguidos de bonança. O que os sustenta é saber que Deus os colocou onde estão. Ministros sem essa convicção com freqüência perdem a coragem e andam com a carta de demissão no bolso do paletó. Ao menor sinal de dificuldade, vão embora.

Fico irritado com quem prega e ensina sem a idéia de ter sido chamado. Quem considera o ministério uma opção entre muitas tende a ter uma visão horizontal. Não tem o senso de comprometimento de Paulo, que disse: "Me

é imposta a necessidade de pregar". Como disse John Jowett: "Quando perdemos a capacidade de valorizar a maravilha da nossa

comissão, tomamo-nos vendedores comuns, num mercado comum, tagarelando sobre mercadorias comuns".[2]

Como nos tempos bíblicos Deus chamou muitos indivíduos para ministérios específicos, é razoável crer que faça o mesmo hoje. Embora não chame de forma audível agora que o Novo Testamento está completo, temos uma base satisfatória pela qual podemos pôr à prova a direção interior do Espírito.

Características do chamado

Deixe-me arriscar uma definição de chamado. *O chamado de Deus é uma convicção interior, dada pelo Espírito Santo e confirmada pela Palavra e pelo corpo de Cristo.*

Observe que a definição compõe-se de três partes. Primeira, convicção interior. Os sentimentos e as intuições vêm e vão. Podem estar calcados em impressões que tivemos na infância, quando romantizávamos a idéia de ser missionários. Ou talvez valorizássemos em demasia o papel do pastor.

Entretanto, não há obstáculos que detenham o impulso dado por Deus. Com ele obtemos a firmeza de propósito necessária *para* o ministério eficaz. Alguns têm essa convicção desde a juventude; para outros, o senso de importância foi crescendo à medida que estudaram a Bíblia; outros ainda talvez tivessem um senso de direção menos distinto, mas não menos seguro. A base, porém, é a mesma: um forte desejo de pregar, filiar-se a um grupo missionário ou talvez instruir outros na Palavra.

Certamente nem todos são chamados da mesma maneira. As circunstâncias e os temperamentos diferem. Já mencionei que para algumas pessoas a convicção pode ser repentina; para outras, pode ser gradativa. Uma pessoa pode não sentir nenhum chamado até ser incentivada por membros do corpo dotados de discernimento. Mesmo assim, apesar das diferenças, ocorre uma percepção dos objetivos. Sim, "Ai de mim se não pregar o evangelho!" (ICo 9.16).

Em segundo lugar, nosso chamado deve ser confirmado pela Palavra de Deus. Temos de perguntar se o candidato ao ministério apresenta as características listadas em ITimóteo 3. E maduro? Tem os dons necessários? E firme na Palavra e na doutrina — ou se desqualificou com transigências morais ou desvios doutrinários? Caráter não é o único elemento necessário, mas é ingrediente fundamental e indispensável.

Sem dúvida muitos erros já foram cometidos ao desconsiderar as exigências bíblicas só para confirmar o chamado. Para algumas pessoas, um homem se dizer chamado já é razão suficiente para ser arremessado no ministério. A igreja, porém, não deve apressar-se em ordenar os que se consideram chamados. Algumas pessoas, apesar de se sentirem fortemente impelidas para o ministério, não se enquadram nos padrões bíblicos ou estão equivocadas quanto ao chamado.

Há casos também em que as igrejas erram recusando-se a (>rdenar um homem por considerá-lo despreparado para o ministério. Talvez ele não apresente os dons necessários; ou talvez o candidato não pareça ter a determinação necessária. Mesmo assim, com o passar do tempo, esse mesmo candidato podería destacar-se como ministro fiel. Apesar das nossas melhores intenções, estamos sujeitos a erros. Entretanto, como já

mencionamos, o caráter sempre deve estar no centro de qualquer avaliação de chamado.

Certamente os requisitos de ITimóteo 3 referem-se ao caráter do homem hoje, não ao seu caráter passado. Muitas vezes, no entanto, esse passado, sobretudo a partir da conversão, também é relevante. Se o candidato não passa no teste das Escrituras, não pode ser ordenado. Talvez, no futuro, seu chamado possa se concretizar de outra forma.

Em terceiro lugar, o corpo de Cristo ajuda a compreender onde nos encaixamos na estrutura da igreja local. Os líderes da igreja de Antioquia estavam servindo ao Senhor e jejuando quando o Espírito Santo disse: “Separem-me Bamabé e Saulo para a obra a que os tenho chamado” (At 13.2). O corpo capacita seus membros a identificar seus dons espirituais e serve de local para confirmar a vocação. Aos fiéis no pouco, serão confiadas responsabilidades maiores.

Deus pode escolher confirmar o chamado por meio de coincidências especiais ou por intermediação humana. Por exemplo, o jovem teólogo João Calvino passou a noite em Genebra depois que o inflamado pregador Farrel lhe apontou o dedo e disse: “Se você não ficar aqui em Genebra e não ajudar o movimento de reforma, Deus o amaldiçoará!”. É certo que foi algo incomum, mas será que alguém discordaria de que Calvino fora chamado por Deus para ministrar em Genebra? Sem dúvida esse episódio, verdade seja dita, foi o modo que Deus usou para limitá-lo a um ponto geográfico específico, mas não devemos restringir os meios que Deus pode utilizar para nos atrair a atenção e ajudar a entender que sua mão nos está separando para um serviço especial.

d

Meu próprio chamado para o ministério se confirmou quando meu pastor pediu-me para pregar algumas vezes no instituto bíblico. A confirmação que recebi ressoava o que eu acreditava ser a direção do Espírito em meu coração e mente. Quando criança, sentia-me “chamado” para pregar, mas, se o corpo de Cristo não tivesse confirmado minha convicção, não teria percorrido a carreira ministerial.

Muitas vezes uma pessoa sente o chamado para o ministério, mas não se sente impelida para nenhuma organização ou igreja em particular. Também, nesse caso, Deus usa o corpo de Cristo ou uma junta de missões para clarear o próximo passo. Com fre-qüência não temos consciência da direção divina, mas quando olhamos para trás podemos ver sua mão dirigindo nossa vida. E, de fato, algumas pessoas que a princípio não tinham certeza do chamado acabaram por realizar um excelente trabalho para Deus.

Embora os detalhes variem em cada caso, o resultado deve ser o mesmo: uma identificação da iniciativa divina, comissão que dá à pessoa a firme segurança de estar fazendo o que Deus deseja.

Nossa forma de corresponder ao chamado

Nossa reação ao chamado de Deus deve ser de humildade e surpresa. Cada cristão deve ter um senso de autoridade e de ousadia. Devemos ser

caracterizados por uma sinceridade e por uma diligência fora do comum no estudo e na oração. Talvez Jowett não tenha exagerado quando escreveu: “O chamado do Etemo deve ecoar pelas salas de sua alma tão claramente quanto o som dos sinos ecoa pelos vales da Suíça, chamando os camponeses

para a oração e para o louvor matinais”.[4] Spurgeon não incentivava ninguém a entrar para o ministério. Dizia claramente que, se a pessoa tivesse condições de optar por outra vocação,

Ibid.

0 fizesse. Queria no ministério só os que sentissem fortemente não ter alternativa. Lutero advertiu que o homem devia fugir do ministério, ainda que fosse mais sábio que Salomão e Davi, a menos que tivesse um chamado. Ele dizia: “Se Deus precisar de ti, saberá como chamar-te”.

Como explicar aqueles que saíram do ministério? Devem sentir-se como se tivessem fracassado no chamado? Certamente é possível que alguns tenham fracassado. Não quer dizer, contudo, que Deus não possa usá-los em outras vocações, pois ele sempre opera em nós a despeito dos nossos fracassos. Muitos pastores que caíram podem ser restaurados como irmãos, mas se tomaram desqualificados para a liderança espiritual.

Outros simplesmente devem ter considerado o ministério uma oportunidade entre muitas; portanto, carecem da paixão que os teria feito profundamente comprometidos com Deus.

Entretanto, pode haver outras explicações. Talvez esses ministros fossem chamados, mas o corpo de Cristo falhou com eles. Muitos jovens têm seu ministério arruinado por congregações demasiadamente críticas.

Outros podem não ter fracassado, mas o padrão de sucesso do mundo interpretou assim seu ministério. Isaías tinha um chamado maravilhoso, mas, da perspectiva humana, fracassou no ministério. De fato, Deus lhe disse que praticamente ninguém ouviría o que tinha para dizer.

1

Garry Friesen, *Como descobrir e fazer* a *vontade de Deus,* São Paulo, Vida, 1991.

2

0 *pregador:* sua vida e obra, São Paulo, Cultura Cristã, s.d.

PI5 expectativa5 da congregação

Podemos nos ajustar?

“Se todos já o conhecem como madrugador, então você pode se dar ao luxo de dormir até meio-dia.”

Não lembro onde li essa “pérola de sabedoria”, mas me fez lembrar que a impressão que a congregação tem do pastor influencia — para o bem ou para o mal — a eficácia de seu ministério. Se ele é tido como desonesto, incompetente ou indiscreto, suas palavras e ações serão interpretadas por uma tela negativa. Se ele é considerado piedoso e competente, terá o benefício da dúvida ainda que falhe.

Muitas vezes essa situação coloca o pastor em desvantagem. Se algum deixasse de cair nas boas graças da congregação, seu ministério poderia chegar rapidamente ao fim. Mas, quando tenta de forma consciente projetar e conservar uma impressão correta, está cortejando o desastre espiritual. Todos carecemos de uma perspectiva correta nessa questão.

As pressões do ministério público

()s pastores estão constantemente sujeitos à avaliação do público. Pregue nove mensagens boas e uma “sem pé nem cabeça”, c algumas pessoas se lembrarão apenas desta última. Passe por

um diácono sem cumprimentá-lo e você ferirá seus sentimentos. Se um membro amargurado da congregação começa um boato, “um pouco de fermento leveda toda a massa”.

Também ficamos sob pressão porque poucos membros da congregação conhecem as exigências dos nossos compromissos. Um pastor pediu aos diáconos que escrevessem sobre como achavam que ele gastava seu tempo. Embora ele trabalhasse 72 horas por semana, tiveram dificuldade de

preencher 40 horas por semana. Todos achamos engraçado o garoto que disse ao filho do pastor: “Meu pai não é como o seu — meu pai trabalha”. Apesar de até nos divertirmos com isso, fere da mesma maneira.

Depois que você adquire uma reputação, está de certa forma preso a ela. Li sobre um pastor que estavajogando bola quando um membro da igreja precisou dele. Furioso, o membro espalhou a história de que o pastor passava o tempo todo jogando bola. Embora o pastor quase tivesse arruinado a saúde e prejudicado a família trabalhando além de seus horários para corrigir a má impressão, ela persistiu.

Tais impressões, verdadeiras ou falsas, podem exercer uma autoridade impressionante sobre nós. Se formos egocêntricos, sempre desejando saber quanto somos apreciados, logo nos tornaremos escravos do nosso índice de popularidade. Faremos tudo de olho nas estatísticas. Nesse aspecto, perdemos a autoridade para ministrar: “Quem teme o homem cai em armadilhas...” (Pv 29.25). Vamos sempre querer ficar neutros em qualquer disputa, tentando concordar com todos. Não administraremos a disciplina eclesiástica por medo das críticas. Fugiremos de qualquer opinião pouco popular, mesmo que correta.

Muitos pastores sentem medo de confrontar.

Não quero dizer que devemos ser insensíveis. Todos conhecemos pastores que dizem “não se importar com o que os outros dizem” e menosprezam os sentimentos alheios. Refiro-me a uma falta de ousadia, mesmo em questões claras nas Escrituras.

2T|

Também podemos achar difícil nos alegrar com o sucesso de outro pastor. A televisão traz as imagens das superigrejas para dentro da sala de nossos membros. A comparação é inevitável. Deveriamos vibrar, cheios de entusiasmo, quando ouvimos comentários excitados sobre como o pastor Fulano foi uma bênção na vida de uma de nossas ovelhas. Queremos realmente nos alegrar, mas a alegria não flui com facilidade. Podemos até

sentir um deleite secreto com o fracasso dos colegas. Um pastor auxiliar, considerado uma ameaça pelo titular, confidenciou: “Nada o agradaria mais do que a minha queda”.

Quando somos sensíveis em demasia à opinião dos outros, também viveremos acorrentados pela culpa — aquele sentimento desagradável de que poderiamos ter feito melhor. Como, por definição, nosso trabalho jamais está terminado, nós o levamos para casa conosco. Minha esposa pode confirmar que às vezes não me encontro em casa, mesmo estando fisicamente presente. Fico preocupado com as pressões do hoje e com as que enfrentarei amanhã.

Em meio a tudo isso, nossa fé sofre uma erosão. Cristo levantou esta questão com os fariseus: “Como vocês podem crer, se aceitam glória uns dos outros, mas não procuram a glória que vem do Deus único?” (Jo 5.44). O desejo do louvor dos homens e a fé para ministrar excluem-se mutuamente — busque um deles, e o outro fugirá de você.

No conflito de Jesus com os fariseus, que de alguma forma não mostravam muito entusiasmo pelo ministério dele, ele disse: “Aquele que me enviou está comigo; ele não me deixou sozinho, pois sempre faço o que lhe agrada” (Jo 8.29).

Como podemos experimentar essa liberdade, essa convicção?

Liberdade para servir

() Senhor Jesus nunca esteve preso à opinião dos homens a respeito dele. Embora se importasse com o que pensavam sobre

ele, por saber que o destino eterno deles dependia disso, suas ações nunca eram calculadas para ganhar a aprovação humana. A vontade do Pai era sempre o mais importante. Se o Pai estava satisfeito, o Filho também estava. Por isso se sentia contente tanto ao lavar os pés dos discípulos quanto ao pregar o Sermão do Monte.

Conheci pastores assim — dedicados, seguros e livres de ações movidas pelo desejo da aprovação humana. Não sentem necessidade de provar nada

a si mesmos, nem de estar sob os holofotes. Nenhuma dificuldade em admitir o sucesso dos outros — apenas liberdade e contentamento no trabalho do Senhor.

Que características poderiamos ter por certas se chegássemos a esse nível de entrega?

Em primeiro lugar, não permitiriamos que as pessoas nos impusessem seus padrões. Todos vivemos sob a tensão entre o que somos e o que as pessoas desejam que sejamos. Gostaríamos de corresponder às elevadas expectativas que os outros nutrem a nosso respeito, mas não conseguimos. Se nos conhecemos de modo realista — nossas qualidades e nossos defeitos —, não pensaremos que somos o presente de Deus para todas

as necessidades humanas.

Jesus Cristo também enfrentou essa tensão. Depois de alimentar uma multidão, o povo queria coroá-lo rei. Ele, porém, afastou-se por si só, recusando-se a considerar a oferta, mesmo sabendo que seria uma decepção para seus seguidores. Seus milagres geravam expectativas a que simplesmente não podia atender no momento.

Mesmo assim, antes de morrer, Jesus pôde declarar ter consumado a obra do Pai, embora milhares de pessoas ainda estivessem enfermas e muitas outras não houvessem crido nele. Contudo, a pressão dessas necessidades não comprometeu sua visão de agradar somente ao Pai.

Quanto mais as pessoas são abençoadas por nosso ministério, maiores serão suas expectativas. Se permitirmos, elas nos

levarão a crer que somos os únicos capazes de levar pessoas a Cristo, aconselhar os perturbados emocionalmente ou visitar os enfermos. Seria bom darmos atenção às palavras de Bunyan: “Os que já estão embaixo não precisam ter medo de cair”.

Se cremos ser a resposta de Deus para todas as necessidades, também aceitaremos todos os convites para almoço, participaremos de todas as reuniões de grupo e aceitaremos todos os convites para pregar — tudo isso à custa da família, da saúde e, acima de tudo, do nosso relacionamento com Deus.

Não podemos permitir que nosso sucesso imponha responsabilidades além de nossas forças e capacidades. Nossa auto-ima-gem sempre deve ser ajustada à realidade. Saber dizer "não" educadamente é uma característica essencial de um homem que submete a própria vontade a Deus.

Em segundo lugar, precisamos saber que lucramos com as críticas. Ninguém aprecia ser criticado, principalmente de forma injusta. Além disso, geralmente não temos a chance de nos explicar sem criar mais mal-entendidos. Algumas vezes, mesmo quando a crítica é válida, nosso orgulho nos impede de aprender com a experiência. Quando temos um conceito sobre nós mesmos mais elevado do que é devido, podemos passar a achar-nos acima de qualquer repreensão.

Paulo também recebeu críticas. Foi atacado por ter se dirigido aos gentios e foi preso por se recusar a abrir mão do aspecto abrangente do evangelho. As vezes as acusações eram pessoais e vingativas: "As cartas dele são duras e fortes, mas ele pessoalmente não impressiona, e a sua palavra é desprezível" (2Co 10.10). O apóstolo, porém, permanecia inabalável. Sabia que Deus o defendería e recompensaria.

Todo líder tem quem o critique. Se somos melindrosos, se não conseguimos tolerar diferenças de opinião e se nos recusamos a aprender com as críticas, ainda estamos presos à reputação.

Muitas mentiras foram publicadas sobre o avivalista George Whitefield para fazer com que as multidões deixassem de ouvi-

lo; ele, porém, reagia dizendo que esperaria até que Deus decretasse o juízo final. Um homem com tamanha fé não pode ser destruído.

Em terceiro lugar, não devemos ter medo de mostrar que somos humanos. Nossa congregação crê que somos diferentes — isentos dos conflitos

emocionais e espirituais dos outros. Afinal, se não estivermos andando em vitória constante, em quem se apoiarão? A galeria de heróis é pequena, e pastores que sejam uma bênção para seu rebanho são bons candidatos ao papel.

Se nos recusamos a falar sobre nossos fracassos, compartilhando apenas vitórias, reforçamos essa impressão distorcida. No final, ela criará um mito em tomo de nós. Um pastor confessou, exausto: “Minha congregação espera que eu seja perfeito”. Sugeri a ele que se dispusesse a ajudar seu povo a demitizá-lo, discretamente mostrando pelo menos algumas de suas falhas.

Nossa falta de autenticidade cria um fardo pesado demais para carregar. Debatendo-nos sob esse peso, pensaremos já ter crescido espiritualmente quanto devíamos e então ficaremos cegos aos fracassos; caso contrário, nos mataremos tentando viver de acordo com as expectativas dos outros. Também tenderemos a recuar, temendo que as pessoas descubram quem somos na realidade.

Que pastor nunca fez coisas das quais se envergonha? Se nossa congregação pudesse abrir nossa mente para inspeção, todos pediriamos demissão, de tão envergonhados. Podemos ajudar mais nossas ovelhas quando permitimos que saibam que estamos ao lado delas na busca pela retidão, nem acima, nem distantes delas, num lugar em que as setas de Satanás e as paixões da carne não nos possam atingir. A transparência é muito melhor que uma falsa idéia de perfeição.

Certo membro de uma igreja escreveu uma carta ao pastor perguntando: “Você é tão humano quanto nós? Você se debate com os mesmos problemas que enfrentamos durante a semana?

25j

Há discórdia em sua casa? Tristezas? Angústias? Você compartilha conosco essas coisas, assim como partilhamos sua doutrina, sua teologia e seu ensino?”.

Por último, não devemos ver o sucesso dos colegas como uma ameaça ao nosso ministério. Quando o Espírito Santo desceu sobre os setenta anciãos durante o ministério de Moisés, dois homens continuaram profetizando. Josué, preocupado com a reputação de Moisés, sugeriu que os dois fossem silenciados. Moisés, porém replicou: “Você está com ciúmes por mim? Quem dera todo o povo do Senhor fosse profeta e que o Senhor pusesse o seu Espírito sobre eles!” (Nm 11.29).

Ali estava um homem capaz de se alegrar com o sucesso dos outros. Não desejava manter o dom apenas para si, nem teria de defender seu chamado para o ministério. Muitos pastores lutam com o sucesso dos outros, principalmente dos que trabalham ao lado deles. O fato de que às vezes Deus usa os menos capacitados ou mesmo os menos autênticos do que gostaríamos traz à tona o pecado da inveja.

A pessoa que morreu para si mesma, porém, se inclinará humilde, resistindo à tentação da inveja que pode ser instigada pela generosidade divina. Na parábola dos trabalhadores da vinha, o proprietário disse aos que tinham trabalhado mais tempo e que reclamavam por causa do pagamento igual para todos: “...você está com inveja porque sou generoso?” (Mt

20.15).

Deus tem a prerrogativa de abençoar algumas pessoas mais do que achamos que devesse. Não fosse essa graça, todos estaríamos perdidos. Os amigos de João Batista estavam preocupados porque alguns de seus discípulos estavam seguindo a Cristo. João respondeu: “Uma pessoa só pode receber o que lhe é dado dos céus” (Jo 3.27).

Se cremos nessas palavras, seremos livres de toda comparação, competição e egocentrismo no ministério. Serviremos com um coração alegre, aceitando nosso papel.

Posteriormente,João acrescentou: “E necessário que ele cresça e que eu diminua” (v. 30).

Mesmo que nosso ministério diminua, podemos aceitar mais facilmente o fato se Cristo é honrado por meio da nossa submissão à sua vontade. Como

nosso ministério foi dado por Deus, não podemos receber os créditos por ele, nem insistir na sua continuidade.

Se estamos mais preocupados em agradar aos homens, devemos nos arrepender. Essa atitude é uma afronta contra Deus. Sutilmente, estamos pregando a nós mesmos e não a Cristo.

Se você tem fama de madrugador, pode dormir até meio-dia. Entretanto, Deus sabe quando você se levanta da cama, e a impressão dele é a que realmente conta.

Sobrevivendo ao5 conflitos

Como se relacionar com a diretoria da igreja?

Talvez a maior pressão dentro da organização eclesiástica seja o relacionamento entre o pastor e a diretoria da igreja lo-' cal. Os detalhes podem mudar, mas a história é sempre a mesma: o pastor deseja levar a igreja numa direção, e a diretoria da i igreja deseja seguir em outra. O pastor afirma crer que recebeu ordens de Deus, por isso é melhor que a diretoria o siga. A diretoria, porém, não está convencida e “finca o pé”, preparando-se para uma longa batalha pelo poder.

Poderá haver discordância por qualquer motivo, desde o programa de construção até a liturgia do culto matutino. Pastores e diretorias já discordaram até sobre a questão de qual tipo de vinho deve ser servido na ceia, de pessoas divorciadas pode-í rem ou não ensinar na escola dominical ou de o tapete ser azul ou vermelho.

A questão muitas vezes é irrelevante; o que importa é quem ganha. O que está em jogo é o poder, e a questão de quem dá as ordens deve ficar bem clara. No final, o assunto será resolvido, mas muitas vezes à custa de uma divisão.

Como pastores, às vezes causamos essas divergências. Para alguns pastores, submeter-se à diretoria da igreja é um sinal

de fraqueza, uma negação das ordens recebidas de Deus. Alguns pensam que ser chamado por Deus é garantia de que conhecemos a vontade divina para a congregação. Além disso, podemos pensar que Deus abençoa somente os pastores que ficam firmes em suas posições, não importando quanto isso possa custar. Nosso desejo de autodefesa é poderosíssimo. Se nosso ego não está sujeito à cruz, seremos tentados até a usar mal as Escrituras, advertindo nossos opositores de que é melhor “não tocarem no ungido do Senhor”.

Quanto mais ditador for o pastor, mais terá necessidade de se sair vitorioso em todas as questões. Interpreta até assuntos sem importância como prerrogativa de sua liderança. Assim, precisa impor sua vontade em tudo. Se a diretoria não lhe atende a vontade, faz pressão, passando por cima da diretoria e recorrendo à congregação ou coagindo outros líderes da igreja. Senão escreve cartas não-autorizadas à congregação em defesa de si mesmo, sempre no interesse da verdade, querendo sempre "limpar sua ficha". Infelizmente, poücos pastores hoje em dia estão dispostos a deixar algumas disputas para

que o Senhor se sente no trono do juízo. Tais pastores não percebem que o que ganham nas disputas de poder perdem em credibilidade e em respeito.

Pedro tinha um entendimento diferente do papel dos presbíteros: "... pastoreiem o rebanho de Deus que está aos seus cuidados. Olhem por ele, não por obrigação, mas de livre vontade, como Deus quer. Não façam isso por ganância, mas com o desejo de servir. Não ajam como dominadores dos que lhes foram confiados, mas como exemplos para o rebanho" (lPe 5.2,3).

Cristo ensinou que a qualidade primordial da liderança é a disposição de servir, e não um espírito ditatorial. Os gentios buscavam a superioridade e o controle; os cristãos devem buscar a humildade e a submissão. O único exemplo claro do governo de um homem só no Novo Testamento é o de Diótrefes, que gostava de "ser o mais importante" (3Jo 9).

Não estou querendo dizer, porém, que a diretoria seja sempre inocente. Tenho ouvido histórias horripilantes de diretorias que obrigam os pastores a se demitir desnecessariamente. Quero, contudo, sugerir alguns princípios básicos que podem nos ajudar na negociação das incompatibilidades inevitáveis que surgem.

O princípio da prestação de contas

Todos os componentes (e até o pastor) devem estar sujeitos ao consenso geral da diretoria. Depois de ter empreendido um estudo exaustivo sobre todas as passagens do Novo Testamento a respeito do assunto, Bruce Stabbert afirma, em seu livro *The team concept* [O *conceito de equipe]:*

“Em todas essas passagens, não há nenhuma que apresente a igreja sendo governada por um pastor”.[1]

Certamente, no sistema batista de governo, os diáconos assumem as responsabilidades que os presbíteros tinham no Novo Testamento. Entretanto, o princípio de pluralidade na liderança ainda se aplica, independentemente de como as igrejas sejam organizadas. O pastor, portanto, não tem autoridade para agir independentemente da diretoria. Não pode anular o voto da diretoria lançando mão de seu chamado divino, simplesmente porque todos têm a mesma autoridade. Os membros da diretoria também têm um chamado divino, embora para um papel e uma responsabilidade diferentes.

O pastor também não deve ameaçar uma renúncia, a não ser que a questão chegue a um ponto que justifique tal atitude. Mais de uma diretoria já percebeu que o pastor estava blefando e exigiu que retirasse o que havia dito ou fosse em frente cumprindo a ameaça.

O que fazer quando a diretoria está inequivocamente errada? Se a questão envolve verdades eternas, como questões de

'Tacoma, Hegg Brothers, 1982.

doutrina ou de moral, o pastor deve advertir a parte ofensora a respeito das conseqüências. Há ocasiões em que terá de haver uma divisão. Como o apóstolo Paulo ensinou, “é necessário que haja divergências entre vocês, para que sejam conhecidos quais dentre vocês são aprovados” (ICo 11.19).

Entretanto, raramente vemos um cisma causado por erros morais ou doutrinários. Geralmente são causados pelo programa de construção, pelo estilo de liderança do pastor

ou por uma semana sobrecarregada de programações.

Quando surgem as dificuldades, o pastor muitas vezes se sente desrespeitado, rejeitado ou incompreendido. O desejo inato que todos temos de nos justificar pode aflorar, e o pastor resolve não ceder até que a justiça prevaleça.

Paulo, porém, adverte para que não nos vinguemos, mas deixemos que Deus acerte as contas. Bem-aventurado é o pastor que aceita o dano sem abrir mão de seus valores, mas também sem retaliação. Esclarecer uma questão é uma coisa, mas insistir numa atitude defensiva é outra bem diferente.

Embora o pastor possa tentar convencer a diretoria sobre seu modo de pensar, a questão fundamental é que ele deve se submeter à autoridade dessa diretoria, a menos que um ponto muito claro das Escrituras esteja em jogo. É melhor ceder que teimar em provar um argumento ou querer fazer "justiça".

Liderança por intermédio da diretoria

O pastor deve compartilhar sua visão com aqueles a quem deve prestar contas. Nessa tarefa, tempo e paciência trazem bons dividendos, quando a diretoria age à uma na tomada de decisões a favor do corpo.

Esse tipo de unidade, porém, só acontece com oração e trabalho árduo. Se o pastor anterior tinha má reputação, a diretoria precisará de tempo para desenvolver confiança na integridade do novo pastor. Haverá um período de experiência, até que se firme a confiança mútua.

Quando o grupo toma uma decisão, há também uma responsabilidade partilhada. Significa que o pastor não deve ser um líder forte? De maneira alguma. Muitas diretorias esperam que o pastor tome a iniciativa, que dê a direção do ministério. Paulo escreveu em ITimóteo 5.17: "Os presbíteros que lideram bem a igreja são dignos de dupla honra, especialmente aqueles cujo trabalho é a pregação e o ensino".

O Novo Testamento permite uma liderança forte dentro da pluralidade dos presbíteros. Entretanto, se o pastor age como ditador em relação a diretoria, não o tratando como parte importante da tomada de decisões, seus integrantes podem acabar unin-do-se contra ele. Evidentemente que a diretoria pode ter opiniões diversas sobre uma proposta. Mas o pastor e a diretoria devem estar dispostos a orar e esperar até que suija um consenso.

Uma palavra de cautela: às vezes a diretoria não mantém sua decisão, se os membros votaram a favor de um projeto apenas para agradar ao pastor ou promover a unidade. Conheço um exemplo em que a diretoria votou com unanimidade para pedir a demissão de um membro da liderança, mas cada membro mudou de idéia depois de ir para casa e conversar sobre o assunto com as esposas. A capacidade de sentir se o grupo está firme em tomo de uma idéia ou apenas tentando resolver logo o assunto é uma arte que precisa ser cultivada.

A responsabilidade da diretoria para com a própria diretoria

A diretoria deve impedir que seus membros se tornem insubmissos. A seguinte cena já aconteceu milhares de vezes. Um membro da diretoria, geralmente o "manda-chuva" (oficioso) da igreja, luta por reconhecimento e controle. Começa a se opor ao pastor e acha que fala em nome de todos. Os outros membros da diretoria sentem-se intimidados.

Afinal, pensam, aquele irmão já está na igreja há anos, e sua esposa é a pianista.

Assim, cruzam os braços, esperando que o problema se resolva. A situação, porém, só piora, e a discórdia se alastra.

Numa igreja, o presbítero arruinou o ministério de três pastores usando a mesma estratégia. Tomava-se amigo do pastor no primeiro ano e depois se voltava contra ele no ano seguinte. Por causa de sua influência, gerava oposição suficiente para causar confronto. A diretoria não tinha condições de lidar com o problema, de forma que deixava "correr".

Lamentavelmente, as diretorias acreditam em geral que o pastor é descartável. Pastores vêem e vão, mas os membros da liderança permanecem para sempre. A diretoria deve ter força para disciplinar seus membros. Senão, a liderança da igreja tem de adotar dois padrões, e a obra de Deus é prejudicada.

Paulo dá algumas instruções específicas para confrontar um presbítero. Nenhuma acusação deve ser considerada, exceto com base em dois ou três

testemunhos; se o presbítero persiste no pecado, deve ser repreendido publicamente (lTm 5.19,20). O pastor deve buscar a cooperação dos outros membros da diretoria quando chama um presbítero à responsabilidade.

Se Satanás não consegue fazer um pastor arruinar a própria reputação, tentará criar atritos entre o pastor e a diretoria da igreja. Sem unidade, não podemos ganhar o mundo, nem vencer o diabo. Como Benjamin Franklin disse na assinatura da Declaração da Independência, “devemos todos nos pendurar uns nos outros, senão com certeza seremos pendurados[1] separadamente”.

Vamos duplicar nossos esforços para obedecer à admoesta-ção de Paulo de procurarmos “conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz” (Ef 4.3). Qualquer coisa menos que isso fará com que o corpo de Cristo trabalhe contra si próprio.

Comecemos a trabalhar duro.

1

Trata-se aqui de uma alusão à *forca.* Franklin usa em inglês a palavra *hang,* que significa tanto “pendurar-se” ou “prender-se” quanto “ser enforcado”. (N. do E.)

Pe55oa5 problemáticas

Combater ou transigir?

Um pastor amigo meu assumiu uma pequena igreja interiorana assim que se formou no seminário. Um dia, os presbíteros pediram que visitasse um membro rico que não freqüentava mais a igreja, mas continuava contribuindo financeiramente.

— Não cremos nem que ele seja convertido —, disseram. Assim, devido à insistência, o pastor foi visitar o velho senhor; no decorrer da conversa, perguntou-lhe se tinha certeza da salvação. O homem ficou furioso pela ousadia do pastor de insinuar que ele, um homem distinto, não fosse cristão.

Várias semanas mais tarde, houve um incêndio no prédio da igreja. A congregação se reuniu numa escola da cidade para decidir o que fazer. Depois que decidiram reconstruir o templo, o homem cuja salvação fora questionada se levantou e disse, referindo-se ao pastor:

— Este jovem teve a ousadia de questionar se eu era mesmo convertido. O que vocês sugerem que façamos quanto a esse assunto?

Sentou-se com ar imponente, esperando a resposta.

Fez-se silêncio absoluto.

— Sugiro que seja destituído do cargo de pastor — disse o homem.

35

Houve alguma discussão, mas nenhum dos presbíteros se posicionou para defender o pastor e esclarecer que ele tinha agido a pedido deles. Mais tarde foi feita uma votação, e o jovem pastor teve o prazo de duas semanas para renunciar.

Depois da reunião, ninguém o procurou para conversar, exceto o zelador da escola, que tinha ouvido as conversas pelo sistema de alto-falantes. O pastor deixou o prédio e saiu caminhando a esmo, sem saber para onde estava indo.

Isso foi há 35 anos. Aquele jovem nunca mais voltou a pastorear uma igreja. Tem servido ao Senhor como leigo, mas aquela experiência devastadora jamais pôde ser apagada de sua memória.

Técnicas de oposição

Muitos pastores nunca passaram por uma experiência semelhante. Entretanto, talvez já tenhamos tido membros da liderança que nos apoiavam nas reuniões, mas nos criticavam no domingo. Já tivemos de trabalhar com pessoas negativas, críticas e mal-educadas.

Numa igreja, um homem toma nota de todos os pontos da pregação, com a intenção de verificar o teor teológico. Depois de cada culto, enfrenta o pastor, mostrando que

podería melhorar suas mensagens.

Recentemente, um pastor me contou sobre um membro que se opunha ao seu ministério.

O crítico abordava outros membros da congregação e atirava uma isca.

— Sabe, conversei com alguns irmãos que acham que o pastor devia...

Se a outra pessoa dizia com firmeza que estava satisfeita com o pastor, ele recuava. Como dizia que estava falando em nome de outros membros, ele mesmo não corria nenhum risco. Entretanto, se a outra pessoa concordasse com seus comentários, o crítico continuava lançando as sementes da amargura e da discórdia. Era o “lixeiro” da congregação. Ia de pessoa em pessoa coletando as amarguras. Finalmente, reuniu material suficiente para forçar o pastor a renunciar.

Ironicamente, às vezes a pessoa que mais demonstra amizade para com o pastor quando ele assume a igreja é justamente a que mais tarde se volta contra ele. Esse tipo de pessoa aproxima-se rapidamente do pastor porque deseja mostrar como as coisas funcionam. Entretanto, se o pastor não concorda com suas imposições, logo se toma seu adversário e começa a ver o seu sucesso com crescente desagrado.

A pessoa problemática não se considera difícil de conviver, mas se julga membro leal da igreja, apenas cumprindo sua obrigação. Muitas dessas pessoas têm enviado pastores antes do tempo para a sepultura, sem ao menos perceber a influência destrutiva que exercem; outras vezes acreditam sinceramente que o pastor merecia ser punido. Lembre-se:
pessoas frustradas e amargas sempre justificam suas atitudes com versículos bíblicos; dizem que “desejam o sucesso do pastor de todo o coração”. A espiritualidade e a Bíblia são usadas para justificar comportamentos egoístas ou desprovidos de sabedoria.

Essa é uma questão complicada porque muitas pessoas problemáticas não enfrentam o pastor para resolver as diferenças de forma direta. Desconsideram o ensino de Cristo sobre ir diretamente ao irmão com quem se tem uma desavença (Mt 18.15-17). Preferem manifestar-se nas reuniões públicas, em que podem alegar falar em nome de todos e ao mesmo tempo envenenar a atmosfera de toda a igreja. E o pastor ainda pode ter dificuldade de se defender por medo de parecer carnal. Mesmo que consiga fazer uma defesa legítima, o dano já foi feito.

Um presbítero, que ficara calado quando a diretoria decidiu que a igreja faria um empréstimo financeiro para a construção, levantou-se num culto e disse que a congregação estava em pecado por ter escolhido pedir dinheiro emprestado. A divergência resultante levou um ano para ser resolvida. Certamente nem passou pela mente dele que estava em pecado por acusar a igreja publicamente em vez de expressar sua preocupação nas reuniões da diretoria e trabalhar por meio dos canais competentes de autoridade.

Lidando com dragões

Como devemos lidar com as pessoas problemáticas em nossa congregação? Em primeiro lugar, devemos ouvir com atenção o que estão dizendo — existe a possibilidade de que estejam certas. Alguns pastores são tão melindrosos diante das críticas, que tendem a rejeitar qualquer comentário negativo. Entretanto, mesmo quando achamos que a pessoa está sendo injusta, pode haver alguma verdade no que ela diz.

Muitos problemas em potencial se desvanecem quando simplesmente nos dispomos a ouvir as outras pessoas com sinceridade. Aliás, elas podem estar nos fazendo um favor.

"... repreenda o sábio, e ele o amará” (Pv 9.8). Outras pessoas da congregação podem ter a mesma queixa, mas não têm liberdade de lhe dizer. Em seu livro *Well-intentioned dragons [Dragões bem-intencionados],* Marshall Shelley escreve: “E preciso não levar em conta os tiros isolados; mas, quando os tiros vêm de várias direções, é o momento de dar-lhes atenção. Como alguém disse: 'Se uma pessoa o chama de burro, dê de

ombros. Se duas pessoas o chamam de burro, procure marcas de casco no chão. Se três pessoas o chamam de burro, compre arreios’”.[1]

Depois de ouvir a crítica dos amigos, você deve examinar bem o problema. Podemos receber cem elogios, mas é aquela única crítica que fica remoendo em nossa mente.

Muitos pastores passam noites de insônia por causa de um único comentário negativo.

Agora, porém, é o momento de fazer uma análise sóbria. A crítica está pelo menos parcialmente correta? Foi feita por causa

'Carol Stream, Christianity Today, 1985, p. 110.

de diferenças de estilo ou de filosofia de liderança, ou por um conflito de personalidades? Se você feriu os sentimentos de outra pessoa, mesmo sem intenção, humilhe-se e peça perdão. Se puder resolver a diferença marcando um encontro, esforce-se ao máximo para fazer isso.

Um pastor que sofria forte oposição por parte de um membro da diretoria sentiu o problema durante meses, mas recusava-se a chamar o homem para uma conversa por temer um confronto direto. Sua recusa apenas aumentou a distância entre eles. Por fim, a reconciliação tornou-se impossível.

Nem toda divergência é necessariamente má, nem sinal de camalidade. Lembre que Bamabé queria levar João Marcos na segunda viagem missionária, mas Paulo discordou, lembrando que o jovem os havia abandonado na viagem anterior. Lucas escreveu: “Tiveram um desentendimento tão sério que se separaram. Bamabé, levando consigo Marcos, navegou para Chipre” (At 15.39).

As vezes não é fácil definir quem está certo. Se possível, busque uma forma de acolher as reclamações legítimas dos críticos. Talvez de tempos em tempos você possa mudar a ordem do culto ou começar a dar aquele estudo bíblico. Muitos “criadores de caso” em potencial são acalmados por meio de concessões razoáveis.

Há, porém, alguns críticos (chamados por Shelley de “dragões”) que nunca ficam satisfeitos. Todos já vimos pessoas que criticavam a nós (e a todos) para compensar problemas pessoais; às vezes essas pessoas têm problemas de personalidade de difícil resolução. São como o bêbado que sai do bar com o bigode sujo de queijo. Quando sai e sente o ar puro da noite, reclama: “O mundo todo fede!”.

Com pessoas assim, você terá de fazer uma escolha. Pergun-le-se: “Como me sinto quanto a essa questão? Como contornar essa situação, aceitando-a como parte do processo divino para meu aprimoramento?”. Spurgeon disse: “Peça a um amigo que

lhe mostre suas falhas, ou — melhor ainda — acolha um inimigo, que o observará com atenção e o instigará ferozmente. Essa crítica irritante será uma grande bênção para o

sábio e um profundo abonecimento para o tolo!”.[2] ***Uma tomada de posição***

Pode ser, porém, que você considere a questão séria demais para arriscar sua reputação. Se parece que não há solução e se a divergência interfere em sua capacidade de ministrar, então você deve deixar o assunto nas mãos da diretoria e estar preparado para as conseqüências.

A Bíblia ensina que os que andam desordenadamente devem ser disciplinados. Paulo escreveu: “Se alguém desobedecer ao que dizemos nesta carta, marquem-no e não se associem com ele, para que se sinta envergonhado; contudo, não o considerem como inimigo, mas chamem a atenção dele como irmão” (2Ts 3.14,15).

Se a diretoria lhe dá apoio decisivo e admoesta os que semeiam discórdia, você pode continuar seu ministério com confiança. Se você construiu um relacionamento sólido com os membros da diretoria, eles estarão preparados para dar a devida atenção a seus argumentos. Entretanto, se a diretoria acha que a crítica é justificada ou se seus membros são fracos demais para fazer frente aos que polarizam a igreja, você não terá outro recurso senão ceder (ou até pedir demissão). Raramente a atitude “ficar, não importa o que aconteça” traz resultados positivos.

Infelizmente, em geral os membros da diretoria tendem a tomar o partido dos que são seus amigos há mais tempo na igreja. Fica mais complicado ainda quando o criador de problemas é casado com a regente do coral e tem parentesco com mais três ou quatro famílias da congregação. E lamentável que muitas vezes não possamos tratar os problemas com a devida objetividade; amizades, velhas lealdades e informações parciais com freqüên-cia nublam nossa capacidade de agir como deveriamos.

Em certa igreja, todo a diretoria se opôs ao pastor por causa do poder persuasivo de uma mulher que durante anos tinha controlado a igreja. Numa desavença com o pastor, ela chegou a sugerir que ele se divorciasse, embora tivesse um casamento feliz havia 38 anos! Mesmo assim, os membros da diretoria eram tão intimidados por ela, que o pastor não teve alternativa senão renunciar.

Em situações como essas, o pastor pode carregar as feridas consigo e minar sua futura utilidade para com Deus ou acabar transigindo com a injustiça. O pastor mencionado entregou a questão ao Senhor, crendo que no final este o inocentaria. Ele tem sido abençoado de forma especial e sem dúvida será usado por Deus no futuro.

Peter Marshall disse: “Eis uma grande verdade na experiência cristã: a vida é uma série de picos e vales. No esforço por tomar posse permanente da alma humana, Deus recorre mais aos vales que aos picos. Alguns de seus filhos mais amados passaram por vales mais fundos e mais escuros que qualquer outra pessoa”.[3]

Quando deparar com dragões cristãos, não se esqueça de que Deus também os ama. Ele pode usar você na vida deles, mas pode também usá-los em sua vida. Não há uma única resposta correta para todas as situações. Shelley, porém, faz uma declaração fundamental: *Quando for atacado por dragões, não se transforme em um deles.*

Como meu amigo disse: “Deus terá de esclarecer muitas coisas no dia do juízo”. As vezes é melhor deixar o problema nas mãos dele do que tentar resolvê-lo à nossa maneira.

Pregação

Como tocar as almas?

Certa vez, Charles Spurgeon caminhou dentro de um auditório novo e testou a acústica gritando: “Vejam! E o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!”. Um operário ouviu, foi profundamente convencido de seu pecado e se converteu.

Alguns pregadores alcançam melhores resultados que outros. Se dez pastores pregassem a mesma mensagem na íntegra, os resultados não seriam os mesmos. Alguns pastores exalam carisma; há aqueles que se rendem mais ao Espírito ou têm outros dons. Não é só uma questão do *que* se diz que faz diferença, mas *quem* o diz.

Mesmo sermões com excelente conteúdo podem ser monótonos, e são muitas as razões. Talvez a mais comum seja o fato de serem proferidos sem paixão. Todos podemos cair na armadilha de pregar verdades que nós mesmos não experimentamos. Arrastamo-nos pela mensagem sem entusiasmo, como um ascensorista anunciando os departamentos de um magazine no momento em que as portas do elevador se abrem. Vance Havner disse: “Nunca ouvi um sermão do qual não tenha aprendido nada, mas já ouvi alguns especialmente com um apelo íntimo e poderoso”.

Quando eu era adolescente, perguntava-me por que o pastor não mimeografava o sermão e o enviava aos membros pelo correio. Poderiamos aprender as verdades sem ter o trabalho de ir à igreja. Agora reconheço que pensava assim porque o pastor pregava tão sem entusiasmo, que seu desempenho quase nada acrescentava ao teor da mensagem.

Pregar não é apenas transmitir uma mensagem. “Será que pregar é a arte de preparar e entregar um sermão?”, perguntou o bispo William A. Quayle. “É claro que isso não é pregar. *Pregar é a arte de preparar e entregar um pregador! ”*

Esse aspecto de o pregador entregar a si mesmo está longe em muitos púlpitos. Muitos pregadores não têm nenhum ardor interior.

Veja o que Michael Tucker, pastor no Colorado, escreve sobre o pregador eficiente: “A pregação deve lhe acelerar o coração enquanto ele vive e respira a mensagem. A mensagem deve persegui-lo, impulsioná-lo, até explodir dentro dele. Tão grande será seu desejo de pregar, que achará difícil esperar o momento de entregar a mensagem de Deus”.

George Whitefield pregava com intensidade. Ele escreveu a um amigo: “Fale todas as vezes como se fosse a última. Se possível, derrube todos os argumentos e depois leve todos a exclamar: 'Como ele nos ama!”’.

O teólogo jesuíta Walter Burghardt deplora as declarações repetitivas proferidas pelos padres em suas homilias. Ele lamenta que os leigos da Igreja Católica Romana fiquem “impressionados com a nossa capacidade de discursar sobre o divino sem nenhum toque de sentimento ou emoção”. Suas palavras aplicam-se também a muitos ministros evangélicos.

Três estilos de pregação

Richard Owen Roberts, autor do livro *Revival [Avivamento],* fala de três níveis no preparo de um sermão. O primeiro nível é a pregação boca—ouvido. É quando o homem está profundamente preocupado com a escolha e a organização das palavras. Ele tem consciência da necessidade de boas ilustrações e de descrições vividas. É cuidadoso na escolha das expressões-cha-ve e das expressões inusitadas. Um ouvinte comum diría:

“Que sermão agradável! Gostei”.

Depois, vem a pregação cabeça-cabeça. Estimula o pensamento e desafia a mente dos ouvintes. O pregador esmera-se para ser bem organizado, teologicamente exato e esclarecedor. Na saída, ele ouve: “Foi um ótimo sermão. Nunca tinha pensado naquilo antes”.

Na pregação alma—alma, o pregador gasta horas preparando sua mensagem, mas gasta o mesmo tempo preparando a própria alma. Somente esse tipo de pregação resulta em conversões (' promove a santidade.

Isso explica por que pregadores eficientes nem sempre são eloqüentes. Alguns, possuidores apenas de dons comuns, são usados de forma absolutamente incomum por entregar não só a mensagem, mas também a si mesmos. Pode-se dizer que se tornam a mensagem que estão entregando.

As três pessoas que agem na pregação

(!omo podemos pregar instigando emoções e movendo a vontade dos ouvintes? Gritaria não funciona, muito menos histórias dramáticas. Temos de nos tomar intimamente conscientes das li ês personalidades em jogo no ato da pregação.

A primeira pessoa é Deus. Pedro escreveu: “Se alguém fala, laça-o como quem transmite a palavra de Deus” (lPe 4.11). O pregador fala em nome de Deus; se o sermão for enfadonho, monótono ou repetitivo, essa será a impressão que a congregação terá da mensagem de Deus.

Será que Deus tem uma mensagem pertinente aos nossos dias? Será que tem falado com clareza sobre as questões relacionadas á vida cotidiana dos cristãos? Será que pode derrubar muralhas de ódio e de desconfiança entre familiares e irmãos em Cristo?

Todas essas e centenas de outras perguntas são respondidas quando falamos em nome dele.

Não podemos ser representantes competentes de Deus sem gastar tempo meditando em seus atributos. Devemos ficar maravilhados diante da sua santidade (conforme foi demonstrada numa revelação trovejante no monte Sinai), diante da sua soberania na criação e na história e do seu amor demonstrado na cruz.

Pois assim diz o Alto e Sublime, que vive para sempre, e cujo nome é santo:

“Habito num lugar alto e santo, mas habito também com o contrito e humilde de espírito, para dar novo ânimo

ao espírito do humilde e novo alento ao coração do contrito.

(Is 57.15)

Devemos ser diligentes e reacender a chama das nossas emoções, relembrando sempre a maravilha do privilégio que temos como mensageiros do Altíssimo. Devemos conhecê-lo bem antes de poder representá-lo bem aos outros.

A segunda pessoa em jogo no sermão é o ouvinte. Descartemos a idéia de que basta falarmos e os outros ouvirão. As pessoas não chegam à igreja de mente aberta. Haddon Robinson, da Escola de Teologia Gordon Conwell, diz: “A mente humana não é aberta nem oca. Tem um lacre sempre bem fechado, e nenhuma idéia pode penetrar à força. Ela se abre somente quando o dono sente necessidade de a abrir. Ainda assim, porém, as idéias precisam ser filtradas por experiências, hábitos, preconceitos, medos e suspeitas”.

A ira, por exemplo, pode impedir uma pessoa de ouvir. O filho adolescente de um irmão adormeceu no volante do carro e morreu num acidente. O pastor insensível disse a,o pai angustiado: “Não espere que eu faça o funeral; vou sair de férias”. Posteriormente aquele pai me disse: “Apesar de ser um bom pregador, depois daquele comentário nunca mais ouvi uma palavra do que dizia em seus sermões”.

Há um ditado que ilustra esse importante princípio de comunicação: “Você pode pregar uma tempestade, mas, se a pessoa não estiver disposta a ouvir, suas palavras não penetrarão mais fundo que uma gota d’água em piso de mármore”.

Talvez os ouvintes estejam pensando sobre as pressões da semana anterior, os problemas familiares ou os reveses financeiros. Acrescente a depravação da mente natural e a capacidade de Satanás arrebatar a palavra de Deus do coração humano, e será um milagre que haja alguma comunicação.

Não podemos ultrapassar todos esses obstáculos se não amarmos *genuinamente nosso povo e não trouxermos suas necessidades* para perto do nosso coração. A informação sozinha não mudará atitudes nem comportamentos. As pessoas têm de nos ver sangrando junto com elas. Temos de nos identificar com as dores do mundo.

Por último, há o pregador. Ele deve aplicar a verdade em sua vida antes de compartilhá-la com os outros. Para muitos pastores que pregam duas ou três vezes por semana, pode ser algo difícil de fazer. Entretanto, não podemos transmitir mensagens 11a esperança de que funcionem em outras vidas se não funcio-1 íaram na nossa. Devemos compartilhar a nós mesmos, para que ;is pessoas vejam que vivemos a mensagem que estamos entregando. Nossas ovelhas desejam ver que somos humanos e compartilhamos os dissabores e as esperanças de todos os mortais.

Não é fácil manifestar os sentimentos com sinceridade. Bombardeados por necessidades humanas, isolamo-nos da sobre-1 arga emocional que encontramos diariamente. Somos incapazes de chorar pelos necessitados como Cristo chorou quando eslava no monte das Oliveiras e como chorou por Jerusalém. O seminário nos treina para pensar com profundidade, mas não pai a sentir com profundidade. Um escritor disse muito acerta-damente que “o pregador deve pensar com clareza, sentir com profundidade e levar seus ouvintes a fazer o mesmo”.

A eficácia da nossa pregação aumentará de forma impressionante se seguirmos uma regra simples: não pregar o que não for a nossa experiência. Quando compartilhamos a mensagem que Deus nos deu, devemos conhecê-la bem o suficiente para podermos nos concentrar em seu conteúdo em vez de ficar preocupados em lembrar os pontos do esboço.

Somente assim poderemos afirmar com autoridade: “Assim diz o Senhor”.

Devemos seguir o exemplo de John Owen, estudioso e pastor puritano do século xvn que fazia um voto antes de subir no púlpito: “Comprometo-me, em consciência e em honra, a não imaginar que adquiri conhecimento apropriado de qualquer parte da verdade e muito menos tentar publicá-la, a menos que por intermédio do Espírito Santo eu a tenha provado, em seu sentido espiritual, sendo capaz de dizer, de todo coração, junto com o salmista:

'Cri, por isso falei...’”.[1]

Quando ensinei homilética num seminário evangélico, queria ilustrar para a classe quanto devemos depender de Deus ao pregar, principalmente

sermões evangelísticos. Levei os alunos a um cemitério e lá comecei a ler Efésios 2.1-6: “Vocês estavam mortos em suas transgressões e pecados.”. Então pedi a um aluno que pregasse a um daqueles mortos, dizendo a um homem há muito enterrado que chegara o tempo da ressurreição. Quando ele se recusou (pensando que eu não falava sério), eu mesmo tomei a palavra: Jonathan!”, gritei diante da lápide, “chegou o dia da ressurreição!”. Felizmente, não houve nenhuma resposta!

Virei para os alunos e disse: “Me senti um tolo fazendo isso. Eu sabia que Jonafhan, enterrado em 1912, não se levantaria. Mas também somos tolos quando pregamos o evangelho, exceto por um fato: Deus pode, em sua graça, conceder a ressurreição!”.

Paulo continua: “Todavia, Deus, que é rico em misericórdia, pelo grande amor com que nos amou, deu-nos vida com Cristo, quando ainda estávamos mortos em transgressões — pela graça vocês são salvos. Deus nos ressuscitou com Cristo e com ele nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristojesus” (Ef 2.4-6).

Lembrei à classe o que Deus pedira a Ezequiel: que falasse aos ossos secos, e depois lhes deu carne e fôlego de vida. Depois, ajoelhamo-nos ali no cemitério e pedimos a Deus que nos desse a graça de pregar o evangelho com um sentimento de incapacidade, com uma dependência consciente dele e de sua graça. Somente Deus pode ressuscitar os mortos; somente ele pode conceder-lhes a capacidade e a fé para crer.

Em suma: minha filosofia de pregação é ter a expectativa de que as pessoas serão transformadas para sempre por causa do ministério da Palavra. É claro que nem sempre esse alvo será alcançado, mas, se mirarmos para um alvo menor que esse, tenho medo de que fiquemos só nele! Se gastarmos tanto tempo preparando o coração quanto gastamos preparando a mente, a congregação saberá que estão ouvindo a voz de Deus. Nossa total dependência da graça divina ficará evidente.

Oremos para que Deus faça da pregação o agente transformador que ele espera que seja. Você, que traz boas novas a Sião, suba num alto monte.

Você, que traz boas novas a Jerusalém, erga a sua voz com fortes gritos, erga-a, não tenha medo;

diga às cidades dejudá:

“Aqui está o seu Deus!”

(Is 40.9)

Quando pregamos, Deus pode fazer um milagre!

John OWEN, *Sin and temptation,* Portland, Multnomah, 1983, p. xviii.

Cristão indolente

Podemos mantê-lo no caminho?

Fidelidade. Você já pregou sobre isso; eu também. Entretanto, será que nossos sermões surtiram efeito? Numa recente conferência, vários pastores compartilharam a frustração diante da atitude de pouco caso que alguns crentes demonstram no serviço da igreja. Toda congregação pode vangloriar-se de pos-[suir alguns voluntários alegres e confiáveis. Infelizmente, às vezes eles são exceção e não regra.

Os cristãos indiferentes são os que têm o hábito de chegar atrasados em todas as reuniões. Alguns realmente planejam chegar depois que a reunião já começou. Tenho certeza de que alguns ficam anos sem ouvir a oração de invocação no culto de domingo pela manhã.

Depois, há os que nunca avisam quando estarão ausentes. Professores, diáconos e membros de comissões simplesmente não aparecem para cumprir as responsabilidades assumidas. Conseqüentemente, alguém tem de sair às pressas para encontrar um substituto de última hora.

Todos conhecemos aqueles irmãos que aceitam tarefas, mas I não as cumprem. Jane promete dar carona para Sabrina; Eric verá se Fábio ainda precisa de aconselhamento; Douglas compromete-se a redigir uma carta

importante; Carlos garante que estará presente na próxima reunião do conselho. Entretanto, nada acontece — nem nesta semana, nem nas cinco semanas seguintes.

Nossas congregações também estão cheias dos que justificam sua negligência com “desculpas esfarrapadas”: “Recebemos visita”, alguns dizem. “O tempo virou e ficou muito frio (ou choveu, ou ventou, dependendo da região)”, outros dizem.

Tais atitudes não são toleradas no mundo secular. Muitos crentes que jamais chegaram atrasados no trabalho negligenciam suas responsabilidades no domingo sem nenhum peso de consciência. Certamente no domingo não podem ser ameaçados com a demissão.

Um exe’rcito de voluntários

“Não esqueça que são voluntários”, alguém me disse certa vez. “Você não pode demitir quem não recebe salário. Quando você só pode contar com voluntários, tem de se contentar com o que oferecerem.”

Assim, continuamos convivendo com os atrasados, com os quebradores de promessas e com os procrasünadores. E nosso exército de voluntários segue claudicante. Muitos pastores podem compreender bem essa paródia do hino “Eia, *soldados!”*.[1]

Eia, lerdo exército, sempre devagar, arrastai, sem jamais sair do lugar.

Num artigo publicado recentemente, James Fallows lamenta a deterioração do exército americano desde que o recrutamento

'João Gomes da ROCHA, comp. e adapt., *Salmos e hinos com músicas sacras, 5.* ed. rev. e aum., Rio de Janeiro/ São Paulo, Igreja Evangélica Fluminense/Edições Vida Nova, 1990,

1 148 p., hino n.° 467.

deixou de ser obrigatório. Ele cita um ensaio publicado em 1980 por William Hauser, coronel reformado.

Hauser aponta para quatro elementos que sustentam a “disposição de lutar”. Para aprender a *submissão, o* soldado deve repetir tarefas desagradáveis. Para conter o *medo,* deve conhecer seus companheiros e confiar neles. Isso o incentivará a lutar do lado deles, em vez de correr na direção oposta. Para despertar a *lealdade,* o exército exige que os homens durmam, trabalhem e se alimentem juntos. Finalmente adquirirão um senso de responsabilidade pelo bem-estar mútuo. No final, o exército tenta desenvolver um senso de *orgulho,* que fará o soldado lembrar-se de que outros dependem dele e valorizará sua contribuição para a segurança e o sucesso da unidade. Assim, ele luta esperando não voltar para casa dentro de um saco de plástico.

Cada uma dessas qualidades, porém, diminuiu depois da adoção do sistema de voluntariado. Agora o recrutamento baseia-se principalmente no interesse pessoal e não no serviço à nação. Por isso, os que se alistam têm um compromisso apenas parcial. Estão mais interessados nos benefícios da aposentadoria do que em realmente estar preparados para entrar efiá combate.

Já ouviu isso antes? Creio que chegou o momento de lutarmos contra a idéia de que a igreja é um exército de voluntários. Desde quando Deus dá opção de alistamento? Ele põe em debate as condições do nosso compromisso? Só se deve esperar fidelidade dos assalariados? Temos o direito de esperar menos no domingo do que esperaríamos na segunda-feira?

Um exército sob ordens

Vamos lembrar alguns fatos. Primeiro, não escolhemos a Cristo; ele nos escolheu. Jesus disse: “Vocês não me escolheram, inas eu os escolhi para irem e darem fruto...” (Jo 15.16). Como Comandante-em-Chefe, ele tem uma tarefa para cada um de nós. Como disse Peter Marshall: “Estamos selados sob ordens”.

Nosso Comandante decide como e onde as batalhas devem ser travadas. Paulo aprendeu a submissão e a obediência tornando-se servo de Cristo. Não podemos desprezar o chamado divino sem nos tomar completos desertores.

Segundo, a fidelidade nas pequenas tarefas promove responsabilidade maior. “Quem é fiel no pouco, também é fiel no muito, e quem é desonesto no pouco, também é desonesto no muito” (Lc 16.10).

Como pastores, não chegamos atrasados ao culto matutino. Afinal de contas, é um evento público. Entretanto, será que outras reuniões como aulas de estudo bíblico ou sessões de aconselhamento são menos importantes? Aos olhos dos homens, sim; aos olhos de Deus, não.

Quando se trata de exigir obediência dos filhos, os pais não se importam se o assunto em questão é importante ou irrelevante. O que conta é a atitude da criança para com a obediência. Nosso Pai celeste compartilha o mesmo sentimento. Quando somos infiéis em questões “mínimas”, insultamos nosso Comandante. Ele não menospreza detalhes aparentemente insignificantes. Até um copo d’água, oferecido em nome dejesus, receberá recompensa.

Terceiro, nossa motivação deve ser agradar a Deus, não aos homens. Paulo escreveu a Timóteo: “Nenhum soldado se deixa envolver pelos negócios da vida civil, já que deseja agradar aquele que o alistou” (2Tm 2.4).

No exército de Napoleão, os homens suportavam dor física, doenças e até o sacrifício de um braço ou perna, por um simples gesto de aprovação do líder. Nada purificará mais nossos motivos do que a decisão de obedecer ajesus, independentemente de sermos reconhecidos pelo mundo.

Jesus tinha a mesma motivação quando lavava os pés dos discípulos ou pregava a uma multidão. Ele disse: “Aquele que me enviou está comigo; ele não me deixou sozinho, pois sempre faço o que lhe agrada” (Jo 8.29). Ele não estava no jogo da vida para aparecer diante de seus contemporâneos. Não se considerava meramente um voluntário, mas sim um servo humilde, compelido a fazer a vontade do Pai.

Até os ímpios são fiéis quando bem pagos. Os cristãos, contudo, devem distinguir-se por sua atitude em relação a tarefas menores e sem recompensa. Devem ter a fé para crer que serão recompensados em outro mundo. Afinal, não é a nossa visão da eternidade que nos separa dos valores deste mundo temporal?

Como podemos, como Gideão, fazer distinção entre o trabalhador comprometido e o que só está aproveitando a “carona”? (tostaríamos de dar uma dispensa honrosa aos que se esquivam de responsabilidades. Entretanto, é melhor que cada pessoa reconheça suas deficiências e evite assumir compromissos que não esteja disposta a cumprir.

Comece estabelecendo padrões de desempenho para os que ocupam cargos na igreja — por escrito. Esses padrões podem incluir assiduidade, cumprimento de tarefas e um esboço geral do desempenho aceitável. Compartilhe esses padrões com o conselho e com os membros das várias comissões. Todos precisam saber que a liderança da igreja
espera fidelidade. Todos lambem precisam saber que os líderes serão um exemplo de lidelidade para os outros.

Não tenha medo de perder alguns líderes. Se necessário, deixe alguns cargos vagos. Essa opção é melhor que preencher o cargo com outro indolente. Procure e espere um substituto qualificado e confiável. Ore. E ore novamente.

Pastores, precisamos mostrar fidelidade em nossas funções. I)eus no final levantará um grupo de soldados dedicados, dispostos a suportar dificuldades pela causa de Cristo. O aumento < l< > número de crentes submissos, qualificados e profundamente i

omprometidos deve começar conosco.

Um exército de voluntários jamais obterá nada. Somente o que so alista atendendo a uma convocação superior terá a determinação necessária para realizar atarefa.

Divisões na igreja

Quando valem a pena?

Estou farto de ouvir sobre cismas nas igrejas por assuntos irrelevantes. Numa igreja, alguns homens exigiam que o pastor impusesse regras de vestimenta e dirigisse os cultos do jeito deles. O pastor não os atendeu

plenamente. Por acharem que a autoridade deles estava sendo ameaçada, começaram a exagerar a importância de questões pequenas. Logo, tudo o que o pastor fazia era considerado errado. Seus detratores esmiuçavam seus sermões em busca de mensagens sub-reptícias dirigidas a eles.

O pastor pediu demissão. Provavelmente contava com o apoio de 90% da congregação, mas cansou-se daqueles conflitos. Não era um lutador. Abandonou um ministério promissor por causa de uns poucos membros descontentes. Recentemente outro pastor, amigo meu, fez a mesma coisa. Alguns membros da liderança queriam que a igreja fosse o clone de uma igreja maior da mesma região. Ele não suportou as constantes comparações, considerando-as injustas.

Há quanto tempo você ouviu pela última vez que uma igreja se dividiu por causa do nascimento virginal de Maria ou da salvação somente pela fé em Cristo? A maioria das brigas que ouço são sobre orçamento, música ou estilo de liderança. Muitas vezes, o verdadeiro conflito é sobre quem manda.

Essas demissões me fizeram refletir sobre essa questão: o que um membro de uma igreja deve fazer, se deseja expressar uma reclamação legítima? A maioria das pessoas não pertence à liderança, embora se preocupe profundamente com o ministério da igreja. Devemos ser sábios e encontrar meios de interceptar algumas dessas reclamações.

O que acontece em geral?

Lamentavelmente, muitos membros de igrejas adotam um dentre dois procedimentos quando têm uma reclamação. O primeiro é compartilhar as críticas com outros irmãos para conseguir apoio. A língua é a maior causadora de divisões nas igrejas. “Assim também, a língua é um fogo; é um mundo de iniquidade. Colocada entre os membros do nosso corpo, contamina a pessoa por inteiro, incendeia todo o curso de sua vida, sendo ela mesma incendiada pelo inferno” (Tg 3.6).

Usar a língua para conquistar apoio para nossas concepções é espalhar o fogo do inferno dentro da igreja. Às vezes a igreja já está polarizada por

uma questão antes mesmo de o problema chegar ao conhecimento do pastor e dos líderes. Certamente há um momento para falar, mas esse momento não chega tão rápido quanto algumas pessoas pensam.

Outro procedimento igualmente desastroso é levantar o assunto numa assembléia ordinária da igreja. Muitas vezes isso é feito para conseguir pontos publicamente, apesar de nenhuma tentativa ter sido feita para resolver a questão numa conversa particular. Jamais

se deve mencionar em discussões públicas qualquer assunto que possa ser resolvido entre dois ou três membros ou ser tratado por meio dos canais competentes.

Conheço um pastor que foi humilhado numa assembléia ordinária; teve de ouvir críticas pessoais totalmente inesperadas. Decerto Satanás deve se alegrar nas assembléias das igrejas em que todos sentem que ele tem a liberdade de usar suas armas favoritas.

Devemos instruir nossa congregação sobre a importância da unidade, mas ao mesmo tempo permitir o diálogo e a expressão de opiniões divergentes. Senão, o ressentimento crescerá e os mal-entendidos se acumularão. As pessoas devem sentir que suas queixas serão ouvidas.

O que pode ser feito?

Primeiro, *nós mesmos devemos dar exemplo de submissão.* Paulo escreveu: “Sujeitem-se uns aos outros, por temor a Cristo” (Ef 5.21). Eu estremeço quando ouço um pastor ensinando sobre sujeição à autoridade e ao mesmo tempo crendo que ele próprio é uma exceção à regra. “Devo satisfações somente a Deus” soa piedoso, mas pode se tornar venenoso.

O Novo Testamento ensina que a congregação deve ter uma pluralidade de líderes piedosos, sem nenhuma pessoa assumindo o papel de ditador. Embora algumas igrejas sejam polidas o suficiente para tolerar o autoritarismo, outras se ressentem sob pressão. Os indivíduos sabem que suas opiniões são desprezadas, porque o pastor recebe instruções somente de Deus.

Outras vezes o pastor tem uma atitude defensiva e não se dispõe a considerar as críticas. Pode ouvir educadamente, mas em seu coração está convencido de que nada do que está sendo dito é verdade. Todos temos dificuldade de olhar para nós mesmos de forma objetiva; alguns pastores acham impossível. Todo comentário é rechaçado e não penetra em sua mente ou em seu coração.

Nesse caso, eles não devem se surpreender quando os membros se sentem frustrados em compartilhar suas opiniões. Se o pastor pode fazer suas próprias leis, por que eles não podem? Tal pastor, tal ovelha.

Sem dúvida, muitas igrejas dividiram-se porque Deus queria levar o pastor e os membros a um ponto de submissão mútua. Quando, porém, o pastor não se submete à autoridade da dire-

toria, muitas vezes a congregação também rejeita a autoridade dele. Enquanto isso, o abismo entre pastor e diretoria vai aumentando.

Como líderes da igreja, devemos dar exemplo de humildade. Não podemos exercer autoridade sem estar debaixo de autoridade. Não quer dizer que devemos ceder em todas as questões; certamente haverá momentos em que teremos de nos defender. Entretanto, o importante é como, quando e por que faremos isso.

Segundo, *devemos ensinar que Mateus 18.15,16 se aplica a todos os tipos de*

desentendimento. “Se o seu irmão pecar contra você, vá e, a sós com ele, mostre-lhe o erro. Se ele o ouvir, você ganhou seu irmão. Mas se ele não o ouvir, leve consigo mais um ou dois outros, de modo que 'qualquer acusação seja confirmada pelo depoimento de duas ou três testemunhas’”.

O cristão tem a responsabilidade de ir diretamente à pessoa contra quem tem uma queixa. Se há um pecado específico em jogo, então há a obrigação de ir à pessoa mesmo que seja um dos líderes da igreja. Paulo, porém,

adverte: “Não aceite acusação contra um presbítero, se não for apoiada por duas ou três testemunhas” (lTm5.19).

Se a questão continua sem solução, então outras pessoas devem ser comunicadas — de preferência membros da liderança. Os presbíteros ou o pastor devem nesse caso exercer sua autoridade.

Entretanto, que fazer quando surge oposição ao programa de construção ou reforma, ao salário do pastor ou à duração de seus sermões? Comentar tais divergências com outros membros da congregação apenas espalhará sementes de discórdia que entristecem o coração de Deus. Aqui também os membros devem ir diretamente ao responsável, mesmo que signifique ir ao gabinete pastoral ou escrever uma carta.

Nesse ponto, nossa atitude como pastores é fundamental. Se desconsiderarmos o que é dito ou rejeitarmos a crítica sem aprender nada com ela, poderemos acabar encorajando o membro preocupado a tentar outra abordagem: buscar apoio por meio da fofoca.

Tenho visto que uma conversa franca purifica o ar e fortalece os relacionamentos, mesmo que a divergência persista. E gratifi-cante ver outra pessoa esforçando-se por entender nossa forma de enxergar as coisas, mesmo que ainda não se sinta convencida. Difícil é quando o membro sente que nem ao menos foi ouvido.

Não quer dizer que tenhamos de concordar com tudo que nos dizem. Entretanto, minha experiência é que pode haver mais verdade nas críticas do que gostaríamos de admitir. Ê fácil ouvir educadamente e depois desprezar o que foi dito sem nenhuma reflexão ou oração.

Em minha opinião, se o irmão leva um assunto que o preocupa a um membro do conselho, é o mais longe que deve ir com sua crítica contra o pastor. Mesmo que o conselho falhe em suas responsabilidades, os cristãos não têm respaldo bíblico para fazer listas de reivindicações, elaborar abaixo-assinados ou usar o telefone para mobilizar apoio para sua causa. O padrão do Novo Testamento é a igreja sendo liderada por um grupo de homens piedosos. Se alguém não concorda com as ações da liderança, é mais sensato que comece a pensar em congregar em outro local.

Certamente, não me refiro a sufocar os debates construtivos entre os membros sobre como melhorar o ministério ou as conversas sobre um assunto que será votado na próxima assembléia. Devemos esperar que os membros discutam várias questões em tomo dos ministérios da igreja. Entretanto, quando uma decisão é tomada, deve haver submissão aos que estão em posição de autoridade.

Esperando em Deus

Numa época em que as pessoas lutam por seus direitos, é difícil uma congregação submeter-se aos líderes e esperar que Deus faça prevalecer a vontade dele, mesmo nas decisões humanas controvertidas. Às vezes um membro pode ter uma idéia correta, mas o momento de pô-la em prática não é o melhor. Não esqueçamos que Deus trabalha no meio de seu povo a despeito da diversidade de opiniões e das imperfeições dos líderes.

O fato aplica-se aos pastores que também fazem parte do conselho. Já tive de me submeter à decisão do conselho em ocasiões em que tinha uma opinião diferente. Deus é honrado quando demonstramos disposição de deixar de lado as divergências sobre questões secundárias a favor da unidade e da harmonia do corpo.

Somente o dia do juízo revelará o dano causado ao corpo de Cristo por membros que se acham chamados para corrigir todas as falhas da igreja ou fazem campanhas em defesa dos ressentidos. Muitos cristãos acreditam ter o dom da crítica.

Temo por aqueles que se empenham a forçar a demissão de um homem de Deus por meio das críticas. Temo por aqueles que dividem igrejas por causa da intransigência sobre questões que poderíam ser resolvidas com bom senso.

Apesar de tudo isso, há ocasiões em que a divisão na igreja é justificável, talvez até necessária. Entretanto, temos de nos certificar de que se trata de uma questão bíblica clara e não de simples interpretação ou preferência pessoal.

Paulo escreveu: “Se alguém destruir o santuário de Deus, Deus o destruirá; pois o santuário de Deus, que são vocês, é sagrado” (ICo 3.17). A palavra *santuário* refere-se à congregação dos crentes. Deus diz que destruirá quem destruir a obra da igreja. Muitas vezes ele permite que a pessoa desenvolva um coração empedernido e amargo, ou usa outros métodos de disciplina.

O dr. Paul Brand diz que os glóbulos brancos do sangue, que representam as forças armadas de um país, defendem o organismo contra invasores. Quando o corpo sofre um ferimento, esses glóbulos interrompem sua patrulha e partem de todas as direções para o local da batalha. Como se tivessem um senso de olfato, percorrem as veias pela rota mais curta. Quando chegam, muitos dão a própria vida para matar as bactérias invasoras. Para o bem do corpo, submetem-se ao organismo maior que determina a tarefa de cada um. Se uma célula perde a lealdade e adquire vida própria, continua recebendo os benefícios do corpo, mas desenvolve um organismo rival chamado câncer.

Nossas igrejas estão repletas de parasitas que se beneficiam do ministério, mas se recusam a se submeter ao líder do organismo. Conseqüentemente, o corpo fica doentio, fraco e despreparado para a batalha. Às vezes, tanta energia é gasta para resolver conflitos internos que não há tempo para levar ao mundo a mensagem de Jesus Cristo.

Se formos culpados de causar divisões no corpo, é melhor nos arrependermos. Quando discordamos dos líderes da igreja, devemos falar com Deus e não com nossos amigos. Ele é capaz de dirigir sua igreja, à sua maneira e no seu tempo. Trazer destruição para o santuário de Deus é incorrer na ira divina.

Política

Onde traçar o limite?

Alguns pastores saltam para dentro da arena política com os dois pés, o que nos leva a reavaliar nossa posição quanto ao envolvimento político. Centenas de milhares de cristãos estão se tomando politicamente ativos. O direito religioso é uma força que não pode ser desconsiderada.

Há bons argumentos a favor do ativismo político. Os americanos são conhecidos como um povo que trabalha por processos políticos para efetuar mudanças. Por que os evangélicos se deixariam representar por feministas radicais, por liberais que defendem o movimento *gay* ou por defensores do aborto? Temos nossa própria pauta e o direito de ser ouvidos. Talvez as umas falem mais alto que as palavras.

Que maneira melhor teríamos de transmitir nossa mensagem do que nos organizar e tirar os humanistas dos cargos públicos? Por que não eleger os que aprovarão leis que refletem uma abordagem moral mais bíblica? Numa democracia, o poder político fala alto.

Então, deparamos com os precedentes estabelecidos por organizações religiosas liberais, como o Concilio Mundial de Igrejas, que usam a influência política para realizar mudanças sociais e econômicas. Por que não podemos fazer o mesmo?

Os evangélicos, muitas vezes marginalizados e considerados um anacronismo embaraçoso da história americana, finalmente estão provando o sabor do poder político. Com a elevação do direito religioso, os políticos liberais precisam rever suas posições. Afinal, algumas pessoas acreditam que os cristãos, se bem organizados, podem “colocar os corruptos para fora”.

Concordo que devemos ser gratos por todo cristão que se envolva na política; devemos apoiar organizações que tentam educar o povo de Deus

sobre as questões debatidas no Congresso. Os cristãos devem fazer sentir sua influência nas eleições municipais, estaduais e federais, falando abertamente sobre suas convicções. Muitas vezes perdemos batalhas cruciais por causa da omissão.

Apesar disso, fico preocupado. Creio estarmos sendo tentados a travar as batalhas de uma maneira que solapa a própria mensagem que desejamos anunciar ao mundo. Pergunte às pessoas comuns em que crêem os cristãos, e receberá uma longa lista: opõem-se ao aborto, odeiam os *gays* e querem que os programas de tv sejam censurados. Provavelmente também dirão que os cristãos desejam impor seus valores a todas as pessoas.

Independentemente da justiça de tal caracterização, reconhecemos que reflete bem o nosso perfil. Talvez porque tenhamos travado muitas batalhas sob a bandeira do cristianismo; temos causado confusão desnecessária nas questões que debatemos, e às vezes demonstramos intolerância, ira e uma atitude de vítimas. Com freqüência não representamos a Cristo com transparência e caridade.

Fico perturbado quando vejo pastores falando sobre questões que deveríam ser deixadas nas mãos de políticos. Como ministro, não tenho direito de endossar um candidato político, mesmo que seja cristão e tenha uma cosmovisão bíblica. Falar como cidadão é

uma coisa, mas usar o púlpito como plataforma para campanha política é outra. Devemos lembrar que temos a responsabilidade de falar a verdade a todos os partidos políticos; devemos defender a verdade em todas as áreas da vida; não ousemos confundir a cruz com emblemas partidários e políticos.

Entretanto, há ainda outros perigos.

Os perigos do envolvimento político

Como já dissemos, questões bíblicas e políticas tendem a se misturar como uma massa uniforme. Se classificarmos todas elas de “cristãs”, poderemos facilmente ser mal-interpretados. E de fato a mensagem da cruz pode ser

severamente comprometida quando vinculada a um punhado de questões secundárias.

O aborto é uma questão bíblica, e todos podemos nos unir na oposição à morte arbitrária de tantos seres humanos. Entretanto, há uma série de outras questões defendidas sob a bandeira do cristianismo. São questões válidas, mas talvez possam ser defendidas também por não-cristãos. O problema é que, quando as pessoas pensam em cristianismo, não pensam mais em Cristo; o que lhes vem à mente é uma pauta política.

Em segundo lugar, receio que a reforma política possa sutilmente substituir a transformação espiritual. Evidentemente todos somos favoráveis a leis que reflitam a moral bíblica. Entretanto, até esse progresso fica aquém da verdadeira resposta que se deve dar à degeneração da sociedade. Em última análise, somente o evangelho de Cristo pode conter a onda de decadência moral.

Suponhamos que se implantasse a oração nas escolas públicas. Estaria baseada no mínimo denominador comum. O nome de Cristo não seria mencionado, e dificilmente se fariam alusões sobre aquele cujo sacrifício é o único meio de reconciliar nossa nação com Deus. Estaríamos forçando professores e alunos incrédulos a recitar uma prece com os lábios, sem sentir nada no coração. Muitos países da Europa mantêm a tradição da oração nas escolas, mas isso não toma a igreja mais forte, nem evita a estagnação moral e espiritual. Será que agiriamos bem implantando a oração nas nossas escolas?

Suponhamos ainda que fosse obrigatório o ensino da teoria da criação nas escolas. Dificilmente elas se tomariam mais cristãs. Qualquer que fosse o beneficio trazido por tais leis, nem de longe promovería a mudança de coração que Deus espera.

A religião institucionalizada pode ajudar a operar reformas morais. Ao mesmo tempo, porém, conferirá um falso senso de segurança. Podemos honrar a Deus com os lábios, tendo o coração longe dele. Sabemos que a legislação não pode salvar o indivíduo; não pode salvar o país. Como pastores, temos de ensinar nossas ovelhas a não se contentar com nada menos que uma transformação radical só possível pelo evangelho.

Em terceiro lugar, o que acontece se simplesmente não tivermos o poder político para efetuar as reformas? Quando nos unimos abertamente aos que negam o evangelho em nosso esforço por levar nossa sociedade a Deus, será que não estamos nos apoiando numa "cana quebrada"? As questões que nos unem a outras religiões jamais podem ser consideradas a missão fundamental da igreja.

Sim, podemos vencer algumas batalhas e promover uma reforma aqui e ah. Nosso ganhos, porém, dependerão das urnas. Num processo político democrático, uma reação sempre leva a outra. Alguém disse certa vez que "política é a arte de destruir os inimigos". Lutar por questões morais com os músculos da política é uma aventura de alto risco que muda a cada ano. Travar as batalhas espirituais com armas carnais é uma certeza ainda maior de derrota.

Jesus Cristo de modo geral silenciou quanto às questões políticas. Nunca incentivou a revolução contra Roma. Paulo não se opôs à escravidão para que o cristianismo não fosse acusado de causar tumulto político. Em vez disso, ensinou os escravos a "considerar seus senhores como dignos de todo o respeito, para que o nome de Deus e o nosso ensino não sejam blasfemados" (lTm 6.1). Ê claro que naquela época a escravidão estava tão intimamente ligada à vida social e à cultura que seria impossível aboli-la. Aliás, séculos mais tarde o cristianismo foi a força que combateu a escravidão. A questão é que Paulo não queria identifi-car-se com mudanças políticas e sociais externas que pudessem corromper a pureza do evangelho.

Certamente concordo que as coisas são diferentes hoje. Somos incentivados a nos envolver nos processos políticos. Entretanto, devemos escolher com cuidado nossas batalhas, para que a cruz de Cristo não seja relacionada a muitas das questões políticas. Temos de buscar o consenso com todos os que se inclinam a concordar conosco para fins políticos, mas a mensagem do evangelho sempre deve ser guardada de tais associações.

Nossa forma de reagir

Qual deve ser nossa reação diante do declínio espiritual e moral da nossa nação?

Primeiro, temos de reconhecer que a verdadeira igreja é indefesa no mundo. Somos estrangeiros e peregrinos que não podem se dar ao luxo de colocar a esperança na incerteza dos processos políticos. Somente Deus é nosso defensor.

Felizmente, nossa força não depende de maioria política. A felicidade da nação depende de uma minoria piedosa, como aconteceu no caso de Gideão. Se Deus não defender nossa causa e não lutar a nosso favor, acabaremos destruídos. Devemos buscar sua face, pedindo-lhe humildemente que, mesmo nesta hora tardia, nos conceda misericórdia.

Segundo, devemos compreender o papel elevado que a igreja desempenha nos negócios políticos do mundo. A noiva de Cristo retém o juízo iminente de Deus. O mundo, e digo sem presunção, não faz idéia de quanto deve à igreja. Quanto a Deus, a igreja é o compromisso número 1 em sua pauta. Tudo o que ele faz neste mundo está de alguma forma relacionado ao corpo de Cristo; assim, um dia tudo convergirá nele (Ef 1.10).

Portanto, nossa condição espiritual como igreja determina em grande medida a bênção ou o juízo de Deus sobre a nação.

Muitas vezes temos culpado os humanistas pela decadência moral ao nosso redor, sem perceber que Deus pode estar nos julgando por intermédio deles. Foijonas, o profeta de Deus — e não os marinheiros pagãos —, quem causou a tempestade no Mediterrâneo.

Se formos capazes de trazer nossa nação de volta a Deus, muito provavelmente isso se

deverá ao remanescente piedoso que ora e intercede por um avivamento espiritual. A justiça que exalta a nação é fruto do arrependimento. Certamente Deus não nos deve um avivamento, mas, se clamarmos a ele, poderá mostrar misericórdia.

E evidente que a oração deve ser combinada à ação. Os pais devem envolver-se no sistema escolar, temos de nos levantar contra a infiltração da pornografia em nossos lares e escolas e com certeza devemos continuar lutando contra o aborto. Entretanto, devemos lutar como Cristo lutou,

porque no final do dia as pessoas precisam ver Jesus em nós. Nossa atitude é tão importante quanto a questão que estamos defendendo.

Assim, como pastores, devemos abordar as questões morais do nosso tempo com coragem e clareza. Nossa posição sobre aborto e homossexualismo deve passar por análise e crítica. Sempre que as leis entrarem em conflito com nossas convicções bíblicas, devemos obedecer a Deus e não aos homens, mesmo que isso implique ir para a cadeia.

Não devemos nos intimidar por quem deseja calar a boca de pastores usando o pretexto da separação entre igreja e estado. Entretanto, devemos lembrar também que nossa mensagem não é uma pauta política, mas a plena ordem bíblica de submissão à vontade de Deus.

Entretanto — e isso é muito importante —, não devemos demonstrar ira nem intolerância em nossas críticas. Além do mais, devemos lembrar que nossa responsabilidade primordial é compartilhar as boas novas do amor e do perdão de Deus. Devemos ser agentes de cura e não de divisão, de entendimento e não de distorção. Resumindo: devemos representar a Cristo, vivendo seus valores e sua mensagem. Temos de manter a cruz diante de nossa mente, do nosso coração e do nosso ministério.

Para cumprir tal chamado, não podemos pender publicamente para nenhum partido político. É certo que votamos, mas como pastores não devemos dizer à congregação em quem ela deve votar. No nosso mundo caído, mesmo candidatos nascidos de novo podem nos desapontar. Cada partido político tem sua combinação peculiar de bem e de mal. Devemos condenar o mal onde quer que ele se encontre, sem “conchavo” com nenhum candidato ou partido.

Os avivamentos dejohn Wesley e George Whitefield resultaram em grandes mudanças sociais. Deus realizou essas mudanças por meio do milagre do novo nascimento. Ele prefere agir de dentro para fora. O que nenhum poder político jamais podería realizar a convicção e o poder do Espírito Santo realizam.

Creio que é tempo de nós, individualmente e como igreja, buscarmos a Deus com coração contrito. Se olharmos para a capital do nosso pais,

ficaremos frustrados. A única coisa que podemos fazer é nos submeter sem reservas à vontade de Deus, tornando-nos testemunhas individuais e coletivas do seu poder, na nossa sociedade decadente.

Se nossos problemas fossem apenas políticos, tudo de que precisaríamos seriam soluções políticas. Entretanto, se o problema é espiritual, deve ser tratado da perspectiva espiritual. Se nós, como povo de Deus, nos arrependermos, ele pode agir e restaurar os anos que foram devorados pelos gafanhotos. Em Deus temos o maior poder que podería ser liberado. Política é a arte de realizar o possível, mas a fé é a arte de alcançar o impossível.

Nossa nação precisa experimentar o impossível.

Inveja

Como lidar com o sucesso?

Conta certa fábula que emissários de Satanás queriam tentar um homem santo que vivia num deserto da Líbia. Entretanto, | por mais que se *esforçassem, não conseguiam fazê-lo* pecar. As seduções da carne e os ataques de dúvidas e temores não o abalavam.

Furioso com o fracasso, Satanás se adiantou.“Os métodos de vocês são muito precários”, ele disse. “Observem.”

Aí ele foi e sussurrou no ouvido daquele homem santo: “Seu irmão acaba de ser nomeado bispo de Alexandria”.

Imediatamente, uma expressão maligna anuviou a face do homem.

Então Satanás disse às suas hostes: “A inveja é nossa arma definitiva contra os que buscam a santidade”.

Fazer comparações

Como pastores, lutamos contra as mesmas seduções que o povo da nossa congregação. Entretanto, como o nosso ministério é público, nossa tentação mais poderosa pode ser a inveja. Todos sabemos como pode ser doloroso ser comparado com outro pastor mais bem-sucedido.

“Você é bom, mas não é nenhum Swindoll”, nossos membros nos dizem em tom decisivo. Ou então o conselho diz: “Por que não crescemos como a congregação Tal e tal?”

Tais comentários passam e aprendemos a lidar com eles com um toque de humor. É mais difícil, porém, quando a congregação prefere ouvir o pastor assistente — ou quando a igreja que fica na outra rua está cheia até os corredores enquanto a sua está decrescendo lentamente. Nessas situações é mais fácil nos tornar críticos e defensivos. Dizemos que temos um ministério de "qualidade e não de quantidade". Ou acusamos a congregação de preferir as mensagens do co-pastor porque ele fica "passando a mão na cabeça de todos".

Nossa natureza caída reluta em ser vista de forma negativa. É difícil nos alegrarmos com os que têm mais sucesso. Às vezes, até sentimos uma satisfação secreta ao ouvir sobre o fracasso de outros colegas; por comparação, concluímos que estamos nos dando melhor.

O problema se agrava porque parece que as bênçãos de Deus são incoerentes. Vemos algumas igrejas experimentar crescimento fenomenal apesar de ter um pastor obtuso que faz muito pouco para inspirar as pessoas. Ao mesmo tempo, outra igreja com um pastor que é um pregador excelente e ótimo relações-públi-cas diminui em número.

Alguns pastores, apesar de ter uma teologia fraca, usar métodos suspeitos para angariar fundos e ter uma vida pessoal questionável, são abençoados com crescimento e finanças. Enquanto isso, outros pastores com integridade e fidelidade não conseguem levantar

dinheiro suficiente nem para pintar o templo. Não é de admirar que certa vez um missionário tenha dito: "Você já percebeu quantas vezes Deus impõe as mãos sobre a pessoa errada?".

E difícil não nos perguntarmos por quê; é difícil não sentir inveja.

A força do veneno

A inveja estropia qualquer pastor e seu ministério. Primeiro, solapa a fé. Jesus perguntou aos fariseus, que queriam agradar aos homens: "Como vocês podem crer, se aceitam glória uns dos outros, mas não procuram a glória que vem do Deus único?" (Jo 5.44). Com os olhos uns nos outros,

não conseguiam olhar para Deus. O invejoso não está em posição de agradar a Deus. Não está livre para crer em Cristo de todo o coração.

Segundo, a inveja produz isolamento. O pastor que teme o sucesso dos outros se afastará da comunhão e da cooperação com outras igrejas. Poderá alegar que o motivo da separação é a necessidade de pureza doutrinária. Às vezes, realmente o que está em jogo são questões doutrinárias relevantes, e a separação se faz necessária. Entretanto, se nossos motivos ocultos fossem expostos, veríamos que muitas das separações entre as igrejas estão enraizadas no medo de permitirmos que nossa congregação seja abençoada fora dos muros do nosso pequeno reino.

Embora os fariseus afirmassem estar crucificando Cristo por razões doutrinárias, essa não foi a *verdadeira* razão por que condenaram o Senhor. Pilatos discerniu os motivos escondidos: "Porque sabia que o haviam entregado por inveja" (Mt 27.18). O motivo era a inveja; a teologia era a cortina de fumaça.

Paulo teve experiência semelhante em Antioquia da Pisídia, onde sua pregação atraiu grande multidão. "Quando os judeus viram a multidão, ficaram cheios de inveja e, blasfemando, contradiziam o que Paulo estava dizendo" (At 13.45). Novamente, a teologia foi a justificativa para o antagonismo, mas a motivação era bem menos nobre.

Escrevendo aos filipenses, Paulo discerniu que algumas pessoas estavam pregando a Cristo por inveja e disputa, esperando que ele ficasse zangado. Em vez disso, ele se alegrou porque Cristo estava sendo pregado, apesar de os motivos serem pecaminosos (Fp 1.12-18).

O pastor invejoso pode temer tanto a comparação desfavorável que chega a trabalhar nos bastidores para sabotar o ministério de um colega. Se trabalha com cuidado, seus motivos ocultos podem jamais ser revelados. Isso, é claro, toma o juízo de Cristo ainda mais importante, pois Deus revelará os motivos do coração de todos os homens.

O rei Saul não tomou o cuidado de esconder sua inveja. Ficou tão irado com a comparação feita na aclamação da multidão — "Saul matou milhares, e Davi, dezenas de milhares" (ISm 18.7) —, que ficou obcecado pela morte

do jovem rival. A resposta de Deus foi permitir que um demônio o atormentasse, evidentemente com o propósito de levá-lo ao arrependimento. Saul, porém, em vez de se arrepender, suicidou-se.

Uma vez que a inveja consegue se alojar no coração humano, resiste a toda tentativa de desapropriação. Até a morte parece mais atraente do que reconhecer o sucesso de alguém

mais jovem e menos qualificado. Jamais subestime os baixos níveis a que podemos chegar para parecermos melhores do que somos.

Neutralizando o veneno

Como podemos vencer esse monstro enganador? Devemos tratar a inveja como pecado. Ela é uma rebelião contra a direção providencial de Deus na vida dos seus filhos. Uma pessoa invejosa está dizendo que Deus não tem direito de abençoar alguém mais do que a ela.

Jesus contou a parábola sobre o proprietário que concordou em pagar um denário pelo dia de trabalho dos funcionários que chegaram cedo. Outros que chegaram para trabalhar mais tarde não trataram de salário, mas se dispuseram a confiar na justiça do patrão.

No final do dia, os que chegaram por último foram os primeiros a receber. Todos receberam um denário. Os que tinham trabalhado desde a manhã acharam que receberiam mais, mas ficaram chocados quando também receberam um denário (Mt 20.1-12).

Injustiça!

Imagine um empresário pagando aos empregados que entram às 15 horas o mesmo que paga aos que entram às 8. Jesus, porém, deu uma guinada surpreendente na história: era justo porque os primeiros trabalhadores receberam aquilo que tinham concordado em receber. Se o patrão queria pagar o mesmo aos retardatários, tinha a liberdade de fazê-lo.

Falando sobre o proprietário, que representa Deus, Jesus disse: “Não tenho o direito de fazer o que quero com o meu dinheiro? Ou você está com

inveja porque sou generoso?”

(v. 15). Deus pode fazer o que quiser com o que é seu. Pode ser mais generoso com os outros, e não temos o direito de reclamar. Inveja é rebelião contra o direito divino e soberano.

A inveja também é pecado contra a bondade de Deus. Tudo o que temos, seja pouco, seja muito, é dom de Deus. Quando Jesus Cristo eclipsou o ministério de João Batista, seu primo poderia ser tentado a sentir inveja; em vez disso, porém, João afirmou: “Uma pessoa só pode receber o que lhe é dado dos céus” (Jo 3.27). A inveja é baseada na suposição de que nossas habilidades e dons são algo que fizemos por merecer.

A inveja é um pecado contra a bondade e a soberania de Deus. É o vaso dizendo ao oleiro como deve fazer os outros vasos. Francis Schaeffer disse que não existem pessoas pequenas ou grandes, apenas pessoas consagradas ou profanas. Um pastor disse: “Quando finalmente aceitei o fato de que Deus não queria que eu fosse famoso, comecei a experimentar sua bênção”.

Paulo ensinou que é Deus quem determina onde nos encaixamos no corpo de Cristo: “Todas essas coisas, porém, são realizadas pelo mesmo e único Espírito, e ele as distribui individualmente, a cada um, *como queiu”* (ICo 12.11; grifo do autor). Estar insatisfeitos com nossos dons é o mesmo que estar insatisfeitos com nosso Deus.

A comparação com outros ministérios ou pregadores quase sempre é pecaminosa. Não devemos ser como os discípulos que perguntaram: “Quem será o maior no reino de Deus?”. O fato é que não sabemos. Pode ser fácil ver que um arranha-céu é mais alto que

um prédio de três andares, mas, se compararmos os dois a uma estrela distante, não encontraremos muita diferença. Semelhantemente, as diferenças entre nós se desvanecem quando nos comparamos com Cristo.

Deus deseja nos tomar satisfeitos, mas humildes com nosso lugar na sua videira. Termos qualquer lugar nela confirma sua misericórdia e graça. Invejar os que recebem maior bênção é desenvolver um espírito de ingratidão e de rebelião.

Moisés foi um homem cheio do Espírito, mas Deus multiplicou seu ministério na vida dos setenta anciãos que receberam o dom da profecia. Dois deles, Eldade e Medade, foram particularmente abençoados e profetizaram no acampamento. Quando um jovem chegou correndo na presença de Moisés, contando a novidade, Josué disse: “Moisés, meu senhor, proíba-os!”.

Moisés, porém, disse: “Você está com ciúmes por mim? Quem dera todo o povo do Senhor fosse profeta e que o Senhor pusesse o seu Espírito sobre eles!” (Nm 11.29).

Não se pode destruir um homem que se alegra com o sucesso dos outros. Ele tem uma perspectiva correta de si mesmo e de Deus. Pode se alegrar nos mais bem-sucedidos. É grato mesmo diante das pequenas oportunidades de servir, porque não perdeu a maravilha do cuidado do Pai. Um sorriso sincero aflora quando você lhe diz que seu irmão foi nomeado bispo de Alexandria.

Esgotamento

Lenha molhada pode queimar?

Alguém ouviu o zelador da igreja dizer: “Ainda funciona, mas o fogo se apagou”. Ele estava falando de um problema com o sistema de aquecimento, mas um membro que ouviu pensou que se referisse ao pastor.

Uma definição de esgotamento seria “síndrome de exaustão emocional, despersonalização e redução da realização pessoal que pode ocorrer entre pessoas que realizam algum tipo de trabalho 'com pessoas’”. Seus sintomas incluem fadiga cada vez mais intensa, cansaço mesmo depois de boas noites de sono, perda do interesse pelo trabalho e um espírito crítico e pessimista acompanhado de isolamento, depressão e um sentimento de inutilidade.

De acordo com Archibald D. Hart, deão da Escola de Psicologia do Seminário Teológico Fuller, o esgotamento é benéfico quando alerta que algo não vai bem. Pode intervir e afastar a pessoa de um ambiente perigoso, quando ela está a caminho da destruição pelo estresse.

“O esgotamento imediatamente faz com que você diminua o ritmo e produz um estado de letargia e de alienação”, diz Hart. “O sistema 'sai de operação’ antes de entrar em colapso total.”

Enquanto o estresse é caracterizado por excesso de envolvimento e participação, o esgotamento é caracterizado pelo afastamento e pela perda de sentido e de esperança. Independentemente do que a pessoa faça, as recompensas parecem pequenas demais para se preocupar. Esse estado pode levar à depressão.

As causas do esgotamento

Certo estudo mostrou que um terço dos pastores pesquisados tinham pensado em abandonar o ministério por causa do esgotamento. Embora este

mal possa ocorrer em qualquer profissão, os ministros são especialmente vulneráveis. Uma das razões pode ser o conflito de papéis.

Espera-se que sejamos bons pregadores, conselheiros e administradores; temos de ter noção de publicidade e a habilidade de amar as pessoas e demonstrar isso nas relações humanas. Quando essas responsabilidades não são acompanhadas de recompensas, as pressões de tais expectativas podem levar a um senso de inutilidade e desespero. Como as pessoas procuram o pastor para *receber* e não para *dar,* os recursos emocionais dele podem se exaurir rapidamente.

O segundo motivo é que muitas vezes o pastor está sozinho em suas lutas. Enquanto os membros podem falar abertamente com ele sobre seus problemas, a recíproca não é verdadeira. Como dizj. Grant Swankjr: “Os pastores se perguntam se continuarão tendo o mesmo apoio das pessoas se forem abertos e sinceros quanto às tensões do ministério pastoral. Conseqüente-mente, em muitos casos é bem difícil o ministro encontrar

um parceiro no ministério além do cônjuge”.[1]

Se o casamento do pastor não vai bem ou se seus filhos são um problema, ele se sente preso e incapaz de se desvencilhar de suas dificuldades emocionais. Logo, começa a se perguntar como pode ajudar outros quando ele próprio tem um sentimento tão forte de fracasso.

Todos nos sentimos insatisfatórios, o que se acentua quando somos comparados aos pregadores da tv que conseguem atrair grandes multidões e grandes somas de dinheiro. Conhecendo bem nossos defeitos, os membros da nossa congregação só reconhecem o sucesso dos pregadores de rádio e tv.

Se pregarmos um sermão mal-elaborado, todos ficam sabendo; se perdermos a paciência na reunião de uma comissão, a notícia se espalha. Logo, começamos a pensar que não somos apreciados. Se formos particularmente melindrosos às críticas, vamos nos esmerar cada vez mais para agradar. Se não recebermos compensação espiritual e emocional suficiente pelo esforço, ficaremos nos perguntando se valeu a pena.

O dr. David Congo, associado da Clínica de Aconselhamento Familiar de H. Norman Wright (Santa Ana, CA), diz que o ministério pode ser representado tanto por uma “corrida em direção ao sucesso”, como por uma “corrida de revezamento”. Ambas exigem muita energia, mas na corrida em direção ao sucesso não se tem uma idéia clara de finalidade. Já a corrida de revezamento tem uma direção, um percurso determinado, cooperação e espírito de equipe. O pastor empenhado numa corrida pelo sucesso muitas vezes se sente uma vítima controlada pelas circunstâncias. E difícil dizer se isso é causa ou resultado do esgotamento, mas há uma relação direta em ambos os casos.

Congo relaciona como candidatos ao esgotamento quatro tipos de personalidade. São pessoas:

- com grande necessidade de aprovação;
- viciadas em trabalho;
- vítimas passivas e sem opinião própria;
- com “complexo de messias”.[2]

T)avid CONGO, *Theology news and notes:* 8, Mar. 1984.

'J. Grant SwankJr., Who counsels pastors when they have problems:’, *Christianity Today.* 58, 25 Nov. 1983.

Todos somos tentados a dar além dos recursos espirituais e emocionais a fim de sermos considerados bem-sucedidos. O resultado pode ser o sentimento de realização. Ou pode também ser o oposto — a raiva interior e a frustração.

Se um pastor sente que não é apreciado, sua reação pode ser se isolar. Ele absorve muitas feridas, cada uma delas diminuindo um pouco sua auto-esüma, o que por sua vez contribui para uma atitude de “Por que devo me preocupar com você, se você não se importa comigo?”. Nessa altura, ou o fogo do entusiasmo já se apagou, ou foi canalizado pela raiva, tomando-se o fogo que destrói, em vez de ser o fogo que purifica.

O fato é que muitos pastores têm raiva não resolvida e não estão dispostos a admitir isso.

Essa raiva com freqüência é disfarçada em expressões como “indignação justa” ou “zelo ministerial”, mas de qualquer forma é algo presente. Muitas vezes, estão irados porque, como filhos, sentem-se desconectados dos pais, ou talvez agora estejam ressentidos porque o ministério tem sido muito difícil e ingrato. Como já mencionamos, as recompensas por seus esforços simplesmente parecem não valer o sacrifício.

As formas de curar o esgotamento

Qual a solução? Os conselhos em geral seguem estas linhas: faça exercícios físicos regularmente, descanse o suficiente, tire férias e identifique prioridades. Essas sugestões sem dúvida contribuirão para a recuperação, mas muitas vezes a raiz é mais profunda.

Quem dentre nós não separou um tempo para relaxar e descobriu que não conseguia em razão de um importuno senso de culpa ou de fracasso? E quanto à ansiedade que sentimos quando pensamos na próxima reunião do conselho, quando nossa nova proposta será discutida? Como podemos aproveitar as férias se desconfiamos que um membro da liderança minará nossa autoridade enquanto estamos fora?

Há um caminho mais seguro.

A primeira parte da resposta para se livrar do esgotamento é ser controlado de dentro para fora, e não o contrário. Temos de estar satisfeitos fazendo a vontade de Deus sem depender da opinião dos homens. Isso pode exigir que nos afastemos de tudo para um retiro de uma semana, ou mesmo por um tempo para nos reorganizar. É nesse mundo interior e na quietude que nos encontraremos com Deus e por fim encontraremos as respostas. Lembre-se: esgotamento é algo que nós mesmos nos fazemos, sendo o ministério apenas a causa secundária.

Em seu livro *Ponha ordem no seu mundo interior,* Gordon MacDonald mostra a diferença entre uma pessoa obrigada (como o rei Saul) e uma

pessoa chamada (como João Batista). A pessoa obrigada só se sente satisfeita com a realização e tudo o que a simboliza. Muitas vezes possui uma fúria vulcânica que entra em erupção sempre que sente oposição ou deslealdade. Quando não consegue alcançar seus objetivos no ministério público, toma-se desiludida porque sua vida privada fica vazia e carente.

João percebeu que as multidões não lhe pertenciam; ministrou segundo a vontade do Senhor. Não precisava da empolgação que procede da afirmação pública, nem se sentia deslocado. Pode ter sido tentado a considerar-se um grande pregador, mas dirigiu as multidões a Cristo: “É necessário que ele cresça e que eu diminua” (Jo 3.30).

O contentamento de João Batista não repousava em sua carreira; ele podia encontrar estabilidade em seu mundo íntimo. Pastores que negligenciam esse mundo interior logo se tomam incapazes de suportar o peso das exigências externas colocadas sobre eles.

O esgotamento pode ser um lembrete para desenvolvermos nosso mundo interior. Gastar tempo na quietude diante do Senhor e pedir a direção dele para aquelas áreas de negligência e fracasso podem significar a experiência de que precisamos. Talvez os pastores que aceitam convites em demasia descubram que não foram chamados para salvar o mundo. Não precisamos viver para satisfazer as expectativas da nossa congregação; podemos ficar satisfeitos em servir com fidelidade dentro dos limites dos

nossos dons e habilidades.

Em 1749,Jonathan Edwards escolheu romper com a tradição da época e insistir em que somente os que dessem provas de conversão deviam ter permissão para participar da ceia do Senhor. Embora tenha chegado a escrever um livro para defender suas convicções, poucos o leram. Ao contrário, membros descontentes se levantaram e arrebanharam apoio suficiente para fazer oposição a Edwards. Os membros da sua igreja o reprovaram abertamente, acusando-o de estar mais preocupado consigo mesmo do que com o bem da igreja. Realizaram reuniões em sua ausência e a discórdia foi amplamente semeada.

Finalmente, no dia 19 de junho de 1750, um concilio constituído por várias igrejas reuniuse e recomendou que as relações entre Edwards e sua igreja fossem dissolvidas. Quando a própria igreja votou, muitos dos que apoiavam o pastor se abstiveram. Na contagem final, 230 membros votaram por sua demissão; cerca de 29 pessoas votaram a favor de sua permanência. A decisão da maioria foi seguida.

De que maneiraJonathan Edwards aceitou essa decisão severa e injusta? Um amigo íntimo que o observou escreveu:

Aquela testemunha fiel recebeu o choque sem se alterar. Nunca vi o menor sintoma de desagrado em seu semblante durante toda a semana, mas *parecia um homem de Deus, cuja alegria estava fora do alcance dos seus inimigos* e cujo tesouro não era apenas um bem futuro, mas presente, contrabalançando todos os males imagináveis da vida, para surpresa daqueles que não poderiam descansar a menos que fosse demitido (grifo do autor).[-]

Certamente dói. Aliás, Edwards sentiu-se sozinho e traído por seus amigos, sendo “separado das pessoas e da união que antes tinha com elas”. Mesmo assim, também viu naquela situação a providência divina. Deus o usaria para realizar uma obra missionária entre os índios e para escrever livros que beneficiariam futuras gerações.

Anos mais tarde, um dos seus detratores confessou que a verdadeira razão por trás da oposição a Edwards foi o orgulho. “Agora vejo que fui muito influenciado por grande medida de orgulho, auto-suficiência, ambição e vaidade.” Entretanto, era tarde demais.

O que desejo ressaltar aqui é que Edwards teve condições de aceitar um tratamento injusto no ministério porque *sua alegria em Deus estava fora do alcance dos seus inimigos.* Ali estava um homem que aprendeu o que Martin Lloydjones diria muitos anos mais tarde: “Não permita que sua alegria dependa das pregações, porque chegará o dia em que não poderá mais pregar. Encontre sua alegria em Deus, pois ele estará com você até o fim”.

A segunda parte da resposta para combater o esgotamento é confidenciar com amigos íntimos. Todo pastor precisa ter várias pessoas — talvez fora da congregação — com quem possa ser aberto e sincero sobre suas lutas. Todos precisamos de aceitação e de ter com quem confidenciar, alguém que ouça com atenção e ore com fervor.

Nos dias em que estamos instáveis emocionalmente, tudo parece distorcido. Precisamos desesperadamente ver as coisas da perspectiva de uma pessoa equilibrada. Bem-aventurado é o pastor que pode se abrir com pelo menos alguns amigos quando está passando por trevas emocionais.

James B. Scott experimentou esgotamento e pediu demissão da igreja. Ele escreveu: “A parte mais difícil da morte de um sonho é o sentimento de perda e medo de não saber se

algum dia as coisas se organizarão e compensarão a perda”. No final, porém, percebeu que seu ministério estava nas mãos de Deus e não nas dele próprio. Continuou: “O quebrantamento e a cura pelo poder de Deus produziram resultados inesperados em minha vida. É estranho ver como a dor do quebrantamento pode miraculosamente operar plenitude e uma tenacidade poderosa, recursos anteriormente desconhecidos”.[4]

Muitos pastores precisam experimentar novamente o poder de Deus em seu íntimo. Ali, em sua presença, devemos encontrar significado e tranqüilidade interior, em vez de sermos sustentados pela aprovação de fora. Deus deseja que encontremos a alegria que procede dele e não das atitudes dos homens — imprevisíveis e até conflitantes. As vezes, podemos não ser capazes de determinar as causas do esgotamento. Mesmo assim, devemos interpretá-lo como um lembrete de Deus de que nossa vida interior precisa de atenção especial. “... na quietude e na confiança está o seu vigor...” (Is 30.15). C. S. Lewis diz que o Senhor grita conosco nas nossas dores, mas, devemos acrescentar, ele também fala conosco quando nossas emoções “estão em baixa”.

Jesus demonstrava uma satisfação interior que o capacitava a lidar com as pressões do seu ministério. Quando uma grande multidão se reuniu para ouvi-lo, ele desapontou a todos indo para outra cidade e deixando a multidão esperando (Mc 1.37,38). Quando ouviu que Lázaro estava doente,

ficou onde estava por mais dois dias, sabendo que a vontade de Deus estava sendo realizada a despeito do desapontamento de suas amigas Marta e Maria (Jo 11.6).

Jesus jamais parecia estar sendo pressionado, porque se importava apenas em agradar ao Pai. Devemos aprender com ele a importância de jogar segundo as orientações do técnico e não pelo aplauso efêmero da torcida.

Esgotamento pode significar que brasas vivas precisam ser oferecidas no altar do coração. O Deus de Elias é capaz de acender até mesmo lenha molhada, quando colocada diante dele em submissão e antegozo.

0 esgotamento jamais precisa ser permanente, se estivermos dispostos a esperar que Deus reacenda a chama.

11

1

Iain MURRAY, *Jonathan Edwards,* Scotland, Banner of Truth Trust, 1987, p. 327.

P) igreja e o mundo

Quem está influenciando quem?

Pesquisas recentes do Instituto Gallup mostraram tendências conflitantes em nossa sociedade: a religião está em alta, bem como o crime e a imoralidade. George Gallup chama isso de “paradoxo gigantesco: a religião mostrar sinais claros de aviva-mento apesar de o país ser fustigado pelo aumento da criminalidade e de outros problemas considerados a antítese da religião piedosa”.

Numa palestra a um seminário para líderes da Igreja Batista do Sul dos Estados Unidos, Gallup afirmou: “Descobrimos pouquíssima diferença entre o comportamento ético dos freqüentadores de igreja e o dos que não são religiosamente ativos. Os níveis de mentira, trapaça e roubo são notavelmente similares nos dois grupos”.

Gallup disse que, de cada dez americanos, oito se consideram cristãos, embora somente metade possa se identificar com a pessoa que proferiu o Sermão do Monte e um número ainda menor seja capaz de recitar cinco dos Dez Mandamentos. Somente dois, em cada dez, afirmaram estar dispostos a sofrer em nome da fé. Muitos estudantes universitários cristãos têm adotado um “código de silêncio”, recusando-se bondosamente a compartilhar a fé para se ajustar à filosofia presente nas uni-

James B. SCOTT, *Theology news and notes:* 15, Mar. 1984.

versidades do “politicamente correto”. Assim, o desejo de receber um diploma é mais importante do que representar a Cristo e pagar um preço por isso. Diferentemente da igreja primitiva, poucos cristãos consideram que seja uma honra sofrer pelo Salvador sofredor.

Que indicador para o cristianismo americano o fato de a religião estar em alta ao passo que a moral se encontra em baixa! Não vamos nos justificar apenas por suspeitarmos de que a maioria dos entrevistados não fosse

nascida de novo. Dentro do movimento evangélico há um lamentável desvio para a aceitação de um cristianismo que não exige mudanças de vida no caminhar com Deus.

Em virtude do conhecimento limitado que têm acerca da história eclesiástica, muitos cristãos não percebem que a igreja sempre foi uma ilha de justiça em meio a um oceano de paganismo. Os cristãos primitivos não contavam com o privilégio de uma cultura ou de um governo que lhes fosse favorável; tinham a perseguição por certa, e era o que recebiam. Entretanto, conse-qüentemente "viraram o mundo de cabeça para baixo". Estamos provando que é difícil encontrar santos dispostos a sofrer quando nos acostumamos a uma cultura abastada.

Religião à la carte

Como as pessoas que adotam nominalmente uma religião, escolhemos aquilo em que vamos crer e como agiremos, sem levar em conta o que a Bíblia ensina. F. H. Heniy escreveu: "Milhões de protestantes, dentre eles muitos evangélicos, escolhem e mudam de igreja como mudam de empresa aérea — em razão de luxos como viagens, conforto e situação econômica". Para nós, bem como para o mundo, isso é religião â /a *carte.*

Qual a causa disso? Desde que o movimento evangélico se popularizou há algumas

décadas, muitas pessoas sentiram-se livres para se identificar com ele sem nenhum custo pessoal. O estigma do cristianismo se foi, mas se foi também seu poder.

Dentro do meio evangélico, há uma tendência crescente à adaptação — selecionar o que gostamos na Bíblia e deixar o resto de lado. Ficamos tão enredados pelo espírito da nossa época, que mudamos de cor como um camaleão para nos conformar ao mais recente matiz do mundo.

Quando os ativistas dos direitos dos *gays* sustentam que o homossexualismo é apenas uma "preferência sexual alternativa", vemos evangélicos escrevendo livros concordando que a Bíblia não condena tal prática. Dizem que as passagens do Antigo Testamento fazem parte de leis

que não se aplicam hoje e Paulo condenou somente os que se voltam para o homossexualismo, não os que já cresceram assim.

Quando as feministas impõem suas exigências de igualdade, alguns pregadores “reestudam” o Novo Testamento e descobrem que Paulo não queria dizer exatamente o que escreveu. Concluem que o marido não é o cabeça da esposa e as mulheres têm o direito de ser ordenadas ao ministério. Ainda mais assustadora é a conclusão de um evangélico que afirmou que a visão de Paulo sobre as mulheres estava totalmente errada.

Quando uma onda de socialismo varre o país, temos cristãos advogando a aplicação da teoria marxista para a redistribuição de renda. Quando o movimento pacifista chegou ao auge, alguns evangélicos também aderiram à nova moda.

Concordo que devemos examinar nossa compreensão acerca da Bíblia em relação às questões da atualidade. Entretanto, se ajustarmos as Escrituras a todos os ventos que sopram, ficaremos tão absorvidos pela cultura, que não teremos nada mais a dizer para ela. No nosso zelo por ser pertinentes, perderemos a voz profética.

Lembro a história do menino que comprou um canário e o colocou numa gaiola junto com um pardal para que este aprendesse a cantar. Depois de três dias, desistiu, frustrado. O pardal não cantava como o canário; pelo contrário, o canário fazia os mesmos sons que o pardal.

No seu livro *The great evangehcal disaster* [O *grande desas-Ire evangélico*^ Francis Schaeffer diz: “Este é o grande desastre evangélico: o fato de o mundo evangélico não conseguir defender a verdade como verdade [...] A igreja evangélica acomodou-se ao espírito da era”.[1]

Embora acusemos o teólogo alemão Rudolf Bultmann de rejeitar as partes da Bíblia que não se harmonizam com suas idéias, fazemos o mesmo quando se trata de praticar a verdade bíblica. Nossas ações mostram nossa crença de que a autoridade irrevogável reside em nós, não no texto.

Qual é resultado desse ajuste que se serve no grande menu das religiões? A sociedade está sendo controlada pelas seitas, inundada pela pornografia e

destruída pelo aborto.

Há tantos divórcios dentro da igreja quanto fora dela. Ouve-se sobre todo tipo de perversão sexual também dentro das igrejas. Como mostra Gallup, o comportamento ético dos que fre-qüentam a igreja é notadamente similar ao dos que não a freqüentam.

A nova filosofia segundo a qual “Deus quer que você seja rico, feliz e saudável” atrai uma

geração pronta a aceitar os benefícios do cristianismo sem a obediência que requer sacrifício. Como uma criança diante de um “caça-níqueis” esperando conseguir o prêmio máximo com apenas uma moeda, muitos freqüentadores de igreja esperam retomo máximo com o mínimo de compromisso. Quando não são curados ou não conseguem a promoção no trabalho, pegam a moeda de volta e vão para outro lugar.

Nossa reação

Como devemos reagir diante dessas atitudes? Talvez devamos começar retomando ao evangelho apresentado no Novo Testamento. Muitos pastores estão cansados das “conversões” em que

'Westchester, Crossway, 1984, p. 37.

as pessoas são consideradas salvas porque foram até a frente na hora do apelo e preencheram uma ficha de decisão. “Toda planta que meu Pai celestial não plantou será arrancada pelas raízes” (Mt 15.13).

Não estou insinuando que devemos impor restrições à oferta gratuita do evangelho, mas sim que devemos cuidar para não achar que as pessoas foram regeneradas só porque assim o declararam ou porque preencheram um dos nossos requisitos. A diferença entre crentes e incrédulos se tomará mais clara quando percebermos que somente os chamados por Deus virão a ele; só quando a salvação for novamente considerada obra da graça soberana de Deus, apreciaremos suas implicações e poder transformador.

Temos de ensinar aos crentes que a vida cristã compõe-se de privilégios e responsabilidades. Tomar a cruz significa exatamen-le isso: disposição de sofrer por pertencermos a Cristo.

Temos de denunciar, em especial, o pecado do “eu em primeiro lugar” — o culto do individualismo que tem infectado as igrejas. Lemos sobre uma mulher de uma pequena igreja em Oklahoma que processou três presbíteros por a terem disciplinado. Ela se opôs à idéia de confessar os pecados à igreja. Depois de ganhar a causa e receber uma indenização seis vezes maior do que a quantia que a igreja arrecadava em um ano, ela declarou: “Não estou dizendo que não era culpada. Eu era. Só que eles não tinham nada com isso”.

Nesse exemplo, a submissão à liderança da igreja (Hb 13.17) e o ensino claro de que não devemos processar um irmão em Cristo (ICo 6.1-8) foram deixados de lado a favor de um interesse’ pessoal. O advogado dela declarou: “O homem era solteiro. Ida também é solteira. Estamos nos Estados Unidos”. Em outras palavras, embora a obediência aos líderes da igreja seja louvável biblicamente falando, é contrária ao estilo de vida americano.

Como essa atitude diverge do espírito de Jesus, que não procurou agradar a si mesmo e sua reputação, mas foi obediente até a morte (Rm 15.3; Fp 2.7,8). Agiu assim por nós e, o que é mais importante, por Deus.

Temos de saber que a obediência seletiva anula a autoridade de Deus. Todos já fomos tentados a negligenciar a disciplina eclesiástica por medo das críticas, da acusação de

incoerência ou até de uma divisão na igreja. Entretanto, será que nossa negligência bem intencionada realiza a obra de Cristo?

Sob pretexto de ser pertinentes, amáveis e de mente aberta, enfraquecemos o impacto do evangelho. Não é de admirar que o membro de uma grande igreja tenha me dito: “Não me lembro qual foi a última vez que alguém se converteu em nossa igreja”.

Como pastores, vamos nos lembrar de que não somos nós que determinados o que pregamos, quem pode se casar novamente em nossa igreja ou como deve ser a estrutura das famílias. Não cabe a nós decidir se devemos ser seletivos na escolha dos programas de TV, com quanto se deve contribuir ou se devemos ou não testemunhar aos vizinhos. Somos escravos de Jesus Cristo, com a obrigação de examinar as Escrituras para encontrar a resposta à pergunta: “Senhor, que queres que faça?” (ARC, At 9.6).

George Gallup é otimista. Ele crê que, se a nossa consciência religiosa for adequadamente alimentada, poderá gerar novas conversões genuínas nas igrejas. Entretanto, receio que isso não acontecerá enquanto a distinção entre a igreja e o mundo continuar nebulosa. Afastamo-nos muito da igreja primitiva, em que o temor caía sobre a multidão e “Dos demais, ninguém ousava juntar-se a eles” (At 5.13).

As milhares de pessoas que praticam a religião à *la carte* um dia descobrirão que escolheram o menu errado. Somente os que pagam o preço da obediência podem ter a alegria de receber o pão do céu.

Não são as pessoas que se dizem cristãs que afetarão nosso país: serão as que aceitam pagar o preço e vivem a vida cristã autêntica.

Aconselhamento

Devemos ser especialistas em psicologia?

A

Será que um pastor sem conhecimento de psicologia está qualificado para aconselhar seu rebanho, ou deve se restringir ao atendimento espiritual e encaminhar os casos mais complicados aos profissionais?

Muitos homens que se formam nos seminários pensam que devem ter doutorado em psicologia para se tomar conselheiros. Acham que devem acrescentar o conhecimento de psicologia ao conhecimento bíblico para obter um máximo de eficiência. Entretanto, psicólogos e teólogos discutem exaustivamente se a psicologia pode ser associada com sucesso à Bíblia.

Pessoalmente, acautelo-me com as tentativas de integração. Não encontro base bíblica para fazer distinção entre um problema espiritual e um problema psicológico.

Basicamente, os problemas psicológicos — a menos que tenham causas físicas ou químicas — são espirituais. Onde, além das Escrituras, poderiamos encontrar uma melhor análise das necessidades humanas, juntamente com o remédio sobrenatural? Segundo escreve Pedro, o poder divino do nosso Senhor nos concedeu "tudo de que necessitamos para a vida e para a piedade, por meio do pleno conhecimento daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude" (2Pe 1.3).

Paulo escreveu: "Pois em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da divindade, e,

por estarem nele, que é o Cabeça de todo poder e autoridade, vocês receberam a plenitude" (Cl 2.9,10). Isso deixa pouco espaço para a utilização de técnicas da psicologia secular como forma de ajudar os cristãos a alcançar plenitude emocional e espiritual.

Estou bem consciente de que essa questão de integração é mais complicada do que parece à primeira vista. É fácil dizer que devemos usar somente a Bíblia e fechar os ouvidos para o que poderiamos aprender com a psicologia. Entretanto, pela graça comum, mesmo os que não crêem na Bíblia às vezes confirmam sua verdade. Assim, a psicologia pode ter algum valor na compreensão dos mecanismos humanos; pode proporcionar alguns elementos para análise. Entretanto, temos de entender bem suas limitações e seu potencial de engano.

Lany Crabb, em seu livro *Aconselhamento bíblico efetivo,* advoga que "espoliemos os egípcios" — ou seja, devemos utilizar as conclusões, princípios e técnicas da psicologia que estejam de acordo com as Escrituras e nos ajudem a ser mais eficazes. Aprecio o desejo que ele apresenta de testar as pressuposições das teorias seculares para que possamos aceitar somente o que é bíblico.[1]

E interessante ver que, em livros mais recentes, Crabb conclui que os conselheiros profissionais muitas vezes não alcançam os resultados a eles

atribuídos. Ele crê que as pessoas feridas realmente precisam de amor e do apoio da igreja, o corpo de Cristo. Quando nosso corpo físico é ferido, tem o poder de curar a si próprio; semelhantemente, a igreja saudável tem o poder de proporcionar cura para seus membros quebrados.

Crabb diz que deve haver também o humilde reconhecimento de que alguns membros do corpo jamais serão curados até

'Lawrence CRABB, *Aconselhamento bíblico efetivo.* Ed. Refúgio, 1985.

chegarem ao céu. Aliás, nossa prioridade nunca deve ser ter as necessidades emocionais atendidas, mas sim adorar a Deus. Assim, as filosofias de aconselhamento muitas vezes são maldirecionadas; temos de retomar à convicção de que nosso desejo por Deus deve superar nosso desejo de ser "consertados". Nas palavras de Crabb, "nosso objetivo é consertar o mundo até que ele possa cuidar de nós adequadamente. O objetivo de Deus é reunir todas as coisas em Cristo até que todo joelho se dobre diante dele".

Em última análise, é por isso que devemos ser bíblicos em nosso aconselhamento. Embora as teorias seculares possam aliviar a dor de alguns e as conclusões puramente psicológicas possam nos capacitar a lidar com as feridas, no frigir dos ovos é o relacionamento com Deus que realmente faz a diferença. Um conselheiro bíblico sempre verá, para além do tempo, a eternidade.

O aconselhamento é mais bem descrito como um discipulado acelerado. É ajudar as pessoas a aplicar a solução de Deus aos problemas; é redirecionar a vida delas para o que importa na eternidade.

Uma abordagem bíblica

É lamentável que a expressão "aconselhamento bíblico" tenha conotações negativas. Para algumas pessoas, significa que o antídoto para todo problema é apenas a informação,

sendo o relacionamento entre conselheiro e aconselhado mecânico e impessoal. Outros o consideram uma filosofia simples que apenas busca

expor pecados ocultos, os quais, se confessados e esquecidos, tudo ficará bem.

Uma abordagem totalmente bíblica rejeita tal noção simplista. Paulo ressaltou a dimensão pessoal na admoestação e na exortação. Ele era como um pai para os que precisavam de disciplina e como mãe para os que precisavam de cuidado e afeto (lTs 2.7).

Uma história conhecida do Antigo Testamento ilustra a afirmação de que muitas vezes somente o discernimento piedoso pode denunciar a raiz de um problema e prescrever a cura. Em Josué 7, 36 soldados israelitas perderam a vida numa tentativa frustrada de conquistar a cidade de Ai. O que um analista secular diría sobre aquela derrota ignominiosa? O exército usara a estratégia errada? As armas eram ultrapassadas? Um número muito pequeno de soldados foi mandado ao campo de batalha?

E incrível que a derrota de Israel não tivesse nenhuma relação com questões militares. Conforme Deus disse, a razão era que um homem tinha roubado alguns artigos, escondendo-os em sua tenda (Js 7.10-12). O pecado de um homem trouxe castigo aos outros. Deus estabeleceu a relação de causa e efeito que desafia as análises científicas. O homem secular muitas vezes deixa de descobrir a verdadeira natureza de um problema porque a causa pode estar totalmente fora do seu campo de investigação. As causas espirituais são descobertas apenas por quem tenha conhecimento bíblico sobre os caminhos de Deus e sua maneira de lidar com os homens.

Se eu estivesse contando a história de Acã, diría: “Acã pecou”. O comentário de Deus, porém, foi: “Os israelitas foram infiéis...” (Js 7.1). Israel tinha um bem espiritual comum, no qual todos estavam juntos debaixo de uma aliança.

Existe um relacionamento semelhante entre membros de nma família. “... eu, o SENHOR, o teu Deus, sou Deus zeloso, que castigo os filhos pelos pecados de seus pais até a terceira e quarta geração daqueles que me desprezam” (Ex 20.5). Quando Cam agiu indecentemente, seu filho Canaã foi amaldiçoado (Gn 9.25). Os demônios podem atormentar uma linhagem familiar; dessa forma, um filho pode ser afligido (Mc 9.20,21).

Em tais casos, a influência dos pais e avós deve ser quebrada. Talvez por isso o povo de Israel confessasse os pecados dos pais (Ne 9.2).

Da mesma maneira, bênçãos podem ser atribuídas a influências piedosas. O Senhor mostra “bondade até mil gerações aos que me amam e obedecem aos meus mandamentos” (Êx 20.6).

Salomão foi poupado do castigo por causa do seu pai, Davi (lRs 11.12). Labão foi abençoado por causa dejacó (Gn 30.27). Um cônjuge profano recebe privilégios espirituais por causa do cônjuge piedoso (ICo 7.14).

Em relação ao corpo de Cristo, Paulo escreveu: “Quando um membro sofre, todos os outros sofrem com ele; quando um membro é honrado, todos os outros se alegram com ele” (ICo 12.26). Aqui novamente vemos que a vida de todos está interrelacionada. Devemos reconhecer que uma parte do corpo não pode sofrer sem que todo o corpo seja afligido. Felizmente, porém, também é verdade que, quanto mais saudável o corpo, maior é a sua probabilidade de trazer cura aos seus membros doentios.

Essa solidariedade ajuda a compreender as conseqüências do pecado e a curá-las com maior facilidade. Teremos uma visão mais clara sobre como a cura se efetua.

Um conhecimento profundo das Escrituras, juntamente com um coração compassivo, pode, sob a direção do Espírito Santo, ser usado para revelar as raízes dos problemas que escapam de uma abordagem puramente psicológica. O mais importante é lembrar que não existe uma única prescrição para todos os problemas.

O corpo cura a si mesmo

Quando um irmão cai em pecado, parte da responsabilidade pode ser dos pastores. Se o membro está espiritualmente frio, ele faz baixar a temperatura de todos ao redor. Se tropeço, posso fazer você cair junto comigo. Estamos unidos nos nossos fracassos.

O poder espiritual é liberado quando a igreja difunde sua força por todo o corpo. Os membros vencem a depressão, perdoam aos pais abusivos e

desenvolvem uma auto-imagem sadia quando o corpo proporciona amor e aceitação. Personalidades fragmentadas podem ser restauradas dentro do contexto de pessoas que vêem as necessidades dos outros como se fossem suas.

Ninguém aconselha com sentimento de superioridade quando reconhece que o fracasso é uma experiência comum. Quando uma família se dissolve, todos os membros são feridos. Minha primeira resposta à derrota de um irmão é sondar meu próprio coração.

Tal entendimento das Escrituras não isenta os indivíduos da responsabilidade pessoal. Não somos programados pelo desempenho alheio. Deus temperou a influência dos pais com a responsabilidade individual (Ez 18.20).

A família da igreja tem um débito enorme com Deus por causa da desobediência; carregamos o peso dos nossos pecados coletiva e individualmente. Os guerreiros enviados para capturar Ai teriam demonstrado grande interesse pela vida espiritual de Acã se lembrassem que suas ações estavam relacionadas às dele.

O pecado pessoal também é inter-relacionado. As obras da carne operam em cadeia. Não podemos tolerar o pecado em uma parte da nossa vida e experimentar vitória em outra.

Se fecharmos uma sala de nossa vida para Deus, as trevas se espalham por toda a casa.

Um homem que se debatia com a pornografia não conseguiu vencer esse pecado secreto até que fez restituição de artigos que tinha roubado muitos anos atrás. Outro homem venceu o vício do cigarro depois que pediu perdão aos pais pela rebelião contra eles na juventude, aceitando a responsabilidade pelos dias em que começara a fumar contra as ordens deles.

No aconselhamento matrimonial, às vezes pergunto aos casais se tiveram sexo antes do casamento. “Que diferença isso faz?”, eles retrucam. Entretanto, se tiveram relações, plantaram sementes que produziram frutos

amargos. Esqueceram que nunca colhemos no mesmo ano em que plantamos.

O pecado espalha suas raízes em várias direções imprevisíveis. Se a cobiça pode levar um exército à derrota, será que a sonegação de impostos não pode levar à ira excessiva ou mesmo à imoralidade? Tiago diz: "... tal pessoa [...] tem mente dividida e é instável em

tudo o que faz" (Tg 1.7, 8).

Esse conhecimento dos efeitos do pecado pode influenciar nosso aconselhamento. Devemos ver o fracasso em seu contexto mais amplo e gastar tempo fazendo um inventário espiritual.

Como podemos ter causado derrota a nossos irmãos em Cristo? Quais pecados ocultos dentro da família ou da igreja podem ter proporcionado o ambiente adequado para as brigas conjugais, pecados morais ou distúrbios emocionais? Devo pedir a Deus que sonde meu coração e me dê sabedoria para identificar as causas da derrota pessoal e coletiva.

Creio que, sejosué tivesse buscado a Deus antes de enviar as tropas a Ai, o Senhor teria revelado o pecado secreto de Acã, e Israel teria sido poupado da derrota. Josué, porém, agiu precipitadamente. Em ocasião posterior, novamente teve problemas por não ter buscado o conselho do Senhor (Js 9).

Quando os pecados inconfessos são detectados, devem ser punidos. Acã foi apedrejado e depois queimado, junto com seus familiares (Js 7.25). Uma pilha de pedras foi levantada no vale de Acor como memorial daquele fato vergonhoso, e "então o Senhor se afastou do fogo da sua ira" (v. 26).

Muitas vezes Deus traz juízo sobre nós como indivíduos e como corpo porque não demonstramos disposição de fazer uma limpeza total na nossa vida. O Espírito Santo está pronto para sondar nosso coração quando pedimos com sinceridade (SI 139.23,24).

Acor significa "problema", aparente referência ao castigo severo que Acã e sua família receberam ali. Contudo, centenas de anos mais tarde o profeta Oséias disse que o vale de Acor será uma porta de esperança (Os 2.15).

Pecados ocultos tomam-se lugar de juízo; entretanto, quando o pecado é confessado e perdoado, aquele lugar toma-se uma porta de esperança. Uma vez que o pecado foi erradicado, Josué e seus homens conquistaram Ai, aparentemente sem a perda de nenhum soldado. Quando o pecado ê tratado, a bênção flui.

Todo pastor deve transitar à vontade em sua filosofia de aconselhamento, mas creio que todos seríamos mais bem-sucedidos se buscássemos a sabedoria de Deus na exposição das causas do fracasso espiritual. Deus deseja construir um monumento de vitória no vale da derrota e nos deu as ferramentas para ajudá-lo.

Que ninguém diga que minha teoria de aconselhamento é simplesmente sair à caça de pecados ocultos. Em algumas ocasiões, a causa pode ser pecados em geral, sem que haja necessidade de confessar nenhum pecado específico.

Tenho aprendido várias lições importantes no aconselhamento. Primeira: não podemos tratar todos os problemas da mesma maneira. As vezes temos de examinar se há pecados não confessados; outras vezes, devemos apenas dar amor e apoio. Crianças que sofreram maus tratos, por exemplo, precisam de amor incondicional e aceitação. Provavelmente buscar pecados ocultos não ajudará em seus problemas emocionais, embora em algum momento tenham de ser levadas a perdoar aos pais.

Lamento pelos conselheiros que acham que as necessidades de todas as pessoas precisam da mesma abordagem, a mesma avaliação e a mesma verdade. As pessoas são diferentes; cada uma precisa de uma abordagem personalizada. Nem toda pessoa deprimida tem problema de ira. Nem todos serão ajudados simplesmente ouvindo que precisam

“obedecer a Deus” e tudo irá bem.

Segunda: embora minha experiência em aconselhamento seja limitada, tenho visto os melhores resultados por meio da oração intensa e perseverante. Gasto bom tempo orando por meu aconselhando, bem como orientando-o a orar. Creio firmemente na promessa de que Deus não somente nos dá sabedoria, mas também derrama a cura na vida de

todo aquele que o busca de todo o coração. “Só ele cura os de coração quebrantado e cuida das suas feridas” (SI 147.3).

Não precisamos ser *experts* em psicologia para ser conselheiros eficazes. Só precisamos ter uma visão bíblica sadia e ser emocionalmente sensíveis para entrarmos nas necessidades das pessoas. Nossa fé não está firmada em nós mesmos, mas no “Conselheiro Maravilhoso”; ele ouvirá nossas orações quando clamarmos a ele.

Pldoração

Pode ocorrer num culto bem estruturado?

Sendo recém-casada, uma mulher de uma vila remota sonhava com a segurança e a felicidade que teria no casamento. Talvez, porém, suas expectativas não fossem realistas. Talvez estivesse preocupada demais com suas ambições pessoais para reconhecer os primeiros sinais de tensão no relacionamento conjugal.

No entanto, as tensões cresceram rapidamente. Por fim, ela e o marido concordaram que não podiam mais viver juntos. A decisão era angustiante, mas, para todos os efeitos, necessária. Eles se divorciaram.

O tempo cura todas as feridas, ou pelo menos atenua a dor. Depois que a mulher conseguiu se refazer emocionalmente, conheceu um homem que parecia ter todas as qualidades que seu ex-marido não possuía. Esse casamento daria certo, ela pensou.

Quando o segundo casamento apresentou sinais de tensão, a mulher nem ousava pensar que acabaria como o primeiro. Mesmo assim, as bases começaram a vacilar. Pouco tempo depois, ela experimentou o segundo divórcio.

Algumas mulheres teriam enterrado as frustrações numa carreira profissional. Teriam se mudado para outra cidade, voltado a estudar ou se matriculado em algum curso. Aquela mulher, porém, não conseguia. Sua família não somente acreditava que o lugar da mulher é em casa, mas também entendia que ela deve ser obediente ao marido. Além do mais, em sua região não havia empregos para mulheres. Tudo o que ela sabia — tudo o que *podia* saber — era realizar as tarefas domésticas, trabalho enfadonho e rotineiro.

A decisão de se casar pela terceira vez foi mais fácil. Nessas alturas, a mulher estava amargurada contra Deus e descontente com os homens. Se

aquele casamento não funcionasse, outro divórcio a salvaria das cadeias de um voto sem sentido. Como era previsível, ela experimentou o terceiro divórcio. Depois, o quarto e o quinto.

Quando conheceu outro homem, decidiu não se preocupar com a formalidade do casamento. Decidiram apenas morar juntos, regidos pelo direito consuetudinário. Então aquela mulher conheceujesus Cristo, que lhe ofereceu água viva. Ele também a convidou para adorar o Deus altíssimo. "Nossos antepassados adoraram neste monte", ela afirmou (Jo 4.20). Jesus respondeu: "Creia em mim, mulher: está próxima a hora em que vocês não adorarão o Pai nem neste monte, nem em Jerusalém. [...] está chegando a hora, e de fato já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade. São estes os adoradores que o Pai procura" (Jo 4.21,23). Cristo fez-lhe um convite para ser uma adoradora, e, por meio dela, o convite estende-se a todos nós.

A essência da adoração

"Adorar", disse William Temple (arcebispo da Cantuária de 1942 a 1944), "é despertar a consciência a respeito da santidade de Deus, alimentar a mente com a verdade de Deus, purgar a imaginação pela beleza de Deus, abrir o coração para o amor de Deus e devotar a

vontade ao propósito de Deus".[1]

'CitJohn MacArthur. *The uitimatepriority,* Chicago, Moody Press, 1983, p. 147.

A mulher do poço considerava a adoração uma questão de conformidade exterior. Cristo, porém, ensinou que era uma questão de espírito e de verdade. Os judeus adoravam em Jerusalém, os samaritanos, no monte Gerizim. A partir daquele tempo, a adoração não seria mais restrita a um local geográfico. Não seria mais uma questão de estar no templo ou no monte certo.

Muitas vezes supomos que temos de estar na igreja para adorar. Aprendemos que o edifício da igreja é a "casa de Deus", mas essa idéia

pode levar a certos equívocos.

No Antigo Testamento, Deus habitava no templo; sua glória permanecia no Lugar Santíssimo. Deus, porém, desagradou-se da adoração feita no templo dejerusalém. Da mesma maneira, a adoração feita em templos e em catedrais hoje também não o impressionam.

Hoje, o lugar santíssimo é o corpo de cada cristão. A adoração pode ocorrer em qualquer lugar; estamos sempre na presença de Deus, e ele está sempre aberto para nossa adoração. Adorar não é apenas ouvir um sennão, ouvir um coral ou cantar hinos. E ainda não é necessariamente oração, pois muitas vezes esta procede de um coração duro e insubmisso. Adoração não é uma atividade exterior impulsionada pelo ambiente adequado. Adorar em espírito é aproximar-se de Deus de todo o coração. Devemos chegar diante dele completos, sem esconder nada nem negligenciar sua vontade.

Agostinho dizia sobre os que haviam tentado encontrar a Deus sem sucesso: “Provavelmente estavam inflados pelo orgulho do conhecimento e assim se desviaram, buscando a Deus estufando o peito, em vez de bater nele”.

Na adoração, nossa fome de Deus é satisfeita e aumentada. Na sua presença, desejamos “toda a plenitude de Deus” e queremos nos livrar do pecado, queremos que a igreja seja purificada e ansiamos pelo retomo de Cristo. Sentimos até saudades do céu.

[\02

Conduzindo as pessoas à adoração

De que modo os pastores podem ajudar os membros na adoração? Primeiro, devem enfatizar que a adoração exige preparação. As pessoas não podem adorar na igreja se não tiveram um encontro com Deus antes de chegar lá. Para muitos cristãos, os sessenta minutos antes do início dos cultos dominicais são os mais difíceis da semana. Comer, vestir-se e correr pela casa para terminar as tarefas de última hora, saindo depois apressados e mal-humorados para a igreja, não é exatamente um preparo de coração. O que fazemos *antes* do culto determinará o que acontecerá *durante* o culto.

A forma da adoração não é tão importante quanto a condição espiritual do coração. John MacArthur Jr. escreveu na obra *The ultimate priority [A suprema prioridade]:* "E inaceitável que nossa adoração coletiva não seja a expressão da nossa vida de adoração. Se você acha que pode viver de qualquer maneira, depois ir à igreja no domingo e adorar junto com os santos, está errado".[2] Davi disse: "... dá-me um coração inteiramente fiel,

para que eu tema o teu nome" (SI 86.11). Nossas congregações também devem chegar diante de Deus com uma só mente, em total unidade. Não devemos imaginar que a adoração aconteça automaticamente, só por estarmos todos no mesmo lugar. Segundo, devemos adorar em verdade. Adoração não é um simples exercício emocional, mas uma resposta do coração edificado na verdade acerca de Deus. "O Senhor está perto de todos os que o invocam, de todos os que o invocam com sinceridade" (SI 145.18). Aquele que adora sem base na Palavra de Deus está apenas tendo um encontro emocional consigo mesmo.

Você lembra o que aconteceu quando Neemias pediu aEsdras que lesse os rolos das Escrituras? "Esdras louvou o Senhor, o grande Deus, e todo o povo ergueu as mãos e respondeu: 'Amém!

Amém!' Então eles adoraram o SENHOR, prostrados, rosto em terra" (Ne 8.6). A verdade de Deus, penetrando nas mentes, levou o povo a se prostrar em adoração.

Em seu livro *Between two worlds [Entre dois mundos],* John Stott diz: "A Palavra e a adoração pertencem uma à outra de forma indissolúvel. Toda adoração é uma resposta inteligente e amorosa à revelação de Deus, porque é a adoração do seu nome. Portanto, a adoração aceitável é impossível sem pregação. Pois a pregação ê fazer o nome do Senhor conhecido, e a adoração é louvar o nome do Senhor, que se fez conhecido".[3]

Não pode haver adoração sem obediência à verdade. Por isso adorar em geral implica sacrifício. Não é só uma questão de louvar a Deus, mas louvá-lo por meio da nossa resposta imediata às suas demandas. Quando Abraão foi instruído a sacrificar Isaque, disse a seus servos: "Fiquem aqui com o jumento enquanto eu e o rapaz vamos até lá. Depois de adorarmos, voltaremos" (Gn 22.5). Abraão sabia que ia matar seu filho; mesmo

assim, chamou a isso adoração. Adorar é desejar a Deus mais que a vida de um filho. Não podemos adorar na igreja a menos que durante a semana tenhamos feito certas escolhas muito difíceis a favor de Deus. Falar de adoração sem considerar a entrega é o mesmo que esperar que um avião voe com apenas uma asa.

As pessoas dos dias de Isaías não foram condenadas por cantarem as canções erradas.

Deus não enviou juízo porque oravam de forma não ortodoxa. A nação até fazia sacrifícios. Entretanto, havia falta de entrega de coração. Cristo, citando Isaías, disse:

Hipócritas! Bem profetizou Isaías acerca de vocês, dizendo: Este povo me honra com os lábios,

[2]Idem, p. 104.

[!]Grand Rapids, Eerdmans, 1982, p. 82-83. mas o seu coração está longe de mim.

Em vão me adoram; seus ensinamentos não passam de regras ensinadas por homens.

(Mt 15.7-9)

Conversas não levam a nada. O que realmente conta é a obediência à verdade. Por isso a adoração é sempre custosa. Significa chegarmos diante de Deus com um cheque em branco nas mãos.

Finalmente, Cristo disse que adoração é uma questão de prioridade. “São estes os adoradores que o Pai procura” (Jo 4.23). A primeira vista, tal afirmação parece descabida. Não têm todas as pessoas — principalmente os cristãos — o desejo de adorar a Deus? Não seria natural que nós, as criaturas, desejássemos nos encontrar com o Criador? Mesmo assim, é o Deus altíssimo quem vai à nossa procura. Creio que relativamente poucas pessoas correspondem.

Como podemos levar nosso povo a aceitar a oferta de Deus? Em primeiro lugar, nós mesmos temos de ser adoradores. Se não dedicamos tempo para adorar a Deus de forma significativa, não podemos esperar que nossa congregação o faça. Ann Ordund escreveu: “Uma congregação não se quebranta quando o pastor manda que ela se quebrante. Quebranta-se quando ele se quebranta”.

Em segundo lugar, temos de nos concentrar em compartilhar com o povo as maravilhas acerca de quem Deus é. Devemos tomar as providências para que saibam que a vida cristã é mais que buscar libertação do pecado.

Os cristãos precisam almejar aproximar-se mais de Deus. Se estivermos saciando a sede em fontes proibidas, não teremos razão de esperar que Deus nos dessedente. Se não formos alimentados pelo pão do céu, teremos de nos saciar com as migalhas do mundo. Depois que estivermos viciados no alimento do mundo, nosso apetite por Deus desaparecerá.

Como tudo isso se aplica ao culto do próximo domingo? Os pastores não são artistas que se apresentam num palco a uma multidão estática que apenas assiste. Ao contrário, toda a congregação deve participar enquanto Deus, nossa platéia, observa quão bem nos apresentamos. Ele está observando para encontrar aqueles cujo coração é perfeito para com ele.

Vamos começar perguntando: Como podemos elevar a congregação à presença de Deus e mantê-la nesse estado, chorando, louvando e se alegrando? Será que frisamos que eles estão num palco diante de Deus? Será que os levamos a uma espontaneidade em que o Senhor tenha liberdade de fazer algo que não conste no programa?

Deus deu a uma mulher imoral o privilégio de adorar. Inde-pendentemente de seu passado de fracassos, a adoração era uma possibilidade empolgante. Agora, ele estende o mesmo convite a nós. “Aguardo resposta, por favor.”

flpelos públicos

I *Será que estamos sendo mal-interpretados ?*

“Quem desejar aceitar a Cristo como Salvador, por favor, saia de seu lugar e venha aqui à frente.”

Muitos cristãos estão ouvindo convites desse tipo desde a I infância. Os tímidos chegam à conclusão de que simplesmente não poderão ser salvos.

I Em algumas igrejas, a abolição do apelo seria considerada o primeiro passo para o liberalismo. Mesmo os que crêem que “ir à frente” não tem base bíblica, ainda praticam regularmente o apelo e jamais sonhariam em mudar.

Na mente de muitos, ver pessoas indo à frente prova que o pastor é evangelista e que Deus está operando. Independente-mente do que ocorra na sala de aconselhamento, o fato de ter I havido um sinal exterior dá à congregação o sentimento de que a igreja está caminhando.

No último verão, eu estava sentado num banco de praça e ouvi um jovem pregador insistindo para que as pessoas fossem à frente receber a Cristo. Novamente, percebi a necessidade urgente que temos de reavaliar nosso método de fazer apelo. Não importa quanto estejamos acostumados com ele, precisamos submeter nossa prática a um vigoroso exame bíblico.

Charles Finney foi um dos primeiros evangelistas a fazer apelo durante os cultos.

Defendia a prática dizendo que tinha o mesmo propósito do batismo nos dias dos apóstolos. Entretanto, ele estava “colocando a carroça na frente dos burros”; o batismo é um sinal de que o indivíduo se converteu e não um

pré-requisito para a conversão. Desde os tempos de Finney, os apelos públicos têm gerado más interpretações como essa.

Em algumas igrejas, ir à frente e “receber a Cristo” estão de tal forma relacionados, que as pessoas são levadas a crer que uma ação não pode ocorrer sem a outra. Ir à frente é “ir ajesus”.

O que acontece quando vinculamos esses dois atos distintos? Basicamente, perpetuamos a crença de que caminhar diante de uma multidão tem um mérito especial no processo de conversão. Os que têm medo de ir à frente na verdade podem pensar que não serão salvos.

Quando eu tinha dez anos de idade, tinha muita vergonha de ficar em pé diante das pessoas. Por isso, sofria muito durante aqueles apelos em que repetíamos meia dúzia de vezes o estribi-lho de um hino. Eu ficava pensando: “Se eu tivesse de ir à frente de todas essas pessoas, preferiría ir para o inferno”.

Mais recentemente, participei de uma reunião em que o evangelista disse: “Venha, corra para Cristo!”. Um casal se levantou e correu até a frente; o pregador disse: “Vejam este

casal! Outros dentre vocês devem se levantar e também *correr* para Cristo!”. Lamentei pelas pessoas com problemas físicos que não seriam capazes nem de “andar para Cristo”, muito menos correr! Sim, há pessoas que pensam que só podem ser salvas se forem à frente numa reunião, registrando sua “decisão” por Cristo.

Talvez por essa razão uma das maiores denominações dos Estados Unidos revelou que num ano específico registrou 294. 784 “decisões por Cristo”. Contudo, dentre essas pessoas, apenas 14 337 realmente entraram em comunhão com a igreja. Mesmo assim, o processo de registrar esses números extraordinários continua, sem que ninguém se pergunte o que houve de errado.

D. L. Moody, bendito seja, recusava-se a contar o número de decisões porque sabia que muitas daquelas pessoas não se convertiam genuinamente.

Nossos números e os números de Deus não são exatamente iguais. Talvez não cheguem nem perto.

Conceitos errôneos sobre o apelo

Embora os evangelistas admitam em particular que uma pessoa pode ser salva sem ir à frente num culto, muitos deles não desejam que tal notícia se espalhe. As palavras “levante-se do seu lugar e venha receber a Cristo” são calculadas com cuidado para que as pessoas reajam fisicamente à pregação.

Certo evangelista dificulta ainda mais a questão dizendo que prefere tomar difícil as pessoas corresponderem a Cristo. Refere-se à nossa geração como uma geração de “crença fácil”; deseja dificultar a fé. Para ele, o ponto de partida é ter de caminhar até a frente diante de uma multidão. Entendendo o convite de Cristo para o discipulado como um convite para a salvação, insiste em que a pessoa faça um gesto público para ser salva.

Outro pregador diz que deseja dar às pessoas a oportunidade de se “mostrar” ajesus: “As pessoas estão se mostrando para tudo hoje em dia; por que não se levantar e se mostrar paraje-sus?”. Ele acreditava estar tornando mais difícil a decisão de se tomar cristão, mas na verdade estava tornando tudo mais fácil. Não há nada de repulsivo no fato de a pessoa se levantar por uma causa digna. Não é de estranhar que, quando certo conselheiro perguntou a um jovem por que havia ido à frente, este respondesse sem hesitar: “Porque o mundo está numa tremenda confusão, e quero ajudar a consertá-lo”.

Sim, é difícil tomar-se cristão. A dificuldade, contudo, está em reconhecermos nosso pecado e incapacidade de nos salvar — exatamente o que os corações orgulhosos não estão dispostos a fazer. É difícil admitir que temos de nos submeter à misericórdia de Deus emjesus Cristo. A dificuldade está na cegueira do coração humano e na falta de disposição de enxergar nossa condição diante de Deus.

Muitas pessoas que oram esperando receber a salvação não são transformadas simplesmente porque não entenderam a seriedade da sua condição e a razão pela qual sua confiança deveria ser transferida

exclusivamente a Cristo. Consideram “receber a Jesus” outra boa ação, como ir à igreja ou orar o pai-nosso. Contentam-se em recitar uma oração, embora não estejam dispostas a reconhecer sua situação precária na santa presença de Deus.

Dar a impressão de que ir à frente é a parte mais necessária e mais difícil da salvação

contribui para a confusão das pessoas a respeito do evangelho. Mistura fé e obras e dá a entender que a disposição de ir à frente de alguma forma relaciona-se à disposição de “receber a Cristo”, expressão de significado distinto para diferentes pessoas.

Encolhi-me quando ouvi o freqüentador de uma igreja que faz esses apelos dizer: “Quero ser salvo, mas tenho de esperar até o próximo domingo”. Esse conceito errado e tão popular sobre o apelo não somente acrescenta ao evangelho a exigência de obras, mas também faz a segurança repousar em fundamento errado. Muitas pessoas hoje em dia acreditam ser salvas porque foram à frente “receber a Cristo”.

De alguma forma, o homem natural acha que, se não participou do ato da salvação, pelo menos indo à frente contribuiu um pouquinho. Por causa de sua cegueira, acha que deve fazer o melhor que puder para restaurar seu relacionamento com Deus. Depois se orgulha de ter tido a coragem de agir.

Já muitas vezes ouvi cristãos afirmar: “Não foi maravilhoso três pessoas terem se convertido esta noite?”. Três pessoas foram à frente na hora do apelo, e eles supõem que tenha ocorrido regeneração. Entretanto, alguém pode ir à frente, fazer a oração apropriada e permanecer sem salvação.

Mesmo assim, esse tipo de apelo às vezes é defendido por ter um efeito psicológico: as pessoas devem dar algum tipo de resposta para “confirmar” sua decisão, o que soa razoável, mas pode semear confusão. Quem não foi à frente pode pensar que não foi salvo, e quem foi pode pensar que está salvo por causa da atitude corajosa de caminhar diante de centenas de pessoas.

O dr. Lewis Sperry Chafer, fundador do Seminário Teológico de Dallas, com freqüência fazia apelos públicos nos primeiros anos de seu ministério.

Por fim, porém, concluiu que tal prática ofuscava o conteúdo do evangelho. Ele disse: “Os estudiosos da evangelização já observaram que, sempre que houve um destaque sobre a necessidade de um ato público como parte da conversão, houve também um aumento correspondente no número dos que desonram a Deus, os chamados “desviados”; e isso não é de estranhar”.[1]

A razão é evidente. Pessoas não convertidas acham que foram salvas simplesmente por terem ido à frente. Sentem-se melhor depois de agir assim.

No Novo Testamento, alguns creram em Cristo enquanto ele ensinava. Não devemos pensar que o Espírito Santo só convença quando há atendimento a um apelo público. Fiquei feliz ao descobrir que podia ser salvo em minha casa de campo, ajoelhado na sala. Seja nossa tarefa suprema levar as pessoas a crer em nosso Cristo poderoso e onipresente.

Reconheço, no entanto, que muitas pessoas receberam a Cristo como Salvador quando atenderam a um apelo num culto. Alguns até dizem que a decisão de caminhar até a frente foi um teste da sinceridade de submeter-se à convicção do Espírito. Entretanto, jamais devemos dar a impressão de que o novo nascimento e o ato de ir à frente estejam vinculados e sejam inseparáveis.

True evangelism, Grand Rapids, Zondervan, 1919, p. 15.

Abordagem equilibrada

A parte de Deus na salvação é convencer o pecador, atraí-lo para si e conceder-lhe o dom do arrependimento. Tudo o que o homem pode fazer é corresponder ao que Deus está fazendo e entregar-se à misericórdia divina para ser salvo. Associar esse passo intimamente ao ato de ir à frente num culto é diluir a pureza do evangelho e concentrar-se em questões erradas.

Para Deus, o importante não é o homem estar ou não disposto a se levantar diante de outras pessoas. O importante é estar disposto a reconhecer seu pecado e receber a misericórdia que Deus lhe oferece por meio da cruz.

Como Chafer disse: “O único passo necessário — a aceitação de Cristo como Salvador — só pode ser dado no segredo do próprio coração, mediante escolha pessoal e por um ato da vontade. E algo que só diz respeito a Cristo, e, como o tempo da decisão é o momento mais crucial da vida humana, a razão exige que esteja livre de qualquer desvio e confusão”.[1]

Fazer apelo público aos não-convertidos também leva à vergonha de ver um grande número de pessoas indo à frente e depois não conseguindo dar frutos espirituais na vida. Poderiamos ser poupados disso, que depõe contra o poder do evangelho, se esperássemos a presença do fruto do arrependimento, em vez de contarmos os convertidos com base em sinais externos de atender a um apelo.

Certamente a necessidade de fazer o apelo é premente; contudo, sempre deve ser um apelo para que se vá a Cristo, não ao evangelista ou à frente da multidão. Sempre que possível — publicamente ou em particular — devemos levar homens e mulheres ao arrependimento e à fé. Não devemos permitir a idéia de que podem acrescentar algo à obra que Cristo já realizou.

Depois de tudo o que foi dito, você pode ficar surpreso ao me ver afirmando que o apelo tem o seu lugar, mas desde que não seja associado à aceitação de Cristo como Salvador. E cabível dar aos cristãos a oportunidade de confessar a Cristo ou convidar as pessoas para receber conselho espiritual.

Paulo escreveu: “... com o coração se crê para justiça, e com a boca se confessa para salvação. Como diz a Escritura: 'Todo o que nele confia jamais será envergonhado’” (Rm 10.10,11).

Não se pode extrair dessa passagem, porém, o entendimento de que a regeneração se opera por confissão pública. Tal entendimento contradiria muitas outras passagens. O versículo 9 deve ser interpretado à luz do versículo 10. Como se adquire a justiça diante de Deus? "... com o coração se crê para justiça.”. É no coração que a vontade influenciada pelo Espírito

Santo corresponde à obra salvadora de Cristo. A confissão “para salvação” é resultado de a pessoa haver recebido o dom da justiça. Assim, o crente testifica com a boca o que Deus realizou em seu coração.

Assim, podemos convidar novos convertidos para compartilhar sua decisão com o pastor, com um conselheiro ou com toda a congregação. Para todos os efeitos, essa “confissão” pode ser um testemunho da graça salvadora de Deus. Também seria a oportunidade de

receber mais conselho. Deus certamente se agradará desse tipo de apelo.

Também podemos fazer um esforço para separar a resposta física do ato espiritual da conversão. Na Igreja Moody, convido as pessoas para vir à frente e compartilhar uma necessidade espiritual com um membro da equipe pastoral ou com um conselheiro, proporcionando oportunidade para oração, esclarecimentos e aconselhamento — seja a pessoa salva ou não.

Não devemos associar o ato de ir à frente com “receber a Cristo”, e não devemos ter medo de dizer às pessoas que podem ser salvas lá mesmo onde estão sentadas — ou onde quer que estejam durante a semana — dizendo-lhes que devem ir para casa e buscar a Deus, preferencialmente de joelhos, podendo assim chegar à segurança da fé. Não precisam esperar até o próximo domingo.

Se, depois de examinar essa questão, você ainda acredita que deve fazer apelo, insistindo com os não-salvos para irem à frente, peço que seja franco, claro e simples. Você e eu já ouvimos evangelistas dizer: “Levante a mão”, e o pecador pensa que esse gesto resolve a questão. Depois, porém, de súbito se pede que ele vá à frente, o que jamais tencionou fazer. Nos casos extremos, já vi até o pregador apontar para os que levantaram a mão. Um pregador disse: “Aquele homem de camisa azul...”. Esse tipo de subterfúgio certamente não combina com o evangelho. Não devemos nos surpreender que pessoas que passaram por esse tipo de constrangimento tenham saído da igreja e nunca mais voltaram.

Sim, exortemos as pessoas a ir a Cristo — não ao pregador, à frente da igreja ou mesmo a um conselheiro —, mas ao Cristo invisível. Somente um convite claro combina com a mensagem clara do evangelho.

15

1

Id., p. 14-5.

Ojuízo de Deue

Como identificã-lo hoje?

Num encontro recente de líderes cristãos, um crítico do cenário político americano observou: “Perdemos a batalha contra o aborto em Washington. Já não há como retroceder [...]; estamos nos aproximando do julgamento de Deus”.

Não sou qualificado para dizer que a batalha contra o aborto esteja encerrada politicamente, nem posso limitar o tempo do julgamento de Deus. Mas não podemos ficar imunes às conseqüên-cias de matar a cada dia milhares de bebês ainda por nascer.

Naturalmente que somos afligidos por muitos outros males, como crimes de violência, divórcio, suicídio de adolescentes e um aumento impetuoso de nascimentos ilegítimos. Como WilliamJ. Bennet ressaltou, não importa quanto o governo gaste com as patologias, a situação só está piorando. “Atualmente estamos diante de sérios problemas sociais e comportamentais (particularmente entre os jovens)”, afirma ele, “e muitos desses problemas são claramente resistentes à cura do governo”.

E normal que se culpe a Suprema Corte, os humanistas e as feministas radicais. E certo que contribuíram para a liberação do Ocidente. Mas, se Deus os está usando para exercer o seu juízo sobre nós, não seria mais conveniente deixar a responsabilidade nas mãos dos que conhecem o Deus vivo, mas têm deixado de influenciar a sociedade?

Se fôssemos em número menor, poderiamos mais facilmente evitar a censura. Mas há milhares de pastores que conduzem milhões de cristãos. Ainda assim, estamos perdendo uma batalha após a outra. Talvez a igreja não sofra com os pecados do mundo tanto quanto o mundo sofre com os pecados da igreja.

Por nos silenciarmos covardemente em meio ao aborto, à pornografia, à corrosão de nossas liberdades religiosas e por aceitarmos as concessões dentro da igreja, o sal tornou-se insípido e a luz está quase apagando. No desespero, buscamos soluções para conter a maré. Desejamos que surja alguém que lute nossas batalhas por nós.

Talvez a resposta que buscamos esteja ao alcance de nossas mãos, mas estamos confusos em relação à nossa ordem do dia. Estamos falhando como igreja numa época em que nosso país precisa ver exemplos justos de liderança e esperança. Na realidade, estamos sob o juízo de Deus como nação, mas talvez ignoremos o fato. O problema carece de cuidadosa reflexão.

Onde falhamos?

Em primeiro lugar, temos negligenciado aqueles que não conhecem a Deus. Dedicamos a vida a uma subcultura evangélica conhecida de muitos unicamente pelas caricaturas da mídia. Infelizmente, a mensagem que tanto prezamos se perde simplesmente por não estarmos dispostos a falar do evangelho apoiados por um estilo de vida com credibilidade.

Se cada família cristã realmente testemunhasse e discipulasse os que aceitam a Jesus (esperamos muito mais de nossos missionários), o impacto que exerceriamos entre os não-

cristãos seria fenomenal. Entretanto, sabemos que *95%* de todos os cristãos nunca deram um testemuho claro a seus vizinhos inconversos. Ainda que tenhamos muito a dizer sobre o poder do evangelho, aparentemente temos receio de compartilhá-lo. No fundo relutamos em acreditar que o evangelho seja de fato “o poder de Deus para a salvação” (Rm 1.16).

Em segundo lugar, ao considerarmos os problemas sociais, temos nos escondido naquilo que Francis Schaeffer chama “falso pieüsmo”. Temos nos esquivado de qualquer coisa que necessite de um envolvimento sacrificial. Temos deixado de fazer “o bem a todos, especialmente aos da família da fé” (G1 6.10). Desde que vivamos bem, saibamos escolher os amigos e nos asseguremos de uma boa aposentadoria, nãos

nos preocupamos muito com as manchetes dos jornais. O que nos importa é a nossa paz e a não desintegração de nossas riquezas.

É claro que podemos uma vez ou outra pregar uma mensagem sobre o aborto, mas será que estamos dispostos a ajudar adolescentes grávidas? Podemos condenar a injustiça, mas estamos dispostos a usar nossos próprios recursos financeiros e influências para ajudar os que têm sido tratados injustamente? Falar é fácil. É fácil dizer as palavras mágicas e esperar que outra pessoa trave nossas batalhas.

Temos aceitado também os valores impostos pelo mundo no que diz respeito a entretenimento, lazer e sucesso. Perdemos a capacidade de avaliar a sociedade criticamente. Uma vez que a igreja em geral não se distingue do mundo, os inconversos não têm modelo de justiça.

Cada casal de evangélicos que se divorcia causa mais questionamentos sobre o poder de Deus. Quando a igreja se divide por questões triviais é como se dissesse à comunidade que Deus não pode efetuar restauração e perdão em meio a seu povo. Quando os pais deixam de conduzir a família à oração e deixam de dar instrução bíblica, dão a impressão nas entrelinhas de que o conselho de Deus é opcional! E quando nos abrimos para racionalizar sensualidade, egoísmo e cobiça, estamos na verdade admitindo que o Senhor é incapaz de nos libertar do pecado. Em decorrência disso, não temos nada para dizer a esta geração.

Em desespero, temos nos voltado para os políticos, acreditando que, se simplesmente tivermos os líderes certos, poderemos mudar nossa nação. Nós nos esquecemos de que, se há alguma boa nova, nunca virá do governo, mas sim do povo de Deus, que pode anunciarjesus a outros.

Como serã ojulgamento de Deus?

Durante o período da guerra fria, costumavamos pensar que o juízo viria na forma de uma guerra com a Rússia. Esperávamos um holocausto nuclear que nos riscaria do mapa. Achavamos que nós mesmos poderiamos ser escravizados pelo comunismo nos dias em que seus líderes ameaçavam dominar o mundo.

Hoje, alguns acreditam que o juízo virá em forma de fome, terremotos ou ciclones. Sim, esses são juízos de Deus, dados por ele, para nos fazer lembrar de que todos devemos morrer e de que terrível coisa é cair em suas mãos. Embora esses juízos recaiam sobre justos e injustos, são o retrato do futuro juízo de Deus. A terra está corrompida, e mais corrupção se seguirá.

Há ainda outra forma de juízo mais diretamente ligada aos relacionamentos de causa e efeito do pecado. Depois de Deus ter alertado os israelitas quanto a fomes, guerras e úlceras, ele vaücinou que o castigo final seria o cativeiro. “Os seus filhos e as suas filhas serão entregues a outra nação e os seus olhos se consumirão à espera deles, dia após dia, sem que você possa erguer uma só mão para trazê-los de volta.” (Dt 28.32). O juízo mais severo foi dispersar as famílias de Israel.

Embora de uma forma diferente, o mesmo está acontecendo conosco nos dias de hoje. Metade de todas as crianças nascidas este ano morarão, em algum momento, com somente um dos pais. Enquanto nossos lares se desintegram, temos como resultado depressão, ódio e abuso infantil. Tais conseqüências da desobediência se avolumam.

É também possível que o juízo de Deus inclua intensas desordens emocionais. Ele disse aos israelitas que a desobediência deles traria “alma ansiosa” (Dt 28.65). A culpa mal-resolvida vem à tona de diferentes formas: raiva, insensibilidade, depressão. Com milhões de mulheres abortando e um número igual ou maior de homens acusados de imoralidade sexual, as gerações futuras depararão com o aumento das doenças mentais. Podemos esperar nossa nação apodrecer de dentro para fora.

O que podemos fazer?

A única esperança pode ser encontrada na igreja. O corpo de Cristo ainda exerce um poder extraordinário. Se entendermos que precisamos buscar a Deus, dispostos a pagar o preço da obediência, ele começará a nos dar vitórias espirituais que possam erradicar o aborto, o infanticídio e o uso de drogas. Talvez, em sua graça, possa dignar-se enviar-nos um despertamento espiritual.

Quando Mordecai informou a Ester que ela deveria ir diante do rei interceder pelos judeus, ela hesitou, temendo por sua própria vida. Mas Mordecai respondeu: “Não pense que pelo fato de estar no palácio do rei, você será a única entre os judeus que escapará [...]. Quem sabe se não foi para um momento como este que você chegou à posição de rainha?” (Et 4.13,14).

Ester teria de estar disposta a entregar sua vida antes de experimentar a libertação. Não podería sentir-se satisfeita por sua presumível segurança. No final, não seriam os aposentos de um opulento palácio, mas somente Deus que podería salvá-la. Então arriscou a vida, dizendo: “Se eu tiver que morrer, morrerei” (v. 16). Somente a tal preço Deus concedeu a libertação. Embora Ester e os judeus fossem minoria, isso não fez muita diferença quando Deus abraçou sua causa.

Aparentemente estamos limitados na atuação política em batalhas contra o aborto, o incremento dos direitos homossexuais e a desintegração decorrente do entretenimento da TV, mas isso não deve ser razão para desânimo. O que o governo pensa pouco importa quando Deus luta a favor de seu povo.

Talvez Deus esteja tentando nos ensinar que não podemos depender de intermediários humanos para fazer nossa nação se voltar para ele. Devemos esperar nele para que nos dê a graça de clamar por nossa nação e seus líderes. Devemos nos arrepender de nosso relacionamento “proveitoso” com o mundo. Não devemos sofrer tanto por homens

maldosos que aprovam leis injustas, mas pelo povo de Deus que está espiritualmente paralisado e incapaz de testemunhar do poder de Cristo em cada segmento da vida.

Se estamos tão consternados como dizemos estar, proponho que como pastores:

- lideremos nossas congregações dando um exemplo de testemunho, envolvimento com a comunidade e ensino;

- passemos um dia por semana em oração e jejum por nós mesmos, por nossas igrejas e por nossa nação;

- estejamos ao lado de nossas famílias em seu desejo de testemunhar de Jesus na escola e no trabalho;

- nos recusemos a aceitar essa cultura de sensualidade, individualismo e cobiça;

- ensinemos nosso povo a defender sua fé em um mundo de pluralismo religioso.

Temos pouco tempo. Nossas opções judiciais e políticas estão ficando cada vez mais restritas. Estamos despencando. Agora, só Deus pode nos salvar.

Uma teologia maia amena, maie tolerante

Bíblica ou cultural?

Ouvindo alguns cristãos, somos levados a crer que o homem não existe para o beneficio de Deus, mas Deus existe para o beneficio do homem. O homem diz a Deus quando quer ser salvo, quão rico gostaria de ser e ainda escolhe sua própria versão da teologia.

O barro dá as instruções ao Oleiro.

Há algum tempo, temos observado inclinações nessa direção. Muitos cristãos têm abandonado as doutrinas da Reforma de total depravação, escravidão da vontade humana e necessidade da soberana graça por parte do homem. Um compromisso vago com Cristo substitui o arrependimento, e os sentimentos e emoções tomam o lugar da adoração.

Concordo com Joe Bayly, que escreveu: “Na nossa cultura cristã de 'Vamos dar uma mãozinha a Deus’ (aplaudam, todos), perdemos o senso de maravilha, de temor, de aproximar-nos de um Deus todo-poderoso quando oramos. Até nossa adoração é narcisista”.

Um espírito de concessões permeia os púlpitos evangélicos. Algumas vezes de forma patente, outras, de forma sutil, mas sempre perigosamente muitas das pregações hoje têm tomado a forma da cultura atual. A Bíblia é distorcida para se ajustar/à cultura em vez de mudá-la.

Uma nova teologia

Não sei quando essas tendências tiveram seu maior impulso, mas sei que Robert Schuller, em seu livro *Self-esteem — Lhe new Reformation* [Auto-estima — a nova Reforma], apresentou uma teologia evangélica sob o prisma da centralidade do homem. Era natural para Calvino e Lutero pensar teocentricamente, porque em seus dias todos participavam da igreja, mas

Schuller diz que os tempos mudaram: “Precisamos de uma teologia de salvação que comece e termine com um reconhecimento de que cada pessoa anseia pela glória”.[1]

O pecado, tradicionalmente entendido como contrário a Deus, é agora definido como contrário ao homem: “qualquer ato ou pensamento que despoje a mim ou a qualquer outra pessoa da auto-estima”.[2]

As diferenças entre a Reforma do século xvi e esta nova modalidade são bem claras. A idéia de que o conhecimento de Deus é nosso maior alvo já está ultrapassada. Agora o primeiro assunto da pauta teológica é o conhecimento de nós mesmos e de nossas necessidades de respeito próprio. Deus já não é aquele juiz contra quem se cometeu uma falta grave, mas um servo à espera de ratificar nossa dignidade. Viemos a ele por nossos *méritos e* não pelo sangue de Jesus.

De que modo então podemos anunciar esse evangelho? Schuller diz que Jesus nunca chamou quem quer que fosse de pecador. “A mensagem do evangelho não seria somente defeituosa, mas potencialmente perigosa se primeiro arrasasse com uma pessoa para

depois tentar motivá-la”,[3] diz ele. Na realidade, estamos diante de Deus para ser exaltados, não humilhados.

'Dallas, Word, 1982, p. 26-7. [2]Id., p. 14.

[3]Id., p. 127.

123j

Essa reforma, então, é basicamente um chamado para uma nova preocupação com nós mesmos, mas não com Deus. Porém, infelizmente, quando o homem é exaltado, Deus é destronado.

Não pensemos, entretanto, que o livro de Schuller é um caso isolado de humanismo cristão. O fato de alguns assim chamados evangélicos aceitarem essa nova reforma é prova suficiente de que essa teologia

centrada no homem já penetrou nos mais altos níveis. Temo que todos tenhamos sido afetados.

O extremo dessa visão teológica pode ser visto no fato de que alguns pastores têm abraçado o feminismo evangélico, que lança mão de grande erudição para descartar o ensino bíblico inequívoco a respeito da liderança do homem no lar e na igreja. Não resta dúvida que os argumentos a favor da igualdade de direitos basseia-se muito mais na mentalidade de nossos dias do que na Bíblia.

O arminianismo radical, que ressalta o livre-arbítrio e a crença antibíblica de que nem Deus conhece o futuro (portanto, nem ele mesmo sabe quem são os eleitos!), é mais do que um ajuste a essa atual teologia centrada no homem. Um pastor de uma denominação evangélica, leal ao arminianismo de seus dias, interpretou João 3.16, de púlpito, da seguinte forma: “Porque Deus tanto amou o mundo que *apostou* seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça...” (grifo do autor). Ele disse que Jesus poderia ter morrido sem salvar ninguém; Deus simplesmente se arriscou sem ter a menor idéia de que alguém crería.

É deplorável que a liderança da igreja não tenha se posicionado para impedir que ele proferisse aquela barbaridade. Gostaria de pensar que até mesmo os arminianos mais antigos concordariam em que estava pregando uma heresia. Mas há um nova onda de influências, e muitos cristãos estão se deixando levar por ela. Deus está sendo remodelado, feito à nossa própria imagem.

As conseqüências

Quais as conseqüências desse pensamento? Primeiramente, a própria teologia se toma relativa. Em maior ou menor grau, a teologia baseia-se em opiniões. Homens como Schuller sabem que as pessoas querem ouvir algo positivo, então fazem exatamente isso. Um pastor de uma das maiores e mais inovadoras igrejas americanas diz que não pode pregar sobre santidade porque ninguém se interessa pelo assunto. Para alcançar os inconversos, todas as mensagens devem se conformar a esta máxima: Ajude-os a enxergar o beneficio imediato que o evangelho pode lhes dar.

Você consegue imaginar Isaías perguntando ao povo dejudá o que gostaria de ouvir antes

de preparar seus sermões? Ou Jesus, proclamando sua mensagem para satisfazer a judeus ávidos de obter glória para si?

Não é difícil reconhecer os extremos, mas nós como pastores devemos reconhecer nossa culpa por pregar o que é popular em vez de pregar o que é verdadeiro. Às vezes, abrandamos a disciplina cristã, os padrões bíblicos de liderança eclesiástica e a denúncia bíblica contra o materialismo por temermos afundar o barco. Por que nos indispor com os que nos pagam nosso salário? O toque da trombeta é recebido com irritação pelos que se acham sossegados em Sião.

Muitos pastores que até morreriam pela doutrina da infalibilidade bíblica nunca pregam sobre a doutrina do inferno. Aliás, muitos pastores que professam fidelidade às Escrituras não acreditam mais na condenação eterna, mas adotaram a teoria da aniquilação; acreditam que os não-salvos serão lançados nas chamas e consumidos. Está claro que essa punição mais branda e mais amena não está baseada numa reavaliação cuidadosa das Escrituras, mas numa aversão natural à doutrina do inferno.

Como é fácil trocar “Assim diz o Senhor” por “Assim diz a psicologia”, ou “Assim diz o conselho da igreja”, ou ainda “Assim diz a sociedade”. Os pastores são chamados por Deus para

ízT]

se separar da sociedade, para pregar a Palavra de Deus sem considerar o que as pessoas querem ou não ouvir. A justiça, a misericórdia e o amor absolutos de Deus, junto com a expiação vicária de Cristo, nunca podem ser ajustados para se conformar à psicologia de nossos dias. Não podemos criticar o relativismo do mundo se nós mesmos temos o nosso. A boa pregação apresenta a imutável graça de Deus sem deixar de mostrar a situação deplorável do homem.

Em segundo lugar, a teologia centrada no homem leva a um arrependimento incompleto. Baseados em que nos aproximamos de Deus, em nosso valor

intrínseco como seres humanos ou no sacrifício de Cristo na cruz?

Para os humanistas cristãos, o pecado do homem é menos afrontoso a Deus que ao homem. Por sermos incondicionalmente valiosos, Deus está esperando para nos aceitar. O pressuposto é que ele nos deve algo; não nos achegamos como pecadores sem merecimento, méis como merecedores.

Como é diferente o ensinamento bíblico. Sim, temos dignidade como pessoas; mas, por sermos corruptos, Deus não nos deve nada. Se recebermos o que merecemos, estaremos para sempre no inferno. Então nos achegamos humildemente, reconhecendo que qualquer coisa que Deus nos dê é um presente — um favor imerecido. E nos achegamos pelo sangue de Jesus, não por nosso valor como pessoa.

Descobri que o arrependimento incompleto muitas vezes leva ao ressentimento contra Deus. A lógica é óbvia: Se ele existe para meu benefício, o que acontece quando meu "anseio por glória" permanece insatisfeito? Por que Deus não vem em meu auxílio e não me ajuda e tomar-me o ser humano completo que desejo ser?

O ser humano tem a má fama de fazer questão de seus "direitos". Se não nos virmos como pecadores imerecedores, ficaremos frustrados e tristes quando Deus não fizer o que

achamos que deveria ter feito. Em última análise, os que desejam por inclinar-se à soberania de Deus são os que se sentem satisfeitos.

A princípio, Jó achava que Deus lhe devia certas bênçãos. Acreditava que, se servisse a Deus fielmente, as bênçãos viríam como decorrência natural. Quando lhe sobreveio a desgraça, a esposa dele sugeriu: "Amaldiçoe a Deus, e morra!" (Jó 2.9). Ela achava que Deus lhe devia a felicidade. Se Deus não viesse em socorro deles, por que se importar com ele?

Mas no final do livrojó chegou ao completo arrependimento. Deus não lhe devia nada — nem sequer uma explicação para seu sofrimento. Quando viu a Deus, ele se odiou e disse: "... me arrependo no pó e nas cinzas".

Ninguém se arrepende a menos que veja a si próprio como imerecedor. Se sou digno das bênçãos de Deus, a graça passa a ter valor secundário. O que lhe dá o devido valor é justamente o fato de Deus nos aceitar a despeito de nossa corrupção. Só prejudicamos os membros de nossas igrejas quando os exaltamos em detrimento de Deus.

Em terceiro lugar, essa nossa teologia diluída enfraquece o impacto que exercemos na sociedade. Todos sabemos que os últimos vinte anos presenciaram o ressurgimento de uma postura cristã evangélica e fiel à Bíblia, mas não se verifica nenhuma grande influência de nossa parte na sociedade. Como já mencionei neste livro, a religião está em alta, mas a moral, em baixa.

Há pouco ouvi a notícia de que o modo de assistir à tv é praticamente o mesmo entre cristãos e não-cristãos. Novas tentativas de classificar os programas de tv e incentivar uma melhor escolha da programação não obtiveram sucesso. Em nosso anseio por que o mundo nos ouça, perdemos a motivação de nos separar dele. O testemunho que damos de Cristo é vazio.

Será que a nossa incapacidade não é causada por uma concepção exacerbada das capacidades do homem em detrimento da soberania de Deus? Uma das razões por quejonathan Edwards e George Whitefield exerceram tanta influência é o fato de terem insistido em dizer que o coração do homem encontra-se em estado de total corrupção sem a intervenção da graça de Deus.

Í27j

Esse tipo de pregação mostrava às pessoas a necessidade da alma delas. Os pecadores clamavam a Deus por misericórdia para que não fossem consumidos por sua ira. A conversão não era uma decisão que se tomava brincando, mas as pessoas buscavam a Deus “para consolidar o chamado e a eleição” delas (2Pe 1.10).

Alguém disse certa vez que as marcas de uma igreja forte são olhos marejados, joelhos dobrados e coração quebrantado. Nunca teremos poder se não deixarmos Deus ser Deus e não defendermos zelosamente sua honra.

Nossa responsabilidade

Como podemos impedir essa corrente em direção a uma teologia centrada *no* homem? Um passo muito sensato seria abandonar a nova reforma e voltar-nos para a anterior. Não nos

furtemos de pregar as doutrinas pouco apreciadas de Paulo: depravação total do homem e morte espiritual do descrente. Claro que devemos pregar com amor, sem julgamento motivado por um senso de justiça própria. Mas a verdade é a verdade, e meias-verdades são sempre tão prejudiciais quanto o erro.

Não entenda, por favor, que devamos denunciar o pecado com indignação, como se estivéssemos num pedestal de justiça própria. Muitíssimos pastores dão vazão à hostilidade que sentem arrasando com o pecado como se eles próprios não experimentassem a perversão da espécie humana. Devemos proferir mensagens bíblicas, mas em espírito de arrependimento e humildade.

Não devemos ter vergonha de declarar, como faziam Lutero e Calvino, que o arrependimento é dom de Deus, concedido àqueles que se lançam em direção à sua misericórdia. O grande chamado do homem é para ser um adorador de Deus. Na verdade, a criação existe para deleite de Deus. Essa visão tradicional permite que tenhamos uma compreensão adequada de quem

somos. Longe de nos privar de nossa dignidade, essa exaltação a Deus ajuda a nos vermos como ele nos vê.

O rei Nabucodonosor via-se de forma muito semelhante à recomendação dos humanistas cristãos de nossos dias: tinha autoconfiança, estima e, aparentemente, uma personalidade integrada. Era adepto do pensamento positivo, e seus grandes planos se concretizavam. “Acaso não é esta a grande Babilônia que eu construí como capital do meu reino, com o meu enorme poder e para a glória da minha majestade?” (Dn 4.30). A fome que tinha de glória era satisfeita.

A resposta de Deus foi acometê-lo com a loucura. Nabucodonosor viveu com os animais do campo e comeu pasto como o gado. O cabelo dele cresceu como as penas das águias, e as unhas, como as garras dos pássaros. Essa experiência o libertou de uma visão distorcida que tinha de si mesmo. Quando se viu como realmente era diante de Deus, recuperou o juízo e o trono.

Então louvou e enalteceu a Deus:

O seu domínio é um domínio etemo; o seu reino dura de geração em geração.

Todos os povos da terra são como nada diante dele.

Ele age como lhe agrada

com os exércitos dos céus e com os habitantes da terra.

Ninguém é capaz de resistir à sua mão ou dizer-lhe: “O que fizeste?” (Dn 4.34,35).

Dali por diante, Deus o abençoou, porque ele entendeu que era barro, e Deus, o oleiro. Nabucodonosor aprendeu que Deus tinha primazia na teologia. Quando deslizamos para uma preocupação narcisista com nós mesmos sem nos ocuparmos com Deus em primeiro lugar, está na hora de reafirmarmos a verdade aprendida por esse rei babilônico.

Prioridades

Como organizá-las?

Nenhum pastor deseja galgar a escada do sucesso e no final descobrir que ela estava apoiada na parede errada!

Todos desejamos terminar com a satisfação de saber que fizemos não somente coisas boas, mas as melhores. Ao servir a Cristo, Marta fez coisas

benéâcas, mas Jesus mostrou-lhe que ela negligenciara uma coisa *necessária.* A despeito da boa intenção, ela teve problemas de prioridade.

Sucesso é uma série de escolhas corretas. A cada dia chegamos a uma encruzilhada da vida. Quando dizemos “sim” a uma atividade, devemos dizer “não” a outra. Uma noite com a família significa desapontar o enfermo que espera uma visita pastoral. Dizer “sim” para um almoço de comunhão significa dizer “não” para um tempo de estudo.

Ted Engstrom diz que “liderança eficaz é a disposição de se sacrificar a favor de objetivos predeterminados”. Temos de saber o que queremos alcançar e depois nos dedicar a isso com determinação. Como D. L. Moody dizia, “desempenhar uma tarefa como profissional e não quarenta como amador”.

Quais devem ser nossas prioridades? Como devemos usar nosso tempo, se há uma lista infindável de coisas boas à nossa

escolha? A idéia de que teremos de prestar contas a Cristo “pelas coisas feitas no corpo, boas ou ruins” deve dar sobriedade e ajudar a definir as prioridades.

Cada pastor deve determinar suas tarefas específicas. Não existe uma resposta simples à pergunta: “Quanto tempo devemos gastar por semana aconselhando ou fazendo visitas?”. Tal questão será determinada por nossos dons, pelo tamanho da igreja e pelas expectativas da congregação.

Entretanto, existem princípios que devem nos guiar, independentemente da nossa lista de tarefas específicas. As prioridades abaixo ajudam a escolher dentre as muitas opções que se acham diante de todo pastor no ministério.

Orar é mais importante que pregar

Quando digo “orar é mais importante que pregar”, não quero dizer que devemos dedicar mais tempo orando que estudando — embora possa haver

épocas em que isso tenha a sua utilidade. Quero dizer que devemos separar nosso tempo de oração com mais firmeza do que o tempo de estudo. Quando formos obrigados a escolher entre ambos, a oração deve vir primeiro.

Foi assim na vida de Cristo, que gastou grande parte do seu ministério em oração. Um dia, seus milagres maravilharam tanto a multidão, que todo o povo da cidade se reuniu à sua porta. Era o sonho de qualquer pastor; pessoas por toda parte. Na manhã seguinte, Jesus levantou cedo e foi para um lugar solitário orar. Pedro e outros discípulos o interromperam, dizendo: "Todos estão te procurando!" (Mc 1.37).

O que nós faríamos? Teríamos voltado à cidade para atender às expectativas da multidão. Jesus, porém, disse aos discípulos: "Vamos para outro lugar, para os povoados vizinhos, para que também lá eu pregue. Foi para isso que eu vim" (v. 38).

Jesus tinha outras prioridades e por isso decepcionou a multidão. Não deixou que as pessoas determinassem sua agenda. A oração nas primeiras horas da manhã era mais importante do que o ministério.

Jesus ensinou que os homens devem orar sempre, sem desanimar, implicando que uma ou outra coisa acaba acontecendo. Embora o homem de Deus possa ser naturalmente talentoso, deve se desenvolver por meio da batalha da oração. E. M. Bounds tinha razão quando disse: "A oração que toma o céu de assalto e move a mão de Deus pela súplica incansável transforma o púlpito num trono e suas proclamações num decreto do destino".

Apesar de todo pregador precisar gastar um bom tempo preparando a mente para a pregação, os grandes homens do passado muitas vezes gastavam a mesma quantidade de tempo em oração, preparando a alma. A oração, como dizem, não é a preparação para o trabalho — *ela é o trabalho.*

Se sua vida de oração for medíocre e inconstante, sua primeira obrigação é separar tempo para esse exercício. Não precisa ser necessariamente pela manhã, embora eu tenha aprendido que, se não gasto tempo com Deus antes das 9 horas, talvez não ore pelo resto do dia. Comece com quinze minutos

ou meia hora. Entretanto, seja o que for, tome esse tempo tão prioritário que somente uma emergência seja capaz de fazer com que você perca esse encontro diário com Deus.

Pregar é mais importante que administrar

Muitos pastores gastam tempo demasiado gerenciando a igreja, sobrando pouco tempo para estudo e reflexão. A tentação é gastarmos a maior parte do nosso tempo nas nossas “zonas de conforto”. O que tem prazer no estudo com freqüência desconsidera a administração; o que gosta de administração negligencia o estudo. Feliz é a igreja cujo pastor tem os dois dons.

As reuniões das comissões são necessárias. Ainda mais importante é a visão e a habilidade de fazer a congregação caminhar para os alvos estabelecidos. Nos momentos cmciais de decisão, porém, é o ministério da Palavra que causa o maior impacto. Geralmente uma igreja pode sobreviver com uma administração fraca, desde que tenha uma pregação eficaz. Entretanto, não há nada mais patético que as pessoas irem à igreja e voltarem para casa sem o alimento espiritual.

Uma forma de conseguir tempo extra, mesmo num dia repleto de compromissos, é a arte da delegação. Pergunte a si mesmo se há coisas que está fazendo que poderíam ser feitas por outra pessoa; seja generoso na distribuição de todas as responsabilidades que possam

ser delegadas a outrem. Fazendo isso, você economizará muitas horas por semana. Será que esquecemos que nenhum cristão tem todos os dons e que Deus tem espaço para a ação de outras pessoas no corpo? Ou será que estamos tão ansiosos por manter o controle, que não deixamos nada escapar das nossas mãos? Talvez esse desejo por controle deva ser confessado aos pés da cruz.

O pastor sábio se concentrará em seus pontos fortes e delegará responsabilidades a outros. Pessoalmente, prefiro dizer “não” aos convites para participar de conselhos, juntas e reuniões em que minha presença não seja essencial. Desde que meus dons primordiais são pregar e escrever, quero empregá-los da melhor forma possível.

Vamos nos unir nesta resolução: *tomemos a pregação nossa tarefa principal.*

A família é mais importante que a congregação

A importância da família tem sido realçada com tanta freqüên-cia, que quase nem precisaria ser mencionada. Muitos ministros, porém, ainda não captaram a mensagem. Como pastores, recebemos uma confirmação da congregação; muitas pessoas tomam conhecimento do nosso sucesso ou fracasso. Conseqüen-temente, sentimo-nos vulneráveis à pressão da opinião pública. Isso explica a forte tentação de pôr as expectativas da congregação antes das necessidades da esposa e dos filhos.

Muitas vezes o pastor sente como se tivesse muitos patrões. A tentativa de mantê-los todos satisfeitos leva-o a desconsiderar os sentimentos daqueles a quem mais ama — aqueles a quem, pelo menos por um tempo, deixará de lado.

Para reforçar nossa convicção de que a família é mais importante que a congregação, cada pastor terá de tomar algumas decisões difíceis a favor dela. Devemos levar esposa e filhos para tomar sorvete em vez de participar de comissões — pelo menos de vez em quando! Gaste uma noite por semana num projeto com a família, em vez de participar de todas as reuniões dos departamentos da igreja.

Quando olho para trás, para meus anos de ministério, gostaria de ter sido mais descontraído, mais espontâneo com minha esposa e filhos. Procurei recusar muitos convites para pregar em outros locais, em beneficio da família e da igreja.

Entretanto, muitas vezes são aquelas pequenas decisões diárias que realmente mostram se valorizamos a família acima daqueles que pagam nosso salário.

Comece hoje mesmo a fazer algumas escolhas radicais a favor da família. Não sejamos seduzidos pela crença tão difundida de que “tempo de

qualidade” é mais importante que quantidade. E claro que deve haver um equilíbrio, mas geralmente a família fica com um tempo cada vez menor.

Fidelidade é mais importante que competição

E fácil desanimar no ministério quando nos comparamos com os outros. Os membros da nossa congregação nos comparam com os pregadores de tv ou com os líderes das superigrejas que já estão construindo o terceiro andar do templo.

São muitas as histórias de ministérios bem-sucedidos. Se nos concentrarmos nelas, logo ficaremos insatisfeitos com nosso quinhão na vinha do Senhor. Sabemos que superamos o espírito de comparação quando conseguimos nos alegrar com o sucesso dos mais talentosos que nós. Quando estivermos contentes com nossa pequena parte na obra total de Deus na terra, teremos um senso de satisfação e de realização.

Conta a lenda que certa vez Cristo ordenou que cada discípulo apanhasse uma pedra e a carregasse. Depois de alguns dias, transformou as pedras em pão. Os que tinham apanhado pedras grandes ficaram felizes. Quando Cristo ordenou pela segunda vez que apanhassem pedras, todos apanharam pedras enormes. Depois de muitos dias, Cristo apenas mandou que atirassem as pedras num rio. Os discípulos ficaram confusos, diante da falta de sentido em tudo aquilo. Cristo, porém, lhes disse: “Para quem vocês carregaram as pedras?”.

Se carregarmos as pedras para o Senhor, o que ele faz com elas não fará diferença para nós. A questão não é se nossa pedra se transformará em pão, mas sim se o propósito do Mestre será realizado. A fidelidade, e não o sucesso como geralmente é definido, é o que o Senhor busca em nós.

Amor é mais importante que habilidade

Obviamente não podemos atuar com eficácia sem os dons que nos qualificam para as exigências do ministério. Devemos conhecer a Palavra e ser capazes de transmiti-la.

Temos também de ter habilidades para liderar e trabalhar com as pessoas.

Mesmo assim, surpreendentemente Paulo colocou esses dons essenciais abaixo da qualidade do amor. Extrema eloqüência, dom de profecia, fé que move montanhas e mesmo dar todos os bens aos pobres — todas essas coisas, sem amor, são inúteis (ICo 13.1-3).

Certamente o amor em si não nos qualifica para o pastorado. Apesar disso, Paulo nos manda concentrar-nos primeiro no amor. Quando tivermos de fazer uma escolha, devemos optar pela capacidade de amar, e não de ministrar.

Nem mesmo o melhor estudo bíblico pode transformar vidas se não for filtrado por uma personalidade cheia de amor. Quando pregamos com severidade contra o pecado, raramente motivamos a congregação à piedade. Mas, quando pregamos com quebrantamento e amor, o Espírito Santo derrete os corações mais duros. Sempre devemos repetir: *sem amor, nada somos.*

Para muitos pastores, metade do tempo de ministério já ficou pra trás. Esse tempo jamais voltará. Se nossas prioridades estão maldirecionadas, agora é tempo de colocar a casa em ordem. Antes que percebamos, nosso tempo de ministério estará chegando ao fim.

Olhe para seus compromissos da semana e pergunte o que deveria ser mudado se fosse viver 100% de acordo com as prioridades de Deus. Quando perguntaram a um famoso escultor como ele fazia para esculpir um elefante, ele respondeu: “Pego um bloco de mármore e tiro tudo o que não parece com um elefante”.

Pegue um bloco de tempo e tire tudo o que não é prioridade. Relacione suas atividades de acordo com a importância que cada uma tem em relação à outra. Escolhendo

deliberadamente dar mais tempo às coisas importantes para Deus, provavelmente descobriremos ser mais produtivos do que nunca. Quando buscamos primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, nossa produtividade não diminui. Somente quando fazemos o que é essencial, damos a Deus a

oportunidade de acrescentar ao nosso ministério aquilo que antes eram nossas prioridades.

Se nossas prioridades não são bem-direcionadas, nosso ministério também não será.

Fracasso

Por que às vezes acontece?

Recentemente, conversei com um pastor bem desanimado. Seus diáconos não o apoiavam, a congregação estava apática e a esposa estava reclamando do baixo salário pastoral.

Ele estava buscando sair de forma honrosa, um meio de se demitir com dignidade. Planejou candidatar-se ao cargo de vendedor numa empresa em que trabalhara antes de se decidir pelo seminário. Independentemente de ter sido chamado para o ministério, sentia como se tivesse investido tudo de si e como recompensa recebera uma experiência negativa depois da outra.

O quefoi responsável pelo fracasso?

Aquele pastor era um fracasso? A resposta depende da perspectiva de cada um.

Existem pelo menos dois tipos de fracasso. Podemos fracassar aos olhos dos homens. Isso nos fere o ego. Quem se envolve em trabalhos públicos é observado por muitas pessoas; não existe essa história de “se demitir sem alarido”. A menos que sejamos transferidos para igrejas maiores, nossa saída é vista como fracasso.

Evidentemente é possível fracassar aos olhos humanos e ter sucesso aos olhos de Deus. O profeta Isaías foi chamado para ser um fracasso (Is 6). Se seu ministério fosse medido por estatísticas, não ganharia o Prêmio de Melhor Profeta.

Entretanto, o inverso também é possível: podemos ter sucesso aos olhos dos homens e ser um fracasso aos olhos de Deus. Nesse segundo tipo de fracasso, podemos dizer a nós mesmos que nosso sucesso é para a glória de Deus, mas o motivo oculto pode ser a exaltação pessoal.

Isso nos leva à seguinte questão: É possível ser chamados por Deus e mesmo assim fracassar? Sim. Foi o que aconteceu com os discípulos em Lucas 9.

O fracasso dos discípulos

Pedro, Tiago e João tinham acabado de descer do monte da transfiguração com o Senhor Jesus. Uma multidão se reunira para assistir enquanto os outros discípulos libertavam um menino da escravidão dos demônios.

O pai do menino correu parajesus, clamando: “Mestre, rogo-te que dês atenção ao meu filho, pois é o único que tenho. Um espírito o domina; de repente ele grita, lança-o em convulsões e o faz espumar; quase nunca o abandona, e o está destruindo. Roguei aos teus discípulos que o expulsassem, mas eles não conseguiram” (Lc 9.38-40).

Mas eles não conseguiram! Então pode haver fracasso no ministério. Como qualquer pregador sabe, é difícil reunir uma multidão; quando você consegue uma, deseja fazer o melhor. Entretanto, embora os discípulos quisessem glorificar a Deus, não conseguiram realizar o milagre. A multidão estava a ponto de se dispersar, desapontada.

Vamos dar aos discípulos o crédito de ter tentado. Alguns pastores nem chegam a tentar expulsar demônios. Pelo menos eles se expuseram ao risco do fracasso. Não recuaram.

Apesar disso, fracassaram. Será que foram além do chamado? Estavam tentando fazer algo além da habilidade e do conhecimento que tinham? Não. Anteriormente, Cristo chamara os Doze e lhes dera “poder e autoridade para expulsar *todos* os demônios” (Lc 9.1; grifo do autor). Deveriam ser capazes de expulsar aquele demônio resistente.

Estavam agindo fora da vontade de Deus? Não; estavam exatamente onde Deus os queria. As vezes, porém, ao fazermos a vontade de Deus, experimentamos algumas das maiores dificuldades. Podemos falhar justamente na realização daquela tarefa para a qual Deus nos chamou.

Numa ocasião anterior, os discípulos foram instruídos a atravessar o mar da Galiléia e encontrar Jesus do outro lado. Apesar de terem obedecido, enfrentaram uma das piores tempestades no lago. Sim, com freqüência a vontade de Deus depara com dificuldades e perigos; muitas vezes isso ocorre exatamente no lugar em que experimentamos maior resistência.

Agora, porém, enquanto os discípulos estavam ah no sopé da montanha, tentando expulsar um demônio, o chamado deles parecia sem sentido, a comissão e a autoridade não estavam funcionando. Por quê? Vemos três razões no texto.

Razões para o fracasso dos discípulos

Primeira: faltou-lhes fé. Jesus respondeu: “O geração incrédula e perversa, até quando estarei com vocês e terei que suportá-los?” (Lc 9.41).

Cristo chamou-os de incrédulos. Qualquer que fosse a causa, não tiveram fé para aquele milagre em particular.

Nós, pastores, podemos nos identificar. Quase todos os problemas na congregação chegam ao nosso conhecimento. Vemos divórcio, falhas morais e conflitos de personalidade. Sob o peso de tais influências negativas, é fácil alimentar a dúvida.

“Se o poder de Cristo é tão grande, por que ele não restaura esse casamento? Por que ele não...?” Nessa altura, estamos a ponto de sofrer uma paralisia espiritual que nos impedirá de cumprir nosso chamado. Sem fé, somos totalmente impotentes.

Sabemos como pode ser desanimador quando nada sai como planejado, quando nossa família está sob ataque de Satanás e quando os membros da igreja estão contra nós. Quando nossa confiança em Deus é solapada, ficamos vulneráveis ao fracasso. Cristo chamou seus discípulos de “geração incrédula”.

Segunda: careciam de *disciplina.* Na passagem correspondente de Mateus 17, os discípulos perguntaram a Cristo por que não conseguiram expulsar o demônio; ele respondeu: “Porque a fé que vocês têm é pequena. Eu lhes

asseguro que se vocês tiverem fé do tamanho de um grão de mostarda, poderão dizer a este monte: 'Vá daqui para lá', e ele irá. Nada lhes será impossível" (Mt 17.20). Depois acrescentou: "Mas esta espécie só sai pela oração e pelo jejum" (v. 21).

Oração e jejum! A autoridade dos discípulos não era automática. O simples fato de terem expulsado demônios no passado não significava que teriam autoridade no futuro. O chamado tinha de ser renovado pela oração fervorosa e pelo jejum.

Talvez estivessem tão ocupados que não poderiam tirar um tempo para a renovação espiritual. Pode ser que tivessem começado a provar o próprio sucesso e não tinham mais tempo disponível para as coisas básicas.

Não somos muito adeptos do jejum. Warren Wiersbe diz: "Faça uma festa, e todos estarão lá. Faça um jejum, e não aparecerá ninguém". Sem disciplina, nossa capacidade de funcionar espiritualmente é prejudicada.

Há uma história sobre um homem que estava derrubando árvores, fazendo muita força, o suor escorrendo pelo rosto. Um amigo parou e lhe perguntou se tinha afiado o machado. O homem respondeu: "Não; tenho de derrubar todas essas árvores até a tarde e não tenho tempo para afiar o machado". Entretanto, todos sabemos que os dez minutos necessários para afiar a ferramenta seriam bem gastos. Semelhantemente, a disciplina espiritual é o meio pelo qual somos renovados — nosso machado é afiado.

Terceira: careciam de *humildade.* Fizeram a pergunta que ouvimos tanto nos nossos dias: "Quem é o maior no Reino do céu?" (cf. Fc 9.46). Quem tem a maior igreja, a maior Escola Dominical? Quem é o melhor pregador, o maior escritor?

Tais perguntas revelam um senso carnal de comparação. Numa noite escura, podemos discutir sobre qual estrela é a mais brilhante, mas, quando o sol nasce, não faz mais diferença — o brilho de todas elas se desvanece.

Paulo disse que aqueles que "se medem e se comparam consigo mesmos, agem sem entendimento" (2Co 10.12). Não sabemos quem é o maior pregador. Cabe a Deus decidir isso. Quando paramos de nos comparar

mutuamente e nos comparamos com Cristo, descobrimos que não há muita diferença entre nós.

O orgulho dos discípulos levou também a um espírito de crítica. Tentaram impedir que um homem expulsasse demônios em nome de Cristo porque “não era um dos nossos” (Fc 9.49). Aquele homem estava tendo sucesso justamente naquilo em que eles haviam fracassado. Como nós, olhavam com desconfiança para os que se saíam bem nas tarefas em que eles mesmos tropeçavam.

Muitas vezes Deus usa pessoas com as quais não concordo. As vezes meu orgulho me impede de ter júbilo com o sucesso dos que não pertencem à minha denominação ou discordam da minha teologia. Quando nos humilharmos, ficaremos alegres com o sucesso dos colegas e daremos a Deus todo o crédito por qualquer sucesso pequeno que alcancemos.

Você se recorda da história narrada no livro de Atos, segundo a qual os filhos de Ceva tentaram expulsar um demônio em nome de Jesus? Tinham visto Paulo libertar pessoas em nome de Jesus Cristo e acharam que também podiam. Pensaram que o nome de Jesus fosse um tipo de encantamento a ser usado sempre que quisessem. Entretanto, tiveram uma surpresa.

Um dia, o espírito maligno lhes respondeu: 'Jesus, eu conheço, Paulo, eu sei quem é; mas vocês, quem são?” Então o endemoninhado saltou sobre eles e os dominou, espan-cando-

os com tamanha violência que eles fugiram da casa nus e feridos.

(At 19.15,16)

Qual é a lição? Não podemos achar que nossa autoridade seja automática. Para obter vitória contra Satanás, é preciso muito mais que simplesmente proferir o nome de Jesus. Sem devoção e disciplina, descobriremos que não podemos realizar o ministério.

paralelas. Pode ser que tenha perdido a autoridade, não o chamado. Por isso as montanhas não estão se movendo, e os demônios estão se recusando a

sair.

Aprendi que, quando não posso exercer minha autoridade de ministro, Deus me chama de volta às coisas básicas. Fé, disciplina e humildade podem nos recolocar no lugar da bênção. Mesmo os discípulos comissionados fracassam, quando acham que o chamado é automático.

Razões dos nossos fracassos

Atualmente, as pessoas ainda se reúnem para ver demonstrações do poder de Cristo. Querem ver viciados ser libertos e casamentos ser restaurados. Querem ouvir cânticos alegres e a Palavra de Deus sendo pregada com poder. Entretanto, a menos que tenhamos fé, disciplina e humildade, não seremos capazes de cumprir nosso chamado.

Diremos a esta montanha “Atire-se ao mar”, ou ordenaremos aos demônios: “Saia em nome de Jesus”. Nada acontecerá, e a multidão se dispersará, frustrada. Sabemos que fomos chamados, mas nossa autoridade evaporou-se. Fracassamos na obra de Deus.

Pode ser que o pastor que planejou ser vendedor não tenha sido chamado. Pode ser que esteja na igreja errada. Novamente, pode estar dentro da vontade de Deus, mas passando por uma experiência de deserto, precisando apenas de alguém que o anime, que diga quanto é precioso. Ou talvez tenha considerado o chamado algo automático e tenha desenvolvido atividades

05 caídos

Como alcançá-los e restaurá-los?

Certa vez um professor de seminário disse a seus alunos que deviam se familiarizar com outra vocação além da pastoral, porque certa porcentagem deles se envolveria com imoralidade e teria de abandonar o ministério.

Há alguns meses, quando ouvi sobre um colega que estava sendo afastado por ter cometido adultério, pensei: “Ele era a última pessoa com quem eu imaginava que isso acontecesse”. Muitas vezes, porém, os últimos são os primeiros.

O alto preço do pecado

Recentemente, perguntei a alguns líderes evangélicos se um homem que tivesse caído em pecados sexuais devia ser restaurado ao pastorado. Disseram que era possível, mas altamente improvável. De acordo com ITimóteo 3.2, o presbítero deve ser “irrepreensível” ou “acima de reprovação”. E difícil reconquistar a confiança pública e reconstruir a reputação despedaçada contra as rochas da infidelidade.

Muitas pessoas, porém, acreditam que o padrão de Paulo nessa passagem refira-se à condição espiritual *atual* do presbítero. Por exemplo, deve ser “não apegado ao dinheiro” (v. 3), mas isso não exclui a possibilidade de ter sido apegado ao dinheiro no passado, mesmo depois da conversão. Há crescimento na vida cristã; há transformação.

Essas qualidades referem-se a um homem que cresceu na espiritualidade e deixou a vida de pecado para trás. A primeira vista, parece razoável que, se um homem cai em pecado sexual e depois se arrepende e se submete à disciplina da igreja, pode voltar a ser “irrepreensível”, porque tratou do pecado de forma bíblica.

Tendo isso em mente, perguntei aos mesmos líderes se a igreja deles chamaria para o pastorado um homem que tivesse caído, mas posteriormente tivesse demonstrado fruto de arrependimento. Mais uma vez a resposta foi negativa — a menos que já se tivesse passado um bom tempo e a questão já estivesse esquecida. Alguns, porém, conheciam casos em que um homem foi restaurado a um ministério bem-sucedido, mas a congregação não sabia sobre seu passado.

Minha pesquisa informal, contudo, foi realizada vários anos antes da restauração de alguns pastores bem conhecidos que tinham caído em pecado sexual. Tenho a impressão de que, se as mesmas perguntas fossem feitas hoje, muitos líderes estariam mais abertos à possibilidade de restauração. Posso me alegrar com essa mudança, mas também me preocupa que os padrões elevados para o ministério estejam sendo solapados. O que a restauração ministerial diz aos jovens tentados a encontrar satisfação fora dos limites do matrimônio? Sabendo que a mente pode racionalizar qualquer pecado que o coração deseja cometer, é fácil um pastor pensar: “Veja o pastor Fulano. Pecou e depois foi

restaurado. Não é tão complicado”.

Marshall Shelley escreve: “Por um lado, os pastores são humanos. Pecam diariamente. Por outro lado, dedicam-se a uma profissão na qual caráter é fundamental. São chamados para liderar, ensinar e ser modelos não de uma habilidade técnica, mas de vida. Quando os pastores caem, podem ferir muitas pessoas”.[1]

Sim, é impossível que um pastor tropece e caia sem fazer com que outros também tropecem na carreira da vida. Alguns aproveitarão o ensejo para pecar; outros perderão a esperança de que a pureza sexual possa ser preservada.

Pode-se afirmar que somos inconstantes em nossos padrões. Enquanto se exige que haja afastamento do ministério em casos de pecado sexual, os pecados espirituais são desconsiderados. O apóstolojoão definiu três raízes do pecado: orgulho, cobiça e luxúria (ljo 2.16). Mesmo assim, nunca conheci um pastor que tenha sido afastado por causa de orgulho ou amor ao dinheiro.

Martinho Lutero escreveu: “Com freqüência Deus permite que um homem caia ou permaneça em pecados terríveis, para que seja envergonhado aos seus próprios olhos e aos olhos de todos os homens. De outra forma, não pode manter-se livre desse grande vício da honra vazia e da fama, orgulhando-se dos próprios dons e virtudes”.[2] Sim, muitas vezes o orgulho está na raiz de outros pecados, até mesmo da imoralidade sexual.

Entretanto, não importa quanto o orgulho seja ofensivo a Deus, o pecado sexual tem seu próprio destaque. Paulo escreveu: “Fujam da imoralidade sexual. Todos os outros pecados que alguém comete, fora do corpo os comete; mas quem peca sexualmente, peca contra o seu próprio corpo” (ICo 6.18).

A sexualidade é parte tão íntima de nossa vida, que não podemos falhar nela sem sentir culpa e vergonha. No adultério, há também os lembretes constantes das conseqüências do pecado na vida de outras pessoas. Além do mais, o matrimônio é o

Em razão da vergonha decorrente do pecado sexual, há a forte tendência de cometer outros pecados para encobri-lo. Se alguém tivesse dito ao rei Davi que embebedaria um homem e depois o mataria, ele não acreditaria. O pecado sexual, porém, o tomou mentiroso, ladrão e assassino.

Um líder de certa denominação, que investigou vários casos em que havia suspeita de infidelidade conjugal, disse ter ficado surpreso de ver quantas vezes os pastores mentiam, até invocando o nome de Deus, para cobrir o pecado. Mesmo assim, não deveria ficar surpreso. Uma vez que o homem consegue violar um dos mandamentos mais claros de Deus, outros pecados se seguirão com mais facilidade.

O pastor que cai nesse tipo de pecado também tende a desenvolver um padrão de infidelidade. A esposa de um pastor reclamou que o marido fora infiel não somente na primeira igreja em que atuou, mas também em todas as outras por onde passara. Seguia adiante acreditando que sairia ileso, porque ninguém estava disposto a fazer um escândalo.

O pecado sexual é um grave delito. Mesmo assim, com demasiada ff eqüência, por causa de um ato imoral isolado, empurramos um homem mais

para baixo, recusando-nos a perdoar e esquecer. Alguns ex-pastores arrependeram-se de verdade e sub-meteram-se à disciplina da igreja. Mesmo que não possam mais ser restaurados ao ministério pastoral, podem ser usados em ministérios correlatos.

A possibilidade de restauração

Em Gálatas 6.1, Paulo esclarece as dúvidas quanto à restauração: “Irmãos, se alguém for surpreendido em algum pecado, vocês, que são espirituais, deverão restaurá-lo com mansidão. Cuide-se, porém, cada um para que também não seja tentado”.

O que significa restaurar alguém que caiu? A palavra grega *katartizo* também era usada em referência à restauração de um osso quebrado. Infelizmente, muitos ossos do corpo de Cristo permanecem fraturados — nunca foram restaurados.

Num caso típico de um pastor que comete pecados escandalosos, ele é afastado quase imediatamente e — sem ter para onde ir — precisa abandonar a região. Seu salário é cortado, muitas vezes sem pagamento de qualquer beneficio. Envergonhado, não busca a companhia dos amigos e colegas. Estes se sentem constrangidos em procurá-lo, de maneira que uma cortina de silêncio é colocada sobre ele e sua família.

A esposa do pastor geralmente se sente muito mais ferida do que diz. Comprometida com Cristo e com a igreja, deve dizer as coisas certas: sim, ela perdoa ao marido; sim, fará o casamento funcionar. Entretanto, pode levar anos até que a confiança seja restabelecida e a alegria retorne ao relacionamento. Ela tem de conviver com a realidade dolorosa de que seu esposo violou a aliança entre ambos e teve intimidades sexuais com outra pessoa. Não é de admirar que a restauração do casamento leve tempo. Trata-se de um processo que não pode ser apressado.

O casal sente-se marginalizado, mas os amigos encaram o afastamento deles como sinal de que realmente não estão arrependidos nem dispostos a ser tratados. Os amigos não sentem liberdade para visitar o casal ferido,

sem saber o que dizer nem como os dois reagirão. Assim, as amizades tão desesperadamente necessárias não se desenvolvem.

Uma noite, jantei com dois amigos, ambos afastados do ministério por pecados sexuais. Perguntei-lhes quantas pessoas os tinham procurado para ajudá-los e com que ffeqüência os amigos oravam junto com eles. Fiquei chocado com a resposta: “Não recebo visitas; ninguém me procura para orar por mim”. Essa era a realidade, apesar de haver membros da igreja que moravam perto. Quando não matamos nossos feridos, com certeza os deixamos sangrando à beira do caminho.

Paulo identificou quem devia tomar a iniciativa: “vocês, que são espirituais”. Quando alguém cai em pecado, a diferença entre cristãos carnais e espirituais fica bem clara. Em nome da santidade, os cristãos carnais assumem uma atitude crítica, sempre exigindo a punição mais severa.

Um líder denominacional me contou que, quando um irmão cai, algumas pessoas quase mostram prazer, em vez de sentir tristeza e um sentimento de reflexão a respeito da própria vida. O crente “fariseu” usa o pecado alheio para a exaltação pessoal, parecendo ter prazer em pisar no irmão ferido. Não importa quantos pecados haja em sua vida, o “fariseu” verá a falha moral do pastor como mais uma razão para justificar os próprios deslizes ou para ser visto como ainda mais justo.

Um grupo de pastores comentava a notícia sobre um colega que havia sido afastado por causa de rumores de infidelidade sexual. Quando um dos presentes perguntou se alguém tinha entrado em contato com ele, houve silêncio. Ninguém tinha feito contato.

0 crente verdadeiramente espiritual ficará entristecido e perguntará como o irmão poderá ser restaurado. Não é aquele que caiu que deve operar a restauração; a iniciativa deve partir dos cristãos espirituais e sensíveis. Deverão estar dispostos a estender a mão, a despeito da possibilidade de ser mai-interpretados ou acusados de ser “transigentes com o pecado”.

Por último, como a restauração deve ser efetuada? Paulo disse: “com mansidão” (G16.1). Se alguém tem um osso fraturado, não permitirá que

seja colocado no lugar com um martelo. Tem de ser com cuidado. Não há lugar para condenação ou para atitudes farisaicas. Temos de ter consciência de que poderiamos cometer o mesmo pecado.

Se o irmão reconhece o pecado e se arrepende, a comunhão pode ser restaurada. Esse é o primeiro passo no longo processo de cura.

Entretanto, há uma diferença entre restauração no corpo de Cristo e restauração no ministério. Certamente o irmão restaurado poderá servir ao Senhor novamente, embora talvez de outra forma. Não podemos determinar o que Deus pode fazer por meio da vida do pecador penitente e restaurado. As vezes o pássaro com a asa quebrada pode elevar-se novamente às alturas.

Não vamos desistir de todo o torneio só porque o diabo ganhou uma partida.

1

Op. cit., p. 51.

1

Marshall SHELJJÍY, cit. ARMSTRONG, *Can fallen pastors be restored,* Chicago, Moody Press, 1995, p. 17.

Carnes ATKJNSON, *Luther's works:* the Christian in society. Philadelphia, Fortress, 1966, p. 45, v. 44.

espelho do relacionamento de Cristo com a igreja. Quando um pastor quebra a aliança do casamento, devemos crer que perdeu seu direito ao púlpito.

O pecado sexual geralmente se faz acompanhar de outros. Ao cometer adultério, uma pessoa quebra pelo menos outros cinco mandamentos. Coloca o desejo pessoal acima de Deus, rouba, cobiça, dá falso testemunho e quebra o mandamento explícito: "Não adulterarás" (Êx 20.14).

John Armstrong, em seu utilíssimo livro *Can fallen pastors be restored? [Podem-se restaurar pastores caídos ?*, escreve: “Assim, quando cometemos pecados sexuais, transgredimos diretamente o plano ordenado de Deus para a criação e sua maravilhosa santidade. Agredimos seu nome santo, seu caráter e sua lei sagrada”.[1] Quebra do voto do casamento, violação de outra pessoa numa relação íntima profana e destruição do quadro de confiança entre Cristo e a igreja — de fato, é uma questão seriíssima.

A igreja

Qual éo plano de Cristo?

Sempre que me perguntam “Onde é a sua igreja?”, sou tentado a responder: “Aos domingos, é na LaSalle Street, 1609, em Chicago; durante a semana, porém, está espalhada por toda a cidade!”.

A palavra *igreja* nunca é usada no Novo Testamento referindo-se a um edifício; sempre se refere ao povo de Deus, àqueles que foram “separados” por ele para formar o corpo de Cristo. Refere-se aos santos na terra, bem como aos santos no céu. Aquelas igrejas nos topos das montanhas, com um cemitério adjacente, transmitem uma profunda lição teológica: os santos militantes e os santos triunfantes são todos parte da mesma família. Por isso o cemitério fica ao lado da igreja — para chegar a ex-aluno, você primeiro tem de passar pela classe de formandos!

Creio ser de Reinhold Niebuhr a afirmação de que a igreja o fazia lembrar da arca de Noê — só dá para agüentar o mau cheiro no interior por causa da tempestade lá fora! Seja o que for que digamos sobre a igreja, uma coisa é certa: ela representa a mais elevada prioridade na pauta de Deus e em seu projeto para realizar seus planos na terra. Quando Jesus predisse a formação da igreja, ressaltou certos aspectos aos quais devemos estar sempre retomando, se não quisermos ficar andando em círculos. Suas palavras são conhecidas: “E eu lhe digo que você é Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do Hades não poderão vencê-la” (Mt 16.18).

Se entendermos os aspectos da igreja, seremos capazes de servir com liberdade e alegria.

O que aprendemos sobre a igreja nessa afirmação de Jesus?

A igreja pertence a Cristo

Jesus disse: “... edificarei a minha igreja”. Os crentes foram comprados por alto preço; compreensivelmente, somos propriedade de Deus. Se o valor de um objeto é determinado pelo preço que custou, então somos de fato valiosos. Não fomos comprados com prata ou ouro, mas com o sangue precioso de Jesus Cristo. A cruz é testemunho perpétuo de quanto o cristão vale para Deus! È claro que tal valor não é intrínseco; somos valiosos porque Deus nos ama. Ao escolher morrer por nós, o Senhor afirmou que somos infinitamente preciosos para ele.

As implicações para o nosso ministério são evidentes. O povo de Deus não existe para proveito próprio, mas para a glória *dele.* Em nossas relações interpessoais, devemos lembrar que estamos lidando com propriedade divina, o povo remido por Deus para seus propósitos. Por isso os líderes da igreja são exortados a ser humildes e a não exercer a liderança como ditadores: “Portanto, apelo para os presbíteros que há entre vocês, e o faço na qualidade de presbítero como eles [.] pastoreiem o rebanho de Deus que está aos seus cuidados. Olhem por ele, não por obrigação, mas de livre vontade, como Deus quer. Não façam isso por ganância, mas com o desejo de servir” (lPe 5.1-3).

Não há lugar para manipulação ou coerção dentro da igreja. Certamente, os líderes devem exercer a autoridade como as Escrituras ensinam, mas não com motivos escusos de exibir sucesso ministerial. Todas as técnicas de angariar fundos e programas de construção devem ser examinados atentamente; motivos ocultos continuamente devem ser submetidos ao exame cuidadoso do microscópio de Deus. Por quê? Porque estamos lidando com seu povo, obra de suas mãos.

Além do mais, devemos prestar contas uns aos outros. O líder que diz “Devo satisfações somente a Deus” fala com arrogância e ignorância. Esquece que Deus espera submissão e serviço mútuos por parte de todos os membros. Todos os cristãos pertencem à mesma família e compartilham os mesmos privilégios e responsabilidades.

Sempre que uso métodos carnais para alcançar objetivos dignos, demonstro que esqueci a quem a igreja pertence; sempre que tenho inveja dos que têm mais sucesso ou uso a igreja para exaltar minhas habilidades ou criar aparência de sucesso, esqueci a quem ela pertence.

É um alívio perceber que o povo da minha congregação é propriedade de Deus! Você não fica feliz de saber que os que teimosamente se recusam a aceitar suas opiniões não lhe pertencem? Como Moisés, de vez em quando temos de dizer a Deus: “Lembra-te de que esta nação é o teu povo”!

Se você nunca entregou sua congregação a Deus, faça isso agora. Descobrirá nova liberdade para servir, quando reconhecer Deus como o legítimo dono do seu povo.

Agora, vamos ao segundo aspecto da igreja.

Cristo edifica a igreja

Jesus disse: “... edificarei a minha igreja”. Em todo o nosso trabalho de evangelização e de discipulado, devemos reconhecer que não podemos fazer a obra de Cristo no lugar dele. Antes de partir, ele deu instruções aos discípulos para “fazer discípulos de todas as nações”, assim como fez enquanto esteve na terra. Agora somos seus representantes, estando em seu lugar durante seu período de ausência. Ele não produziu discípulos em massa, e nós também não devemos fazer isso!

Há alguns anos, participei de uma reunião dos Radialistas Religiosos e da Associação Nacional de Evangélicos em Washington, DC. Centenas de estandes exibiam o que havia de mais moderno em aparelhagem usada na propagação do evangelho ao redor do mundo. Depois de caminhar quilômetros no meio de todo aquele equipamento, comecei a me perguntar como a igreja primitiva fazia!

Certamente faziam discípulos pelos métodos mais difíceis, uma pessoa abrindo sua vida para outra no discipulado pessoal. Como aqueles cristãos não podiam contar com equipamentos para comunicação em massa, sentiam a obrigação de testemunhar com a própria vida e com seus lábios, para todos com quem cruzavam no caminho. Foi assim que a igreja foi edificada, e é como Cristo tenciona que ela continue crescendo hoje. Podemos ser gratos pela mídia cristã, mas não existem atalhos para a edificação da igreja.

As pedras para o templo de Salomão eram cortadas numa pedreira distante, carregadas até

a área da construção e encaixadas sem que se ouvisse o som de nenhum martelo. Na carta aos Efésios, Paulo diz que Deus está edificando uma habitação, e os cristãos são as pedras. Ele escolhe os que serão salvos e os reúne num relacionamento uns com os outros e consigo. Ele nos encaixa no edifício como lhe agrada. Está edificando um lugar no qual habitará (Ef 2.20-22).

A edificação da igreja não é tarefa nossa, embora tenhamos parte no processo. Nossa responsabilidade é descobrir como Jesus trabalhou e depois repetir seus métodos. Reconhecer que ele é o construtor por excelência nos dá esperança e coragem no trabalho.

Atualmente, fala-se bastante sobre as metodologias de crescimento da igreja e como tomá-la mais atraente para os que a “procuram”. Certamente podemos aprender muito com os que üve-ram sucesso em ver a igreja crescer, partindo de um punhado de pessoas e chegando a milhares. O problema é que com fre-qüência o sucesso é atribuído a um método ou abordagem em particular. Já não é tempo de vermos as igrejas crescendo sem nenhuma explicação, exceto que Cristo soberanamente escolheu edificar sua igreja?

È confortante encontrar uma igreja cuja única explicação para o crescimento é a oração, a adoração e a sensibilidade para com a direção do Espírito Santo! É claro: não quero dizer que devemos esperar que as igrejas cresçam sem treinamento em evangelização, missões e discipulado. Cristo nos usa para fazer a obra. Temos de planejar, estabelecer metas e discernir o que Deus deseja de nós. Paulo diz: “trabalhamos juntamente com Cristo”. No final, porém, nosso povo deve estar convencido de que estão vendo a obra da mão do Todo-Poderoso.

Sempre que tentamos encontrar explicação humana para os empreendimentos divinos, Cristo é despojado do crédito que merece. Devemos aprender o que pudermos com os especialistas, mas nunca apontar para os métodos como explicação para o sucesso. Temos de depender de Cristo para o crescimento da igreja e ter certeza de que ele recebe o louvor.

Mais uma explicação: se uma igreja em particular não está crescendo em número, nem sempre a culpa é dos instrumentos humanos. Igrejas em regiões hostis às vezes experimentam crescimento lento por causa de perseguições e conflitos culturais. Mesmo em nosso país, há épocas em que a igreja não está em falta por não crescer. Não digo isso como pretexto para a preguiça e a falta de visão, mas simplesmente afirmando que o crescimento da igreja em última análise está nas mãos de Cristo, não nas nossas. E há mais.

Cristo preserva a igreja

Ele disse: "... as portas do Hades não poderão vencê-la..." (Mt 16.18). A expressão provavelmente refere-se à sua morte iminente. A mesma expressão foi usada pelo rei Ezequias em Isaías 38.10, referindo-se à sua própria morte. Aparentemente, Jesus estava dizendo: "embora as portas do Hades se fechem atrás de mim, não terão poder de me manter preso. O avanço da igreja não será interrompido pelos aparentes recuos. A igreja é indestrutível".

Isso devia tirar um pouco da pressão sobre os nossos horários e compromissos! Podemos nos envolver na edificação da igreja com um senso de confiança, crendo que o propósito

supremo de Deus será realizado. Quando os cristãos de Roma acharam que a incredulidade de Israel estava frustrando os propósitos divinos, Paulo assegurou: "Não pensemos que a palavra de Deus falhou. Pois nem todos os descendentes de Israel são Israel" (Rm 9.6).

A ilustração é de um navio que não se desviou da rota. Paulo está dizendo que a palavra de Deus não está "fora do curso". Os propósitos de Deus estão dentro do programado; sua obra no mundo continua e será concluída.

Paulo escreveu: "... edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, tendo Jesus Cristo como pedra angular, no qual todo o edifício é ajustado e cresce para tornar-se um santuário santo no Senhor. Nele vocês também estão sendo edificados juntos, para se tornarem morada de Deus por seu Espírito" (Ef 2.20-22).

Observe os três verbos usados na voz passiva pelo apóstolo para mostrar que a igreja é edificada e preservada por Deus. Fomos “edificados”, “ajustados” e novamente “edificados juntos para [nos tornarmos] morada de Deus por seu Espírito”. Os cristãos estão sendo trabalhados por Deus, que está no processo de fazer sua obra na terra. Como as pedras mencionadas anteriormente, Deus está usando seu cinzel e martelo, conformando a igreja a seus propósitos.

Que incentivo! Estar envolvido com Cristo na edificação da igreja é uma aventura sem nenhum risco. O sucesso final está garantido. Peter Marshall disse: “E melhor fracassar numa causa que no final terá sucesso que ter sucesso numa causa que no final fracassará”. Pense nas implicações: embora possamos fracassar de muitas maneiras, estamos engajados num projeto que é a mais alta prioridade de Deus, e o sucesso final é inevitável. As portas do Hades não prevalecerão.

Cristo dá poder à igreja

Jesus disse a Pedro: “Eu lhe darei as chaves do Reino dos céus; o que você ligar na terra terá sido ligado nos céus, e o que você desligar na terra terá sido desligado nos céus” (Mt 16.19). Posteriormente, ele deu a mesma autoridade a todos os apóstolos.

Aqui, Cristo está dando aos apóstolos poder para cumprir suas obrigações. Seria inadmissível ter dado aos discípulos um plano de ação sem dar-lhes condições de executá-lo. Se mando meu filho à mercearia, tenho de lhe dar o dinheiro. Seja a lista longa ou curta, sejam as mercadorias caras ou baratas, ele olhará para mim à espera dos recursos. Cristo precisa dar os recursos necessários aos que trabalham com ele na edificação da igreja. Toda a autoridade foi dada a ele e por isso pode nos dizer: “Vão”.

A igreja é a prioridade número 1 de Deus no mundo. Ela revela sua sabedoria, agora e no porvir, para que “.a multiforme sabedoria de Deus se tornasse conhecida dos poderes e autoridades nas regiões celestiais, de acordo com o seu eterno plano que ele realizou em Cristojesus, nosso Senhor” (Ef 3.10,11).

Cristo não nos deixou desamparados. Habita em nós e opera conosco na edificação da sua igreja. Quando Agostinho soube que Roma fora saqueada, dizem que respondeu: “Tudo o que os homens constroem também destruirão [...], por isso, continuemos a edificar o reino de Deus”.

Como tudo o que os homens constroem eles também destro-em, sigamos adiante com o projeto de edificar a igreja, pois nosso Senhor prometeu que as portas do Hades não prevalecerão contra ela. Não há riscos. Temos sua promessa de sucesso etemo.